

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**Um *Sítio* maior do que um *site*:**

**Monteiro Lobato, sempre**

**VANIA LÚCIA DA COSTA MAIA DOS SANTOS**

**FLORIANÓPOLIS, 2002.**

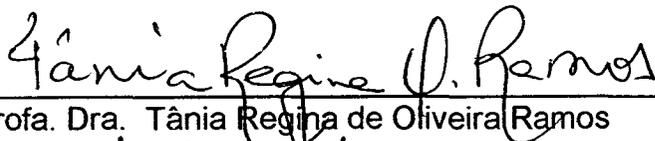
# Um Sítio maior do que um site: Monteiro Lobato, sempre

## Vânia Lúcia Maia dos Santos

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

### MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



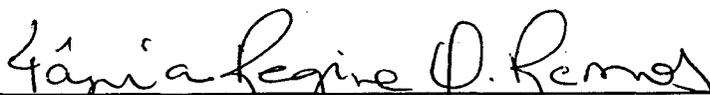
Prof. Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos  
ORIENTADORA



---

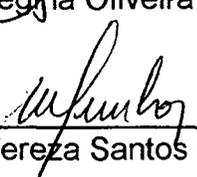
Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos  
COORDENADOR DO CURSO

#### BANCA EXAMINADORA:



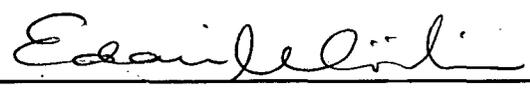
---

Prof. Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos (UFSC)  
PRESIDENTE



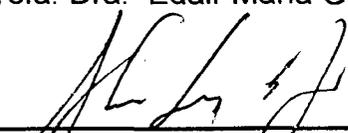
---

Prof. Dra. Maria Tereza Santos Cunha (UDESC)



---

Prof. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)



---

Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos  
(UFSC-suplente)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**Um *Sítio* maior do que um *site*:**

**Monteiro Lobato, sempre**

VANIA LÚCIA DA COSTA MAIA DOS SANTOS

*Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do grau de Mestre em  
Literatura Brasileira*

FLORIANÓPOLIS, 2002.

**Um Sítio maior do que um *site*:**

**Monteiro Lobato, sempre**

**VANIA LÚCIA DA COSTA MAIA DOS SANTOS**

**Esta dissertação foi julgada para a obtenção do título**

**MESTRE EM LITERATURA BRASILEIRA**

**Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Profª Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
Orientadora**

**Profª Dra. Maria Tereza Santos Cunha  
Banca Examinadora**

**Profª Dra Edair Gorski  
Banca Examinadora**

*As pessoas sem imaginação podem ter tido as  
mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras  
mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou.  
Uma vida basta ser vivida: também precisa se sonhada*

*Mário Quintana*

## DEDICATÓRICA

*Dedico esta dissertação aos únicos homens de  
minha vida:*

*Ao meu pai que me deu o exemplo da leitura,  
apresentando-me e presenteando-me com a coleção de  
Monteiro Lobato quando criança, da educação, pois  
dizia que era o único caminho para quem gostaria de  
chegar mais longe e do gostar de viver que com certeza  
foi a força e a lição que me deixou para sempre.  
Obrigada pai, pelo seu jeito de olhar, sorrir e ser  
eternamente meu herói...*

*Ao meu marido, me dando força todos os dias,  
dividindo seu tempo no trabalho e em casa, cuidando de  
nossa filha; escutando minhas reclamações e tentando  
amenizar minha ansiedade. Wá, sem você eu não  
conseguiria executar mais este sonho. Obrigada por me  
amar tanto, obrigada por estar sempre ao meu lado,  
obrigada por existir....*

## AGRADECIMENTOS

*A minha irmã Silmara da Costa Maia que disponibilizou seu tempo precioso para me apoiar em textos, correções e seu ombro amigo quando estava desanimada querendo deixar tudo e "sair correndo".*

*A minha Orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos, que por muitas vezes "me puxou as orelhas" colocando meus pés no chão, incentivando-me neste tema pelo qual tenho verdadeira paixão, direcionando-me para leituras que estruturaram este trabalho.*

*A minha mãe, que como sempre está ao meu lado ouvindo meus lamentos e me dando forças.*

*A minha filha Gabriela, que além de ter gravado todos os episódios do Sítio, me deu a chance de ver de forma diferente todas as alterações do programa, já que suas intervenções eram pertinentes ao assunto.*

*À Áurea e Jara, grandes amigas que me proporcionaram condições de efetuar este trabalho com segurança e satisfação, auxiliando-me e incentivando-me nas etapas dessa caminhada.*

*À Coordenação do Colégio Salesiano, em especial Gracia e Ênio, que sempre me incentivaram para este Mestrado, entendendo meus compromissos e estudos.*

*A Banca Examinadora (Maria Tereza e Edair) pela contribuição respeitosa e verdadeira.*

## RESUMO

Esta dissertação, que passa por um exercício de memória individual, objetiva, em um primeiro momento, uma retomada à obra e ao papel histórico de Monteiro Lobato no que se refere à modernização da prática editorial brasileira e à luta pela conquista de leitores infantis, já no início do século XX. Em um segundo momento, objetivou-se ler uma literatura de Monteiro Lobato para o século XXI: acompanhada da mais alta tecnologia, a Rede Globo de Televisão trouxe, mais uma vez, a obra do autor para o imaginário dos brasileiros. Trata-se especialmente da adaptação de *No Reino da Águas Claras* para a qual, como em versões anteriores, houve o cuidado de “alterar” pela tecnologia, mas resguardar a essência das histórias originais. Esta versão, como toda a obra de Monteiro Lobato, integra-se também em uma dinâmica pedagógica, motivando as crianças telespectadoras (ou os adultos) a interagirem cotidianamente com a obra, recurso moderno e eficiente para a criação e a manutenção de um *leitor* cativo.

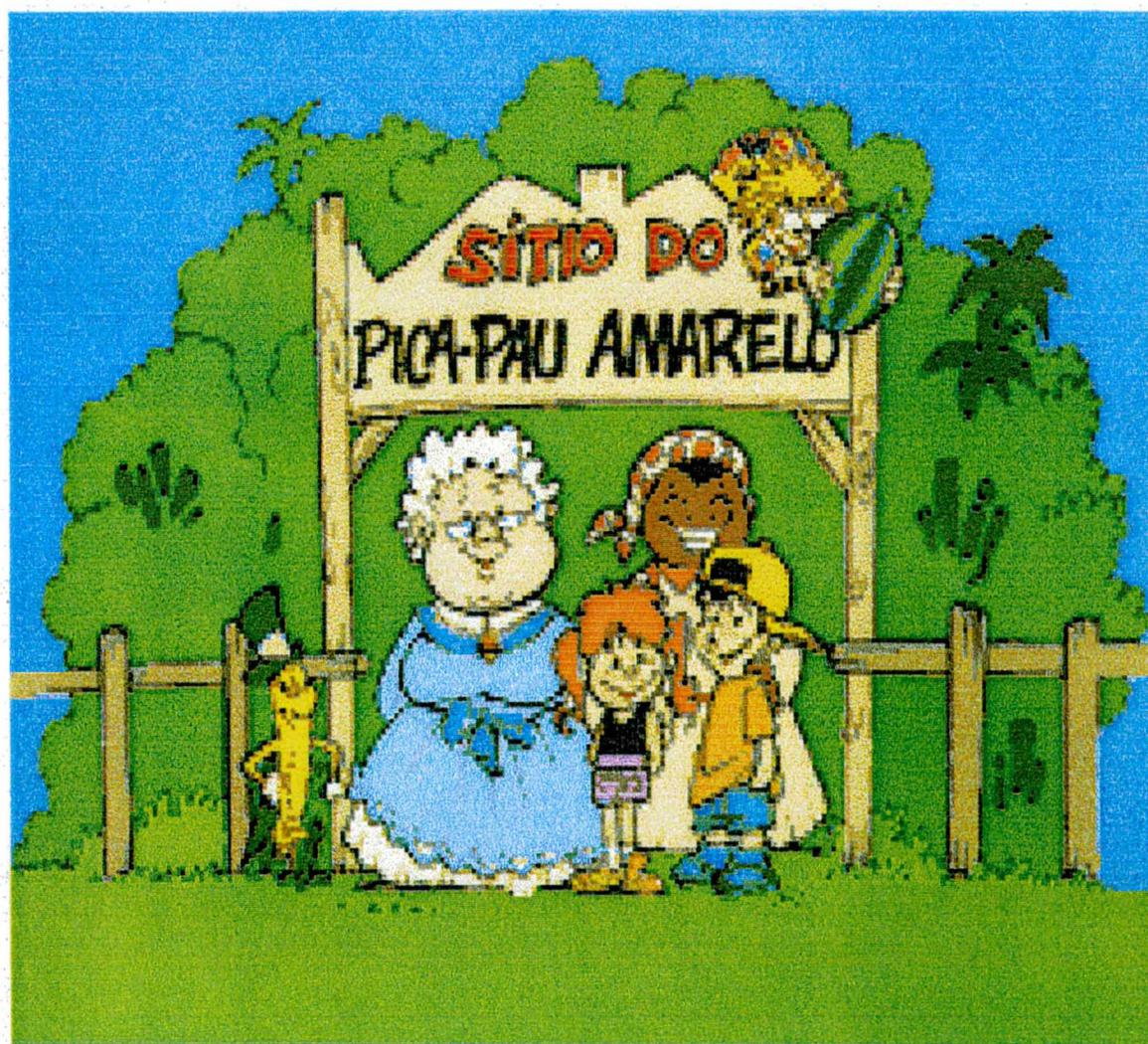
## ABSTRACT

The purpose of this dissertation, which is built upon the exercise of individual memory is, firstly, to recover the work and historical role played by Monteiro Lobato, with regard to the modernization of Brazilian editorial practice and the struggle to attract young readers, at the very beginning of the 20<sup>th</sup> century. Secondly, it is aimed at the reading of Monteiro Lobato's literature for the 21<sup>st</sup> century. With the help of the most modern technology, the Globo TV network has once more, brought the work of this writer back to the imagination of the Brazilian people. Finally, this study deals in particular with the TV adaptation of *No Reino das Águas Claras* (*The Kingdom of Clear Waters*) which, in previous versions, was carefully 'altered' by technology, although its original story had remained untouched. This version, as well as the complete works of Monteiro Lobato, is also part of a pedagogical approach, encouraging TV watching children (or even adults) to interact, on a daily basis, with Lobato's work, which is a modern and efficient resource for the creation and maintenance of a captivated reader.

**SUMÁRIO**

<b>Entrando n 'O Sítio.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I : 1. Monteiro Lobato, sempre .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo II: 2. Monteiro Lobato: A Leitura e a sua Literatura .....</b>	<b>28</b>
<b>Capítulo III: 3. Sítio do Picapau Amarelo: Um espaço para o conhecimento .....</b>	<b>35</b>
<b>Capítulo IV: 4. Monteiro Lobato na Escola Hoje.....</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo V: 5. Um Sítio antes dos Sites.....</b>	<b>50</b>
<b>Capítulo VI: 6. Pais e Filhos: Duas Gerações no mesmo Sítio.....</b>	<b>57</b>
<b>Capítulo VII: 7. Nova versão, novas visões .....</b>	<b>62</b>
<b>Capítulo VIII: 8. Imagens e Viagens: No Reino das Águas Claras.....</b>	<b>74</b>
<b>Saindo d' O Sítio .....</b>	<b>86</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>89</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>95</b>

# ENTRANDO N'O SÍTIO



## ENTRANDO N' O SÍTIO

*(...) Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com o meu nariz, pego com minhas mãos o provo com a ponta da língua, dizem os adultos - mas não é verdade. Eles acreditam em mil coisas que seus olhos não vêem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam.*

*Monteiro Lobato*

Conhecer, refletir ou analisar a obra de Monteiro Lobato não é apenas um desafio, mas é uma tarefa apaixonante. Viajar através de sua obra e se surpreender com suas fantásticas histórias, contemplando a construção de um mundo mágico paralelo à realidade que ele nos traz, é desvendar e conhecer cada vez mais este autor, cujo objetivo maior era, sem nenhuma dúvida, a de formar leitores. Neste seu objetivo estava embutido um outro: o de revolucionar a indústria editorial no Brasil, fixando-se na memória e no coração dos brasileiros, graças ao conjunto de uma obra literária, disseminada pelo país, voltada para crianças, jovens e adultos. Crítico, teimoso, paciente, como registram seus biógrafos, Monteiro Lobato foi, antes de tudo, um homem sensível. Um dos seus principais legados foi mesmo este sobre o qual procurei me deter: criar uma literatura para crianças, uma espécie de festa literária, o que, por princípio, sugere a leitura como ludicidade ou fonte de prazer.

É neste ponto que abro um espaço para minha história de leitura, procurando justificar todo meu entusiasmo não só pelo Autor, mas também por uma retomada ao imaginário de novas gerações, através da nova adaptação televisiva. Meu pai, leitor assíduo, trazia em sua bagagem de luta e de vida a certeza de que a maior herança que poderia deixar para mim e

minhas irmãs era a oportunidade de estudar e de aprender; e este foi sempre o seu maior investimento. Assim, incentivou-me a ler, através de seu próprio exemplo, e de sua própria ação. Já alfabetizada, meu pai trouxe para casa a coleção completa de Monteiro Lobato, livros grandes, coloridos, capa dura, que a cada página nos ofereciam uma viagem por lugares nunca antes navegados.

Comecei a ler, um por um, e o *Sítio do Picapau Amarelo* começou a fazer parte de minha vida. Hoje, distanciada desta experiência, consigo lembrar de como era bom ler, sentir e imaginar ao mesmo tempo. Aquelas personagens diferentes, interessantes e misteriosas, falando de "temas adultos", numa linguagem compreensível, encantavam-me. Libertei-me de algumas angústias infantis, muitas vezes, lendo Monteiro Lobato. Acredito que comecei a formar opiniões e ter coragem de dar respostas através, e principalmente, das "maluquices" da Emília. Lembro que nem sempre concordava com ela, mas me divertia com sua coragem de dizer tudo o que pensava.

Hoje, professora de adolescentes e mãe de uma menina de doze anos, que também se envolveu com o *Sítio* de Lobato, através de leituras nas séries iniciais do ensino fundamental e através da televisão com o retorno dos episódios de *O Sítio do Picapau Amarelo*, amarro as duas pontas de minha vida, como diria Machado de Assis. Percebo que a aprendizagem formal de minha filha se deu, no espaço da escola, permitindo uma visão segura e criativa diante de questões postas, principalmente aquelas relacionadas à linguagem, remetendo-se mesmo, de forma citacional, a falas e trejeitos dos personagens de Lobato. Uma criança que interage efetivamente com aquilo que lê, pode fazer da leitura uma forma de libertação da imaginação e crescer mais segura e capaz de imaginar para além do princípio da realidade. E mais importante ainda, poderá ser sempre uma criança, no que diz respeito à imaginação e criatividade. Monteiro Lobato assim se confirma no meu universo particular e é, pois, este escritor que fez uma obra que entretém e sugere para a criança uma outra forma de viajar,

conhecer, entender modificar o mundo em que vive, através de situações cotidianas ou da familiaridade com lendas, personagens literários, inseridos em um universo familiar verossímil.

Dessa forma, me pergunto, o que permite esta atemporalidade de Monteiro Lobato, possibilitando esta releitura televisiva hoje? Talvez, a sua obra seja atemporal, porque apesar de os brinquedos industrializados e os jogos japoneses invadirem o universo infantil atual de forma mecanicamente pronta e completamente apática, a obra do escritor, fora do contexto em que foi produzida, continua oportunizando o imaginário infantil. Basta conferir em alguns episódios da versão televisiva atual, nas quais algumas personagens possuem as mesmas características da obra original e outras apresentam uma nova forma de representação, permanecendo somente a originalidade das falas e do modo de agir, miticamente inabalável. Tal originalidade, embora construa e reconstrua situações vividas dentro do *Sítio*, segue utilizando o velho tempero de Lobato, a liberdade da ação e da imaginação. Em outras palavras pode-se dizer que Monteiro Lobato traduziu a obra infantil brasileira através da imaginação, da fantasia, contribuindo decisivamente para uma literatura diferenciada e atemporal. Quem sabe, esta seja a origem do *mito Lobato*, escritor que acreditava que a prioridade cultural no Brasil deveria objetivar as crianças, pois, estas sim, poderiam mudar, inovar, melhorar a sociedade brasileira.

Assim, preocupado com a mais ampla difusão de sua obra, Monteiro Lobato defendeu a idéia de que o livro deveria ser vendido em farmácia, quitanda, ou outros pontos de vendas, onde pudesse atingir os leitores em potencial. Numa entrevista à revista *Leitura*, em 1943, Lobato evoca sua perplexidade de editor novato em sua decisão transformadora:

"A primeira dificuldade que encontramos foi essa: o Brasil queria ler, mas faltava quem lhes vendesse os livros. Que adianta escrever para

não ser lidos? Escrever para os amigos não dá dinheiro... Após os lançamentos das nossas primeiras edições, verificamos que em todo esse vasto e cantado território, não havia mais de oitenta livrarias... Livrarias? Melhor dito, tipografias que vendiam alguns livros... Incrível! Como fazer circular o livro sem, pelo menos, uma porta que o exiba? Foi então que tomamos uma resolução revolucionária. Eis o que reivindico: fui um revolucionário nos métodos empregados. Redigi uma circular que mandei remeter aos endereços de pessoas conhecidas ou do prefeito de cada localidade. Essa circular dizia mais ou menos: pedimos o favor de indicar-nos um livreiro, ou um vendeiro ou um açougueiro, qualquer pessoa honesta estabelecida que possua no mínimo uma porta onde expor a mercadoria que pretendemos oferecer-lhes. Vieram os endereços. A estes, nova circular, propondo aceitar nossos livros em consignação. O senhor, escrevíamos ao interessado, não terá de pagar-nos. Se a mercadoria encalhar, devolva; se for vendida, remeta-nos o dinheiro menos a percentagem que lhe toca. Trata-se de mercadoria que o senhor não precisa examinar nem saber se é boa, nem vir a encolhê-la. O conteúdo não interessa ao senhor e, sim, ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através de suas explicações nos catálogos, prefácios, etc. Negócio da China! Recebemos inúmeras respostas, fomos fazendo nossos fichários. Criamos novas possibilidades antes nem sonhadas. E foi lindo. E o negócio de livros prosperou. E surgiram novas editoras. Enfim, fui um pioneiro, mas não um herói nacional..."<sup>1</sup>

Imbuído do desejo da ampliação do repertório e da capacidade de debate da juventude

---

<sup>1</sup> NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 38,39.

brasileira, Monteiro Lobato fez de *O Sítio do Picapau Amarelo* uma grande e divertida enciclopédia cultural, onde se encontra desde a origem do mundo, passando por Shakespeare, pelo folclore brasileiro e pelas grandes invenções. Ou seja, em sua “enciclopédia”, Lobato vai do mito à ficção científica, o que nos permite concluir que provavelmente seria seduzido pela internet, por seu caráter democrático e globalizante e pelo que oferece de lúdico e colorido no seu potencial de hipertexto. Enfim, podemos dizer que ele anunciou através de sua literatura este potencial de um *site*, uma grande praça, onde as barreiras à realidade não mais existem para servir aos propósitos do prazer e do pensar. E incorporou a esta praça todo o conhecimento disponível na época. Convém registrar que Monteiro Lobato foi o primeiro brasileiro a defender a formação de espaços culturais públicos, a criação de biblioteca infantil, a formação de rodas de histórias, como se nos preparasse para os espaços multimídias. Defendeu a exposição e distribuição de livros em pontos não tradicionais, como já foi dito, para que toda a população tivesse acesso à leitura/literatura.

Viver novamente este mundo de magia, em *O Sítio do Picapau Amarelo* é assim muito significativo para mim, agora não mais como uma criança curiosa, mas sim como uma professora que, apesar de livros e informações sistematizados em saberes específicos, nunca deixou de acreditar no *efeito do pó de pirlimpimpim*, passagem para qualquer viagem e aventura.

Assim, calcada no meu entusiasmo pessoal, a minha dissertação terá três momentos subdivididos em oito capítulos. Em um primeiro momento procuro resgatar a própria pessoa Lobato e seu contexto, através mesmo de seus biógrafos no que se refere à idéia mesma *do homem que fez*. Em um segundo momento mesclo algumas reflexões sobre a questão da leitura e o papel de Monteiro Lobato, onde pretendo chamar a atenção sobre alguns elementos da obra *O Sítio do Picapau Amarelo* para tentar mostrar as inovações da nova versão televisiva da obra de Lobato, centrando-me no episódio *No Reino das Águas Claras*. Em um

terceiro momento faço algumas reflexões sobre o papel da mídia e da crítica nesta recuperação da obra. Esta minha leitura, bastante entusiasmada, buscará mostrar como a tecnologia e as inovações televisivas não interferem e nem modificam a essência da obra, sempre voltada para a criança curiosa, criativa e inteligente. Para refletir sobre literatura e mídia vou anexar, no corpo mesmo da dissertação, textos que reúnem um número significativo de ações e de rejeições de críticos de cultura em relação à leitura feita pela equipe de adaptadores contratados pela Rede Globo de Televisão, que a partir de 2001 possui um horário diário para a apresentação do programa.

Escolhi *No Reino das Águas Claras* uma vez que os episódios já estão reunidos em vídeo, e são estes episódios que nos transportam às primeiras narrativas escritas por Monteiro Lobato, quando Dona Benta, Tia Nastácia e Narizinho esperam ansiosamente a chegada de Pedrinho ao sítio para passar as férias; Emília deixa de ser uma simples boneca de pano "muda de nascença" para tornar-se uma "boneca tagarela"; Visconde de Sabugosa, depois de confeccionado por Pedrinho, acorda entre livros e começa a elaborar sua sabedoria científica, misturando o folclore brasileiro e credices populares, como o Saci e a Cuca. Todas estas personagens invadem o sítio ficcional de *O Sítio do Picapau Amarelo*, acrescidas da liberdade poética proporcionada pelos adaptadores: Cláudio Lobato, Mariana Mesquita, Toni Brandão e Luciana Sandroni. E foi assim que mitos, contos de fadas, misturam-se à computação gráfica que não podem mais ser desconsideradas nesta nova expectativa do universo infantil contemporâneo.

Desta maneira criou-se um novo mundo imaginário do "Sítio do Picapau Amarelo", lugar ideal, uma escola da vida, onde se aprende o tempo todo, brincando e jogando com o conhecimento. Uma grande festa da ficção, onde as mais diversas manifestações de cultura (como o obra de Homero ou Miguel de Cervantes) estão misturadas às personagens de cinema tal como Shirley Temple e os de quadrinhos, como Tom Mix, o Gato Felix, e Popeye,

personagens importantes para a geração dos avós das crianças que conhecem hoje a obra de Monteiro Lobato. Ana Maria Machado acredita nesta fidelidade. No artigo "Fazer média e fazer mídia", de uma revista virtual, diz que: "A versão anterior ficava proibida, por exemplo, de levar os personagens em viagem à Grécia Antiga como estava nos livros, tendo que trocá-la por Roma e substituir Péricles por César. Agora, não, está tudo na telinha, até mesmo com alguns diálogos literais..."<sup>2</sup>.

O incentivo ao conhecimento das obras de Monteiro Lobato através da televisão é inegavelmente um caminho que passa do visual para o intelectual e do concreto para o abstrato. A fidelidade da obra é um compromisso com a criança que passa por este processo e as demais que tiveram a oportunidade de ler algumas histórias contadas pelas personagens de Monteiro Lobato.

O universo de *O Sítio do Picapau Amarelo*<sup>3</sup> constitui assim uma espécie de *achado* maravilhoso, valorizado pelo impressionante exercício de imaginação. Na década de 30, em que nasceram as *Memórias da Emília* (1936), por exemplo, não havia televisão com todas as suas ofertas multicoloridas. O apelo era feito diretamente às cenas construídas pelo imaginário através das palavras e das poucas imagens inseridas nas narrativas. Assim eram vistos como, por exemplo, a Emília sempre à procura do Visconde de Sabugosa quando qualquer resposta não a agradava, Dona Benta deixando-a livre para "aprender com a vida". Estes índices narrativos já nos revelam a vovó cheia de sabedoria; a boneca de pano irreverente, o Visconde

---

2 MACHADO, Ana Maria. *Fazer média e fazer mídia*. NO, Revista On-Line. 21/11/2001. A escritora acredita que trabalhar Monteiro Lobato não é só abrir um livro e ler, mas demonstrar a verdadeira paixão pelo escritor e sua obras, porém, segundo a autora, muitos professores apenas falam de Lobato, mas nem sequer abriram uma obra para lê-la e senti-la e conseqüentemente não passam com entusiasmo a história às crianças.

3 Roberto Whitaker Penteado, em *Os filhos de Lobato*, diz que Anísio Teixeira, amigo próximo de Lobato, acreditava que o universo do Sítio do Picapau Amarelo fora escrito como um imenso divertimento e só depois de acabar se surpreendeu com seu trabalho, já Wilson Martins vê o nascimento do Sítio como um ato deliberado de vingança contra o rancor e a hostilidade da sociedade adulta.

de Sabugosa, cheio de conhecimentos científicos, o rinoceronte Quindim, um mestre na gramática, o Marquês de Rabicó, o glutão, a Tia Nastácia e seus quitutes, o anjinho de asa quebrada caçado por Emília, na Via Láctea... Quanta riqueza e quanta brasilidade numa só obra, dizem os críticos. Lobato apropriou-se *da terra do nunca*, colocou seus personagens no céu, antevendo uma viagem interplanetária, convidou heróis como Peter Pan e Capitão Gancho para enriquecer suas histórias e deu vida aos seus livros e os fez atraentes. Soube mesclar conhecimentos e muita graça por meio da vivacidade de suas personagens.

A ênfase de nossa leitura passa assim pela certeza de que o mundo imaginário de *O Sítio do Picapau Amarelo* está no fato de ser uma obra que não impõe limites, nem abriga idéias, proibidas de ali ter guarida. Daí a permanência da obra de Monteiro Lobato, que é capaz de, por intermédio *do pó de pirlimpimpim*, levar todas as crianças ao seu mundo mágico e instigante. Optamos pela adaptação televisiva porque o acesso à obra de Monteiro Lobato é hoje mais democrático, mas sabemos que livros ou *sites* são outros suportes importantes, pois ambos possuem a magia de estar perto da alegria desejada pelas crianças, brincando-aprendendo, restaurando imagens do passado e colocando-as na atualidade, interagindo com a tecnologia de uma forma interessante e motivadora.

A partir deste momento, convido os que foram criança um dia (e os que ainda o são) a entrarem no mundo de Monteiro Lobato..... e que se abram os portões deste *Sítio* muito maior que um *site*.

**CAPÍTULO I**  
**MONTEIRO LOBATO, SEMPRE**



## CAPÍTULO I

### 1. MONTEIRO LOBATO, SEMPRE

O nome do autor neste título me levou a ler as biografias, ou os estudos biográficos sobre Monteiro Lobato, para poder me situar melhor entre o tempo e o espaço vividos por ele. Valho-me especialmente da recente biografia do Autor escrita por Marisa Lajolo.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Seu pai, José Bento Marcondes Lobato era proprietário de uma fazenda e mantinha outra casa na cidade. Entre a pequena cidade e a fazenda dividiu-se a infância do menino Juca, como era chamado pelos seus familiares. Esta infância, mais tarde, pode ser percebida na composição do mundo imaginado por Monteiro Lobato. Após os primeiros anos de estudos em sua cidade natal, matricula-se, em 1900, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, tornando-se um dos integrantes do grupo literário Minarete<sup>4</sup>. Nesta época, inicia suas atividades junto à imprensa. Formado, exerce a promotoria pública em Areias, na região do Vale do Paraíba.

Monteiro Lobato nasceu no momento em que a nação vivia o crepúsculo das suas mais tradicionais instituições – a monarquia e a escravidão. De ambas o menino conheceu e

---

<sup>4</sup> "Minarete, era como chamávamos o chalezinho amarelo da rua 21 de abril, no Belenzinho, uma rua sem calçamento toda sebes de espinheiros. Devia haver, mas não me lembro, casas por lá, afora o chalezinho do Minarete centro dum terrenão de chácara. Uns cinqüenta metros de frente, cerca viva com o portão de ferro no centro - o clássico portão de ferro com pilastras de tijolos e vasos em forma de urna em cima". LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo. Brasiliense, 1968, p.21.

conviveu com os principais símbolos, a senzala e os escravos (ou ex-escravos) o retrato e a pessoa física do imperador Pedro II e o avô, membro da nobreza rural, portador do título de Visconde de Tremembé<sup>5</sup>. A consciência de Lobato sobre o contexto nacional nas duas primeiras décadas do século XX era tão clara quanto sua percepção das realidades européias. Ele sentia a influência estrangeira na cultura e nos costumes do Brasil e se insurgia contra isso.

Em 1911, herda de seu avô uma fazenda, passando a dedicar-se à agricultura. Três anos depois, um acontecimento definiria a carreira literária de Monteiro Lobato: durante o inverno seco daquele ano, cansado de enfrentar as constantes queimadas praticadas pelos caboclos, o fazendeiro escreve uma carta indignada, intitulada "Velha praga" e a envia para a seção de Queixas e Reclamações do jornal *O Estado de São Paulo*. O jornal, percebendo o valor daquela carta, publica-a fora da seção destinada aos leitores, no que acerta, pois a carta provoca polêmica, estimulando Lobato a escrever outros artigos. Foi neste exercício de ser porta-voz de um Brasil que nem sempre aparecia nas páginas dos jornais que ele cria seu famoso personagem Jeca Tatu.

Os fatos se sucedem: Monteiro Lobato vende a fazenda, publica *Urupês* (1918), seu primeiro livro, funda a Editora Monteiro Lobato & Cia., a primeira editora nacional, e mais tarde, a Companhia Editorial Nacional e a Editora Brasiliense, esta em 1944. Homem corajoso e audaz, no artigo "Velha praga", encontrado em *Urupês*, Monteiro Lobato choca o leitor com o seguinte texto:

"... Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias - seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar

---

<sup>5</sup> LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato. *Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000, p.12,13.

desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro - sua tortura e vergonha. Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela nas penumbras das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea. O italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau (espingarda de carregar pela boca) e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.(...) Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando os mais belo pau. Árvores diante de cuja majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassível, para extrair um mel-de-pau escondido num oco. Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro ".<sup>6</sup>

A patologia de Jeca Tatu contribuiu para que os brasileiros voltassem olhos para a situação precária da saúde no interior. Miguel Pereira já argumentava que o Brasil era um grande hospital. Realmente o problema "número um" do Brasil era a falta de saneamento. Defensor da ciência aplicada a favor da população e da saúde, Lobato, com a espontaneidade que lhe era natural, apóia logo a campanha pró-saneamento, de Belisário Pena, numa série de artigos veementes, logo reunidos em um volume que ganhou o título de *O problema vital*. Apóia também Artur Neiva, que dirige a campanha de saneamento em São Paulo.

Antes de terminar o ano de 1918, *O problema vital* foi editado em livro. Os poucos envergonhados que ainda queriam esconder as mazelas nacionais, com medo das opiniões dos

---

<sup>6</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo. Brasiliense, 5ª reimpressão, 2001, p. 161,162.

estrangeiros, eram chamados de nomes inferiores, devido à cegueira do ufanismo e pela servidão às pressões externas, conforme as palavras de Lobato:

“Esgotamo-nos em criar-lhes facilidades para os invasores tenham cá um paraíso terreal, e venham derrotar-nos dentro de nossa própria casa, enriquecer-se às rápidas, apossar-se de tudo, fazendo do pobre brasileiro um pária faminto e errante a gemer de lazeira num território que cada vez é menos seu”.<sup>7</sup>

Esses acontecimentos fortaleceram muito um outro tipo de nacionalismo, antes iniciado por Silvio Romero e Euclides da Cunha, o **nacionalismo realista**, que se opunha ao tipo ufanista, revelava as misérias do país e desnudava o quadro de repressão contra as populações pobres do interior. Havia muito pouco de deformações ideológicas nessa atitude porque as descobertas e realizações científicas revelavam a precariedade da saúde e da alimentação do povo. Lobato se engajou nessa corrente de pensamento nacionalista, que surgia em oposição às que vinham do passado (nacionalismo patriótico, ufanista e o xenófobo), e outras mais recentes, como o nacionalismo triunfalista e o nacionalismo cultural<sup>8</sup>.

"Naquele tempo o movimento literário era escasso no Brasil e, em São Paulo, quase inexistente. Lobato trouxe uma expressão literária nova para São Paulo e mesmo para o país. Certa vez Oswald de Andrade disse que, com *Urupês*, Lobato iniciou o modernismo no Brasil. Moisés Velinho acreditava que, em *Urupês*, encontrara o

---

7 CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo. Nacional. 1956.

8 AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir: *Furacão da Botocúndia*. São ; SENAC, 2000.

mesmo ânimo de julgar que se achava em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Em ambos os livros, o mesmo clamor: brasileiros, olhem para o interior.... Muitos anos depois, quando se cogitou a construção de Brasília, notou-se um rumor de desaprovação, por parte de muitos caracterizando bem a alienação do país".<sup>9</sup>

Houve folhetos literários em defesa do caboclo e contra Monteiro Lobato. Contudo, o discurso eleitoral de Rui Barbosa, o celebrado orador da oposição, garantiu a fama de Jeca Tatu e o renome literário do autor de *Urupês*.

"Razão tinha Gilberto Freire quando afirmava que *Urupês* foi uma revolução nas letras brasileiras. A alienação brasileira, desmascarada na obra de Euclides da Cunha, era mais uma vez cruelmente exposta por Lobato. Ainda hoje, é grande o desinteresse dos brasileiros do litoral pela realidade do interior do Brasil"<sup>10</sup>.

Wilson Martins, historiador, sugere que Policarpo Quaresma, escrito por Lima Barreto, provocou outro Policarpo. Com a herança proveniente de seu avô, o Visconde de Tremembé, Lobato enfrentou os problemas agrícolas com as mesmas ilusões e o mesmo estado de espírito do personagem fictício, tendo o mesmo triste fim. A princípio, escreve a esse respeito Edgard Cavalheiro:

"... é tomado de sôfrego entusiasmo pelas possibilidades que lhe

---

9 NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000, p. 12,13.

10 MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.v.VI.

apresentavam. Põe logo a imaginação a trabalhar, e uma infinidade de idéias lhe ocorrem. A vida prática, os problemas objetivos, as perspectivas que seus olhos descortinam sempre no superlativo, levam-no a sonhos grandiosos. "Não calculas, escreve a Rangel, como tomo a sério a lavoura, nem que belezas há na vida do solo.

O cruzamento das raças, a hibridação, a seleção-mundos!" "Empenha-se na fixação de uma nova raça de galinhas por meio de cruzamento de Wiandotte-Silver-Laced com uma raça crioula. Aplica processos americanos, toma-se de líricos entusiasmos pelas possibilidades que se lhe apresentam. Constrói um grande lago perto da casa, enchendo-os de marrecos de Pequim, patos indígenas, gansos, mergulhões. Importa cabras Toggenburg, galinhas Orpingtons, porcos Yorkshire e Duroc Jersey. Planta mais café, mais feijão, mais milho e arroz (...)"<sup>11</sup>

Para Edgar Cavalheiro, a diferença era que, "se Policarpo Quaresma se viu envolvido nas mesmas misérias, Lobato entrou nesta situação deliberadamente, confirmando, assim, a desastrada aventura agrícola e isso refletiu diretamente na sua obra através de artigos" Uma velha Praga, e "Urupês", como já fora visto". Diz ele ainda que ficava, assim, criado, com o Jeca Tatu, o antimito do nacionalismo, o símbolo desmistificador, simétrico ao Policarpo Quaresma. Contudo, o antimito nacionalista já é o primeiro manifesto da literatura desmistificante, mas nacionalista, que passaria para história com o nome de Modernismo"<sup>12</sup>.

---

11 Ibidem, p. 13.

12 Ibidem, p. 13.

De 1927 a 1931, Monteiro Lobato viveu em Nova York, nos Estados Unidos, como adido comercial brasileiro. Admirado com a exploração dos recursos minerais, ao retornar ao Brasil fundou o Sindicato do Ferro e a Cia. Petróleos do Brasil, passando a enfrentar a fúria das grandes empresas multinacionais e os obstáculos impostos pelo governo brasileiro. Dessa situação resultou outra indignação de Monteiro Lobato: o livro denuncia *O escândalo do petróleo*, publicado em 1936. Lobato faz uma conferência em Uberaba, interior de São Paulo, sobre este tema que tanto escandalizou o autor:

"(...) Uma vez aberto o poço, esse sangue negro da terra jorra dia e noite, sem parar até o esgotamento do depósito subterrâneo. É um rio vertical. Corre. Por esse motivo às companhias de petróleo não podem dar os lucros usuais de todas as outras companhias. Ou não encontra petróleo e não dá lucro nenhum, ou encontra-o e o lucro é de milhares por cento. As ações de petróleo apresentam as valorizações mais fantásticas. As ações da famosa Standard Oil valorizaram-se 37.000 vezes. Mas, dizem os sabidos, será que o Brasil tem petróleo? Essa pergunta é ridícula. Quem olha para o mapa da América logo vê que é o grande continente do petróleo, de norte a sul, desde o Alasca até a Patagônia."<sup>13</sup>

Lobato criticou a propaganda enganosa com que as empresas estrangeiras procuravam ganhar apoio da opinião pública a favor dos trustes internacionais. Ele não sofreu críticas por essa identificação com o modelo econômico americano, mas sofreu perseguições por querer que o Brasil fizesse o mesmo, com independência. Em todos estes acontecimentos não era de se negar uma tristeza que Lobato sentia, e era através de suas obras que escreveria todas as opiniões sobre a situação vigente. Muitas manifestações encontram-se no livro *Idéias de Jeca*

---

13 LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo. Brasiliense, 1959, p.22,23.

*Tatu*, com a predominância nas questões artísticas e literárias. Monteiro Lobato só percebeu essas realidades depois de moço. A vivência na capital, apesar de ter muitas limitações, proporcionou as experiências mais estimulantes para o escritor curioso e polêmico<sup>14</sup>.

Em 1931, organiza a publicação de várias narrativas infantis no volume *Reinações de Narizinho* e este é somente o início de toda a saga contemplada por Monteiro Lobato. Esta conferência foi publicada em pequeno folheto comemorativo na inauguração da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na Bahia. Estas supostas teses foram encontradas em suas gavetas<sup>15</sup>, após sua morte e aberta ao público. Lobato afirma o quanto se fazia importante a mensagem, a informação passada para a criança, ou melhor, como esta informação é passada, através de imagens, símbolos, cultura popular, enfim, esta forma teria que ser no mínimo inteligente e instigante para que o leitor infantil pudesse gostar de ler e sentir a história em suas veias. E começa pelo próprio título, "A criança é a humanidade de amanhã", título determinado, seguro e comprometedor, e sua fala continua:

" ... no dia que isto se transformar num axioma - não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma - a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa do homem. (...) Livros, revistas e jornais infantis constituem instrumentos da arte de educar esses bichinhos crisálidas donde vão sair os homens de amanhã. A que princípios devem obedecer? (...) Imagino que ao ser contada pela primeira vez a história da menina da capinha vermelha, primeira criança que a ouviu determinou, de início, dois pontos: a capinha e a cor da capinha. Era uma vez a menina que usava um vestido azul", teria começado uma vovó lá no fundo da Germânia. A loura Gretchen,

---

14 AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir: *Furacão da Botocúndia*. São Paulo; SENAC, 2000.

15 LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo. Brasiliense, 1959, p.248.

de quatro anos, que friorentamente a ouvia - vendo através da vidraça a neve cair, interrompeu-a aí para a primeira colaboração. "Vestidinho, não, vovó- capinha". Muito mais interessante com aquele frio uma capinha de lã, lã quente. "Azul é frio, o vermelho é quente. E a história do vestido azul passou a ser, desde esse momento, a história da menina da capinha vermelha".<sup>16</sup>

Outra característica da literatura de Monteiro Lobato é a sua praticidade, o envolvimento com questões concretas da vida nacional. É uma literatura militante, de cunho nacionalista, mas com o realismo de quem conhecia muitas fraquezas e das potencialidades do país. Mais do que isso, em muitos casos usou a literatura como instrumento para alcançar objetivos específicos, embora os seus objetivos se identificassem mais com os interesses do país do que com possíveis interesses ou vaidades pessoais.

Monteiro Lobato continua escrevendo, "aprontando literariamente", e em abril de 1948 sofre o primeiro espasmo vascular afetando sua motricidade, e sem poder mesmo se alimentar pára de escrever e fica cada vez mais vivo em nossa literatura.

---

16 LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo. Brasiliense, 1959, p.249,252.

**CAPÍTULO II**  
**MONTEIRO LOBATO:**  
**A LEITURA E SUA LITERATURA**



## CAPÍTULO II

### 2. MONTEIRO LOBATO: A LEITURA E A SUA LITERATURA

A aceleração urbana do começo do século XX (1902 - 1922) "obrigou" os escritores a apontarem situações mais reais no papel, ou seja, foi uma época de nacionalismo temático: um nacionalismo crítico, questionador. Nesse quadro a literatura passa a ser concebida como instrumento de ação social, nos permite conhecer mais profundamente a realidade e assim aumentar nossa capacidade de convivência, nossa competência para organizar um mundo mais alerta aos acontecimentos.

Essa concepção de literatura não era a que mais agradava aos governantes do país, que preferiam um nacionalismo mais ufanista e uma literatura mais bem-comportada, uma literatura que atuasse como sendo agradável a todos. O Brasil vivia então sua Belle Époque<sup>17</sup>. As classes sociais mais favorecidas podiam seguir a moda parisiense e divertir-se passeando pelas avenidas fazendo compras nos magazines da capital federal. Uma literatura que preferia tematizar as enormes diferenças sociais do país ao invés de louvar o "progresso" nacional era um desagradável empecilho à propaganda oficial, que procurava transmitir a sensação de que

---

<sup>17</sup> Expressão francesa com que se designa o período entre 1885 e 1918, no qual Paris exportava cultura e modelo de comportamentos para o Brasil e outros países.

a República, recém-consolidada pela chamada "política do café-com-leite"<sup>18</sup>, era um caminho modernizador e democratizante para o país. A descoberta de um Brasil não-oficial foi, dessa forma, o grande mérito da prosa pré-modernista. Por meio dela, o nacionalismo crítico e progressista conseguiram exprimir-se, combatendo o nacionalismo conservador oficial, que, à análise dos problemas sociais, preferia o palavreado pomposo sobre a grandiosidade da pátria. Os tipos humanos marginalizados, como o sertanejo nordestino, o habitante dos subúrbios cariocas, o caipira paulista, ganharam espaço nas obras literárias e com eles a realidade de que faziam parte. O Brasil encontrou-se com os diferentes "Brasis" nesse trabalho de investigação e análise da realidade nacional.

Com todas essas inovações, a sociedade mais madura vê a literatura brasileira muito mais valorizada, abrindo um espaço maior para a literatura infantil e, em 1905, temos o surgimento da revista infantil *O tico-tico*, uma colaboração recebida de grandes artistas, que tem uma longa permanência no cenário editorial brasileiro. Esta valorização pela leitura fez com que o quadro brasileiro sofresse alterações interessantes, uma delas seria a própria educação nas escolas, comprovando que a leitura é de extrema importância para o crescimento de um indivíduo em todos os aspectos. A partir daí os estudos sobre este tema não pararam mais, as escolas passaram a viver este contexto, livros nas escolas, o processo da leitura.

O processo da leitura passa por fatores bastante complicados, porém, se trabalhado de maneira clara e natural torna-se de fácil acesso, J. Dewey; 1986, um dos fundadores da Escola

---

18 Política café-com-leite foi a aliança entre os produtores de café paulistas e os criadores de gado leiteiro de Minas Gerais.

Nova<sup>19</sup>, apud Cotrim, retrata como este processo pode se manifestar, quando relata que: “A criança vive em um mundo em que tudo é contato pessoal. Dificilmente penetrará no campo da sua experiência qualquer coisa que não interesse diretamente seu bem-estar ou da sua família e amigos. O seu mundo é um mundo de pessoas e interesses pessoais, não um sistema de fatos e leis. Tudo é afeição e simpatia, não havendo lugar para a verdade, no sentido de conformidade com o fato externo<sup>20</sup>”. Em contrapartida, é neste momento que a escola passa a interagir na vida da criança, respeitando todas as fases do próprio processo. Com o passar dos anos a leitura vai se tornando parte integrante da criança.

A instituição educacional se ocupou em construir, no contexto apresentado pela própria sociedade as mudanças da literatura, uma forma diferenciada de apresentação dos conteúdos, utilizando a literatura como instrumento valioso para esta conquista. Diferente da escola tradicional que se encontrava voltada para o passado, preocupada em transmitir maior quantidade de conhecimento, isto é, acumular conhecimento, não fazê-lo entender. Esta nova escola valorizava a rotina cotidiana em querer dar importância ao homem, respeitando-o como ser humano capaz de efetuar suas reflexões e questionamentos de maneira livre e autônoma, passando a investir na leitura e nas condições que estas ofereciam. É evidente que muitas destas novidades não passaram do papel, pois, infelizmente, através da prática temos a noção de que muitas atitudes de hoje correspondem à escola tradicional. Porém, cabe também aos educadores promoverem definitivamente estas mudanças. Ressaltamos que uma das atitudes

---

19 "Em confronto com a "escola tradicional", em relação à qual se colocou em termos antiéticos, a Escola Nova se fundamenta em novas condições sobre a infância. Esta é considerada- contrariamente à tradição- como estado de finalidade intrínseca, de valor positivo, e não mais como condição transitória e inferior, negativa, de preparo para a vida de adulto. Com esse novo fundamento se erigirá o edifício escolanovista; a institucionalização do respeito à criança, à sua atividade pessoal, aos interesses e necessidades, tais como se manifestam nos estágios de seu "desenvolvimento natural". Parte-se da afirmação de que o fim da infância se encontra na própria infância; com isso a educação centraliza-se na criança e será esta nova polarização que será chamada de "revolução coperniana" no domínio educacional. ( Geribello, 1977, p.40-41) em Presença Pedagógica 2000, v.06 Nº 35.

20 COTRIM, Gilberto. *Educação para uma escola democrática. História e filosofia da Educação*. São Paulo; Saraiva, 1997.

que incomodou parte da sociedade a favor da forma de instituição tradicional, foi o fato da leitura passar a fazer parte de um mundo a se conquistar.

A escola desempenha um papel fundamental para o exercício de reflexão do ser humano, através da leitura, permite um diálogo com o conhecimento atribuído através da instituição escolar. O saber conhecer e deter as informações necessárias para as contribuições do dia-a-dia do indivíduo traz novas conquistas para o ser humano e, principalmente, para as novas gerações que estão aptas a lidar com o futuro e com as inovações que o mundo oferece. A escola demonstra um papel importantíssimo neste contexto, já que é uma instituição responsável em iniciar na infância as habilidades e competências de uma criança. Marisa Lajolo e Regina Zilbermam escrevem que:

"(...) com o desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana, o fortalecimento das classes sociais intermediárias entre a aristocracia rural e alta burguesia de um lado, escravos e trabalhadores rurais de outro, entra em cena um público virtual. Este é favorável, em princípio, ao contato com livros e literatura, na medida em que o consumo desses bens espelha o padrão de escolarização e cultura com esses novos segmentos sociais desejam apresentar-se frente a outros grupos, com os quais buscam a identificação (no caso da alta burguesia) ou a diferença (os núcleos humildes de onde provieram)".<sup>21</sup>

Monteiro Lobato referia-se à leitura de uma maneira mágica e inteligente, ou seja, a leitura poderia começar na escola, porém, nem sempre quem sabe gosta de ler, e é neste momento que Lobato interage com a leitura, tratando-a como uma forma de aprendizado e

---

21 LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira. Histórias & histórias*. São Paulo. Ática, 2002, p.27.

criatividade. Em seu artigo intitulado "A criança é a humanidade de amanhã", já citado, Lobato afirma que a leitura é fundamental para o exercício da imaginação e o relacionamento social. É a partir das histórias de *O Sítio do Picapau Amarelo* e de suas personagens que a literatura infantil apresenta tipos comuns do nosso Brasil. Na base do "faz-de-conta" e do pó de pirlimpimpim as personagens falam de matemática, de gramática, de geografia e história, de mitologia e do nosso folclore, como realidade virtual da época, Monteiro Lobato nos deixou como herança às histórias que escreveu.

Zirardo, o autor do *Menino Maluquinho*, a escritora infantil Tatiana Belinky e o ator Luciano Amaral Araújo, do *Mundo da Lua* e do *Castelo Rá-Tim-Bum*, declaram que leram Monteiro Lobato e encontraram um escritor fantástico, que acrescentava, em suas palavras, sentimentos, vontades, curiosidade, enfim, instigava a criança para ela poder viajar e participar completamente. Monteiro Lobato usava fatos importantes para o aprendizado das crianças e os colocava em histórias contadas por suas personagens de uma forma interessante e intrigante. Como exemplo, em *Viagem ao céu*, Dona Benta conta aos netos sobre as constelações, informações estas que se acrescentam ao conteúdo educacional e ao ensinamento de dia-a-dia. Vale a pena reproduzir esta passagem:

"(...) O assanhamento do brilho das estrelas parecia os olhos dos meninos quando viam a bandeja de doces que o Coronel Teodorico mandava no dia dos anos de Dona Benta. Antes de levantarem a toalha da bandeja, os olhos de todos ali no sítio ficavam como as estrelas daquela noite. Dona Benta tomou fôlego e falou, apontando para o céu:

Olhem lá aquelas quatro formando uma cruz! É a Constelação do Cruzeiro do Sul. Constelação quer dizer um grupo de estrelas. Esta Constelação do Cruzeiro do Sul é a de maior importância para os

povos que vivem do Equador para o sul, como nós. Tem a mesma importância da célebre Constelação da Ursa Maior para os povos que vivem ao norte do Equador, como os europeus e os norte-americanos. O Cruzeiro do Sul é o nosso relógio noturno. No dia 15 de maio de cada ano esta constelação fica bem a prumo sobre as nossas cabeças, como o sol ao meio-dia, e então sabemos que são exatamente 9 horas da noite".<sup>22</sup>

Uma forma simples, que parte da própria natureza, o saber fazendo parte do que se vive, passar uma informação de maneira clara e interessante, foi o que Lobato sempre fez.

Monteiro Lobato investiu na criação de histórias e muitas delas interagem com o contexto social, intelectual, a literatura propriamente dita; Marisa Ribeiro retrata esta visão através das palavras: "a história do livro e dos leitores entrecruzam-se com vias diversificadas da investigação da história econômica, da história social, da história da literatura, da história das mentalidades e da história das idéias".<sup>23</sup> Com esta afirmação, a pesquisadora deixa clara a indissociabilidade entre livro, leitor e leitura. O livro é um meio de transmissão de cultura proporcionando mudanças de mentalidades. Assim, a leitura deve ser integrada no tecido social.

A leitura da literatura nas escolas públicas veio para fazer com que as crianças tivessem incentivos de produção e leitura, já que é uma habilidade imprescindível para a imaginação. Esta literatura foi diferenciada, pois seu propósito era divertir e ao mesmo tempo ensinar. As finalidades didáticas ou moralistas, quando presentes, fazem pano de fundo para personagens e enredos que falam diretamente aos corações e às mentes das crianças. E que

---

22 LOBATO, Monteiro. *Viagem ao céu*. Brasiliense. São Paulo; 1973 p.15.

23 RIBEIRO, Maria Manoela Tavares. *Revista de História das Idéias*. Vol. 29. São Paulo; 1999.

parecem pertencer ao seu mundo cotidiano, em vez de longínquos países e eras dos mitos antigos.

Desta forma, Monteiro Lobato contribuiu para o processo da educação brasileira usando de sua movimentação literária para o espaço infantil. Marisa Lajolo diz que "Machado de Assis, José Pepetela e Monteiro Lobato são, por assim dizer, casos que resolvem, de modo positivo e legitimado pela história literária. (...) Em seus textos afloram diferentes projetos de educação de leitores, de alfabetização, de leitura dos clássicos, de cambulhada com histórias de amor, de guerra e de loucura".<sup>24</sup>

É importante ainda ressaltar que a maioria dos escritores que se dedicaram à literatura infantil apenas criaram personagem, uma ou outra história, que se incorporou à imaginação infantil. Com Monteiro Lobato é diferente, pois não se preocupou em escrever apenas uma história e pronto, ponto final, e sim imaginou um universo onde as crianças poderiam morar, brincar, criar, enfim um espaço destinado para todas as crianças independente de classe social, intelectual. Sua preocupação era apenas preparar um mundo onde crianças vivessem felizes. Este universo, chamado *Sítio do Picapau Amarelo*, tinha, com certeza, um propósito: a de levar a criança a questionar e não se intimidar com tudo o que era dado; Emília, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, dona Benta, Visconde de Sabugosa, os bichos falantes e muito mais personagens faziam a festa ao adentrar na imaginação infantil; mas quem eram eles e o que realmente queriam?

---

24 LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para leitura do mundo*. São Paulo. Ática, 2002, p.8.

## CAPÍTULO III

# SITIO DO PICAPAU AMARELO: UM ESPAÇO PARA O CONHECIMENTO



### CAPÍTULO III

#### ***SÍTIO DO PICAPAU AMARELO: UM ESPAÇO PARA O CONHECIMENTO***

Monteiro Lobato dizia que: “A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto”, defendia, “O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação”.<sup>25</sup> Esta visão veio de encontro às preocupações de alguns pedagogos mais tradicionais que não aceitavam a idéia de mais uma mudança na educação, ou seja, a criança já estava à disposição da própria sociedade em relação às mudanças tecnológicas, sociais e políticas, para que mais inovação dentro da própria escola? A educação apresentava um pensamento educacional completo (possuía política educacional, organização escolar e metodologia própria), os profissionais da educação desejavam algo mais do que ler, escrever e contar desejavam melhorias nas escolas e obviamente na sociedade em geral como fruto desta inovação, porém estas idéias não alcançaram a maioria dos educadores.

Monteiro Lobato, esse escritor reconhecido, estaria passando valores subversivos para as crianças, fazendo com que as mesmas pensassem e interagissem de maneira não muito comum à sociedade. Na verdade o que acontecia era o medo do novo e muito mais, era o medo de não poder assumir as conseqüências, a disciplina imposta virar indisciplina

---

25 AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir: *Furacão da Botocúndia*. São Paulo; SENAC, 2000.

orientada. Claro que esta segunda opção não era interessante para algumas escolas que rejeitavam estas mudanças, já que disciplina, para estas instituições, significava a utilização de formas rígidas que previam a organização dos alunos, um atrás do outro, sem falar, ou melhor, sem pensar. Com certeza, fica mais fácil direcionar grupos de aluno que não tenham a intenção de promover atitudes inovadoras, de quebrar regras, de inventar fórmulas, de questionar o professorado, não pelo prazer e sim pela vontade de sempre saber mais, vivenciar, interagir, transformar.

Estar em plena mudança de idéias não é muito cômodo, se realmente se quiser reações diferenciadas. O grande problema com os pedagogos mais tradicionais em relação a Lobato é que para eles o papel da criança na escola é somente receber conhecimentos sem incorporá-los em seu dia-a-dia. Constatamos que esta atitude seria a mais fácil, pois se não enfrentamos questionamentos, não temos interferências, a aula torna-se muito mais tranqüila e mais, o único trabalho que podemos ter é copiar o que os livros dizem, para que quando estivermos em sala de aula, este conteúdo seja passado de maneira maquinizada. Desta forma, a leitura encontra seu papel decisivo dentro do contexto do aluno.

A leitura é vista como uma habilidade humana, que permite o acesso do povo aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita. Assim torna-se um meio de conhecimentos e críticas dos fatos históricos, científicos e literários bem como um dos veículos mais práticos, ao lado da palavra oral, de que o povo pode lançar mão, a fim de comunicar e fazer valer as suas idéias, interesses e aspirações.

O poder que a leitura proporciona é imenso, permite-nos manipular o próprio tempo, envolve-nos em idéias ou acontecimentos em uma proporção e em uma seqüência de nossa própria escolha. A ciência e a literatura, ainda caminham através do modo escrito de comunicação e do livro, em que pese à presença e variedade de outras linguagens e outros

vínculos para a circulação da cultura, nas sociedades modernas. É exatamente aqui, que o saber ler ganha a sua importância primeira.

A leitura deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de humanização como afirma Bloom "Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria".<sup>26</sup> Isto significa que toda a sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural e que a leitura vem a ser um dos instrumentos para o conhecimento e a transformação dessa memória, isto é, das idéias, técnicas produzidas e conservadas pelo homem. Por isso, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura.

Aprende-se a ler quando se estabelece uma ligação efetiva entre a leitura e o texto que nos desafia. Quando se descobre um sentido, uma maneira concreta desse objeto que nos provoca determinada reação, instiga-se um modo especial de ver, enxergar e perceber. Somente a leitura é capaz de gerar novos significados e formar o leitor crítico. Porém, a situação complica-se quando a vida se distancia do texto e quando a leitura torna-se obrigatória.

Poucas vezes, as diferentes linguagens são aproveitadas para realizar leituras e, ainda, para confrontar textos apresentados sob diversas formas. O trabalho com estas linguagens precisa estar dentro da sala de aula.<sup>27</sup> Enfim, é fundamental que a leitura na escola assuma várias facetas, oferecendo-se aos alunos a possibilidade de interagir com várias linguagens, como a música, a pintura, o desenho, a escritura, o teatro, a dança, o texto literário. Ler

---

26 BLOOM, Harold. *Como e porque ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.17.

27 CHARTIER, Roger. *Práticas de Leituras*. São Paulo: Estação Liberdade, 1988.

palavras, ler imagens, ler movimentos e sons esta é a verdadeira leitura. É necessária a integração das distintas possibilidades de leitura com as dessemelhantes linguagens."A leitura amplia os conhecimentos e capacita o ser humano a interagir no mundo de modo criativo e transformador".<sup>28</sup> Pela leitura ou pelo hábito de ler, a pessoa adquire maior habilidade para exercer os conhecimentos culturalmente construídos, e deste modo escala com facilidade os novos graus de ensino, e em consequência atinge também sua realização pessoal. Ao olharmos para a nossa sociedade hoje, deparamo-nos com o quadro alarmante de milhões de analfabetos, enquanto que a nova conjuntura social apresenta no seu campo cultural uma gigantesca revolução tecnológica.

O elemento fundamental que assegura a aprendizagem como processo é a alfabetização. Sendo assim, se existe uma crise de leitura é porque a escola também está em crise<sup>29</sup>. Com efeito, a instituição escolar é um lugar privilegiado e delegado pela sociedade para realizar a difícil tarefa de formar sujeitos leitores. Neste sentido, a escola deveria ultrapassar o modelo tradicional de somente ser transmissora do saber culturalmente acumulado para de fato exercer sua função de promotora de uma educação que constrói a democracia.

As contradições da nossa sociedade podem se tornar meios pelos quais a educação neutralize a força reprodutora da ideologia. Desta forma, é importante rever a história, pois poderemos constatar os efeitos de uma política que manipula o saber e que repercutem ainda hoje no ato de ler.

No Brasil, na década de 70, em que a faixa de escolaridade obrigatória passou de 5 para 8 anos e deu-se também maior espaço para a literatura em sala de aula, verificou-se um

---

28 Ibidem

29 LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação Literária como metáfora social. Desvios e rumos*. Rio de Janeiro; EDUFF, 2000.

aumento no consumo de livros. Por esta razão a indústria de livros, sentindo-se motivada, investiu em novas obras, novos escritores e reedições de livros clássicos, endereçados principalmente para o público infantil. No entanto, o que se verificou foi o desinteresse por parte do leitor e mais uma vez evidenciou-se traços de contradições, visto que o vencedor foi o capital.<sup>30</sup>

Ainda na realidade de hoje, se repete a mesma situação: educadores preocupados somente em fazer com que os alunos decorem sempre uma maior quantidade de livros, com o intuito de formar no estudante o hábito da leitura. Mas o que se consegue apenas é a memorização mecânica dos textos. Porém, a leitura traz em si um componente democrático, mesmo que a sua difusão no curso de sua história esteja permeada de interesses econômicos e ideológicos.

Para Monteiro Lobato, esta leitura estava na própria representação do universo do *Sítio do Picapau Amarelo* representando uma outra realidade que não vivera: liberdade, independência, livre-arbítrio, enfim, tudo que o homem não teve ou não quis ter, a leitura poderia proporcionar um mundo fantástico que serviria para um grande começo...

Apresentava às crianças este grande quintal do mundo, o universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, onde cada personagem relatava uma parte de seu mundo real, contribuindo para uma conscientização infantil, fazendo relações entre idéias reais e imaginárias. Em outras palavras, pode-se dizer que Monteiro Lobato foi um escritor contestado, porém sua sensibilidade aflorou através das crianças, nas mais diferentes viagens que a infância proporciona através da leitura e, sobretudo, da educação. Acreditava que uma criança tinha como base estrutural de vida a educação para se tornar um verdadeiro cidadão, então, uniu-se ao imaginário infantil

---

30 NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: O editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

buscando o ilimitado, proporcionando à criança esta fantástica visão de um mundo que poderia ser somente dela e ao mesmo tempo trazendo uma mensagem que mais tarde serviria para uma decisão desafiadora da própria vida sobre o espaço, a forma, a riqueza deste lugar.

Marisa Lajolo e Regina Zilbermam dizem que:

"(...) fica evidente o caráter metafórico do sítio: "Ele é integralmente o Brasil, estando embutido nele tudo que Monteiro Lobato queria representar da pátria" Afirmam ainda que em *A chave do tamanho*, ele repete o processo, assim como em *O Sítio do Picapau Amarelo*. O sítio significaria cada vez mais o mundo como Lobato gostaria que fosse. E, se nesta idealização ele se permite renegar mitos antigos (como o da riqueza e fertilidade agrícola), é porque outros mitos ocuparão a lacuna: "Um deles é o da abundância de óleo natural; outro é o caráter agregador do sítio", aberto a todos indistintivamente, mas, em especial, às experiências mais modernas: Dona Benta está sempre atenta ao que se passa ao mundo, possui cultura invejável e não se escandaliza com a tecnologia, embora renegue as conseqüências desta que considera nefasta".<sup>31</sup>

Esta avó, proprietária do sítio, é o arquétipo da sabedoria erudita, letrada, adquirida pela experiência de vida, apresenta a estética da avó com as configurações contidas na literatura dos anos 20 e 30; matrona, com os seus sessenta anos, cabelos grisalhos, porta sempre uma cestinha de costura ao colo, usa óculos na ponta do nariz, traja roupas sóbrias, e de aparência confortável; é matriarca, fonte do saber, poder (é a autoridade na propriedade e no cuidados com os netos), é o adulto que "sabe sonhar acordado" e brincar, daí o perfil para

---

31 LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira. Histórias & histórias*. São Paulo. Ática, 2002, p.57.

integrar aventuras imaginárias das crianças, enquanto pessoa adulta possui posições, que imprimem uma segurança lógica e afetiva à personagem, política e humanitária. É, por excelência, boa ouvinte e dialógica, conduz-se com simplicidade, utiliza recursos gestuais e silêncios capazes de "falar" quando medita e olha o céu. É arquetípica, também, enquanto espírito altaneiro, lúcido e amante da liberdade, pois o vasto conhecimento que possui e aplica para a compreensão do mundo, nas lições da infância, personifica uma vigorosa e equilibrada personalidade. O saber é dinamizado como o instrumento alavancador da inteligência e do imaginário da construção e na desenvoltura da personagem, uma erudição libertadora e compartilhada, prazerosamente socializada e vivenciada no "espaço do conto" que inaugura a ação. É uma pessoa que tem na leitura argumentos para grandes mudanças, ou seja, ao contar histórias, conta-as de uma maneira especial, encantando quem as ouve, facilitando o entendimento dos temas sem retirar sua essência.

Dona Benta, a responsável pelas decisões tomadas no sítio, é uma avó diferente. Suas atitudes sempre estão ligadas à educação, isto é, suas leituras têm como pano de fundo o ensinamento, a reflexão e, o mais importante, Dona Benta deixa que seus netos e os integrantes do sítio cheguem às conclusões necessárias, pois acredita nas crianças e suas contestações. É interessante notar que, apesar de seu ar conservador, defende a opinião individual, incentivando uma postura de segurança e sensatez das pessoas que estão ao seu redor.

Tia Nastácia é o próprio conhecimento do senso comum, da mulher "operária" e de cor negra, possui uma visão pragmática do mundo e ao mesmo tempo repleta de crenças, sua função de cozinheira não circunscreve o seu desempenho na literatura, embora seja um referencial importante para a criação do clima de aconchego familiar, a magia de seus quitutes e a cozinha apóiam os momentos de aventuras e dão roupagem real à ficção. Há sensibilidade em uma caricatura física e oral rude, sem refinamento, porém laborativa, com ênfase nas

habilidades manuais do repertório étnico-cultural negro que tantos traços definiu, da culinária aos costumes do Brasil. A etnia de Tia Nastácia integra o "quadro" de brasilidade que Monteiro Lobato apresenta e divulga com o conjunto de sua obra. A relação com Dona Benta indica uma reciprocidade amistosa. Enquanto tia Nastácia conserva traços do Brasil colonial na conduta e nas formas de tratamento utilizadas, Dona Benta está longe de exibir um comportamento autoritário, solicita os serviços, porém com um toque de educação e respeito pela sua "fiel escudeira". Tia Nastácia é responsável por *alimentar* todos os moradores do sítio, seus quitutes são conhecidos do mundo real e estendidos ao mundo da imaginação, onde as personagens como, por exemplo, Branca de Neve, Capinha Vermelha, o Gato de Botas e muitos outros adoram seus famosos *bolinhos de chuva*. Tia Nastácia vive no sítio em função da cozinha e serviços domésticos, mas em nenhum momento é colocada em segundo plano por Dona Benta ou outra pessoa deste espaço familiar. Pelo contrário, tratam-na como se pertencesse à família. Negra, descendente de escravos, como muitas das empregadas da época de Monteiro Lobato, traz consigo uma cultura invejável e riquíssima, a cultura popular, capaz de recontar a história de grandes lendas brasileiras.

Os netos da Dona Benta, Pedrinho e Narizinho, são crianças simples, curiosas, inteligentes e companheiras. São inteligências vivas, são curiosos, desbravadores, ouvintes atentos e interativos das histórias da vovó. Possuem uma intimidade com o espaço natural onde brincam e imaginam suas reações. Ambos representam a infância enquanto uma fase fiel para o aprendizado, para o despertar e para o cultivo dos saberes sob a aura do jogo, da descoberta, da fruição da aventura num modo alegre e imaginativo no mundo do faz-de-conta. Enfim todos os aspectos positivos são encontrados nos netos de Dona Benta. Narizinho e Pedrinho seriam incapazes de responder de maneira grosseira para alguém, nem tão pouco mentir de maneira a prejudicar alguém; enfim, crianças que mostram valores tradicionais, sem a polaridade do maniqueísmo certo e errado, bem e mal, bom ou ruim. Mas não podemos ficar

indiferentes à possibilidade de Monteiro Lobato estar tentando mostrar o lado positivo da sociedade, através das crianças, acreditando que um bom começo é metade do caminho andado.

Vejamos outras facetas de sua obra: A boneca Emília, com ela se inicia o faz-de-conta, pois é uma boneca de pano com performance humana, fala, pensa, cria, movimenta-se, propõe, opina, discorda, insurge-se, enfim, interage no grupo com uma personalidade distinta das demais existentes e diz o que quer, da onde quer e para quem quiser, utiliza artimanhas para concretizar os seus projetos, é ativíssima, pois corporifica a intensidade e as possibilidades de uma imaginação viva e "rebelde". A boneca falante é o contraponto ao brinquedo industrializado de resolução estética planejada visando à aquisição de consumo. A boneca é uma representação de estágios da vida infantil que a criança elabora assim, algumas chegam a ser importantes extensões emocionais da menina. Entretanto, é o talento criativo de Emília, tanto na articulação das idéias, quanto nas ações, sobretudo as discursivas, que imprime humor aos contos. Emília, que em princípio é apenas uma boneca de pano e depois da cápsula do Doutor Caramujo passa a ser uma boneca faladeira, tem uma personalidade instigante. Monteiro Lobato já dizia que nem ele podia com Emília, apesar de ser uma simples boneca de pano. Muitos estudos afirmam que Emília era a vontade de Monteiro Lobato, dizia pela sua boca, palavras que gostaria de dizer na vida real para muita gente. Nas palavras de Lobato:

"(ela) começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente foi evoluindo e adquirindo tanta independência que (...) quando lhe perguntaram: mas que você é afinal de contas, Emília? ela respondeu de queixinho empinado: sou a independência ou morte! E é tão independente que nem eu, seu pai, consigo domá-la (...) Fez de mim

um "aparelho", como se diz em linguagem espírita ( ...)Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada".<sup>32</sup>

Como mencionamos no início do primeiro capítulo, Monteiro Lobato foi neto herdeiro do Visconde de Tremembé, figura que se mostrava bastante forte em sua infância, porém não podia evitar a realidade prazerosa de ser herdeiro de bens consideráveis pela sua morte. Criado na fazenda, Lobato teve a oportunidade de brincar com bonecos feitos de sabugo de milho e outros materiais. Ele comenta que as crianças gostam muito mais de um brinquedo que dê criatividade e originalidade do que os brinquedos que dizem tudo. Visconde de Sabugosa, um boneco falante feito de milho, tem o raciocínio privilegiado. É quem dá aulas de Geografia ou explica elementos da mitologia grega. Sua inteligência e inventividade, porém, pouco lhe valem diante da esperteza da boneca. O Visconde é uma caricatura do cientista, "é um camundongo de livros". Possuía profunda intimidade com os métodos científicos, e no seu laboratório aplica "afinadíssimo" o método experimental. Suas explanações são apreciadíssimas e muito respeitadas pelos moradores do sítio. Emprega boa lógica, nos seus elaboradores e teóricos discursos. Metódico no linguajar e "refinado", usa uma "cartola" típica dos homens eruditos, é o consultor científico do sítio.

Monteiro Lobato cria também bichos falantes. É claro que no universo de Lobato, tal como nos contos de fada, tudo é possível de acontecer, e é neste contexto que o autor cria bichos com funções e pensamentos de humanos. Temos, além do Burro falante, o Rinoceronte, conhecido por Quindim, animal grande e grotesco no mundo real e no mundo de Lobato um animal doce, gentil, inteligente, que fala inglês. E o Marquês de Rabicó, o porco, guloso, enfrenta qualquer situação para ganhar comida, ou melhor, casca de abóbora, deixada

---

<sup>32</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Vol. 2. São Paulo; Ática, 1988.p.341

na cozinha por Tia Nastácia.

O mundo do sítio leva, assim, as crianças para viajar pelo mundo imaginário, conhecer lugares fantásticos, ampliar conhecimentos. Um dos momentos mais marcantes é a possibilidade das crianças interagirem com a mitologia grega. A intenção pedagógica do autor é muito forte, criticava a escola e seu caráter repressivo. Incentivava a postura crítica das crianças e sua liberdade de escolher ou optar. Sem dúvida, um professor diferente, pelo menos aos padrões convencionais de sua época (e ainda hoje inovador diante de muitas escolas). Este espaço fica sendo um mundo de magia. Quem não gostaria de morar neste lugar fantástico?

Ter como base uma educação calcada na liberdade e na imaginação é acreditar na transformação de seres pensantes e críticos na sociedade. Através das histórias, fantasias e viagens, a criança pode se inserir em um processo de aprendizagem e ser capaz de estimular algumas habilidades que lhes serão de extrema importância no convívio social. A capacidade de aprender para depois criar atalhos é uma das habilidades que o *Sítio* proporciona, outra é a capacidade de comparar determinadas situações com as próprias experiências que a criança convive diariamente. O que se quer confirmar aqui, mesmo que seja repetindo posições já consagradas, é que a obra de Monteiro Lobato voltou porque é sempre moderna e atual, incentivando a criança a pensar, interagir, fantasiar, se expor.

**CAPÍTULO IV**  
**MONTEIRO LOBATO NA ESCOLA**  
**HOJE**



## CAPÍTULO IV

### MONTEIRO LOBATO NA ESCOLA HOJE

Um exemplo concreto das inserções de Monteiro Lobato no processo da aprendizagem via o *Sítio* encontra-se no Colégio São Judas Tadeu, no bairro da Mooca em São Paulo, que tem como base de leitura e criatividade para crianças das 1º e 2º séries do Ensino Fundamental, o livro *Sítio do Picapau Amarelo*. Esta leitura implica diretamente na participação da criança de forma criativa e dinâmica, formando assim, pessoas estimuladas a pensar, agir, questionar sobre qualquer assunto.

Lecionei neste colégio durante 11 anos a disciplina de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental e pude constatar a dedicação dos professores ao aplicar e defender as habilidades de criação, organização, dinamismo, que o universo do sítio de Monteiro Lobato oferece.

Como marca maior de um resultado gratificante, esta leitura oferece às crianças a oportunidade de questionamentos, que Emília, personagem principal, faz em relação a vários assuntos, deixando claro o envolvimento das crianças através das ações espontâneas que as próprias demonstram. Também bastante interessante a forma que os professores deste colégio conduzem a dinâmica de estratégia. As personagens são apresentadas de maneira simples, fazendo comparações com seus próprios parentes.

Vou relatar uma experiência feita com crianças de 6 e 7 anos de idade: Sempre em roda, a sala de aula passa a ser um mundo paralelo, onde a professora interagia junto às crianças, ensinando-as a estabelecer fatos e relacioná-los, ao apresentar a avó do sítio, Dona Benta, e junto com esta apresentação mostrar, ou melhor, deixar a criança desvendar a forma física desta vovó um tanto estereotipada. Mesmo assim, este estereótipo proporcionará uma associação com uma avó esperta, ativa, franca, responsável que poderia ser sua própria avó, mesmo com toda a modernidade de "avós". Aquela vovó, do sítio, sempre irá existir pela calma, pela sabedoria e pelo carinho. Esta personagem estará sempre em um sítio junto com seus dois netos, com tia Anastácia e seus quitutes, os animais falantes e uma boneca de pano que tem o dom de falar e irritar muitas pessoas. Some-se a isto a presença da avó que conta histórias interessantes, que dão prazer e trabalham a imaginação das crianças, motivando-as à leitura e ao desejo dos livros. Seguindo esta idéia Roland Barthes diz que:

“... a leitura é precisamente aquela energia, aquela ação que vai captar neste texto, neste livro, o" que não se deixa esgotar pelas categorias a Poética”; a leitura seria, em suma, a hemorragia permanente por que a estrutura – paciente e utilmente descrita pela Análise estrutural- desmoronaria, abrir-se-ia, perder-se-ia conforme neste ponto a todo o sistema lógico que definitivamente nada pode fechar – deixando intacto aquilo a que se deve chamar movimento do sujeito e da história: a leitura seria o lugar onde a estrutura se descontrola”<sup>33</sup>.

Outro exemplo seria a Dona Benta, através de suas histórias, que ao ser apresentada às

---

33 BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo, Brasiliense. 1988. p.21.

crianças, traz consigo toda a imaginação popular, ou seja, as histórias que elas mesmas ouviam pela boca de seus pais e avós. Quem é que não ouviu falar no Saci, um menino negro de uma perna só, com uma touca vermelha e um cachimbo na boca Tia Nastácia trazia o esta história e muito mais, sempre com carinho como se todas as crianças fossem seus netos também.

Portanto, a escola proporciona aos estudantes, através do universo do sítio de Monteiro Lobato, uma leitura muito além do simples ato de ler, propicia a curiosidade de imaginar e aprender. Monteiro Lobato afirmava que a leitura e sua interação faziam com que a criança viajasse sem sair do lugar, conhecendo figuras, palavras, situações diferenciadas; proporcionando ao seu leitor um julgamento, uma argumentação individual que Lobato sabia atingir tão bem. A finalização deste processo seria o próprio julgamento e como colocar esta mensagem dentro da vida de cada criança, opiniões conquistadas, situações entendidas, a criança preparando-se para a vida muito mais segura e criativa, preparando-se para uma “independência”. Monteiro Lobato queria que todas as crianças fossem independentes na imaginação e criatividade e que este criar fosse aguçado, facilitando a satisfação de grande parte das situações encontradas pela vida<sup>34</sup>.

Na escola São Judas Tadeu, onde busquei a motivação inicial para este trabalho, posso ainda registrar que, pelas histórias de Lobato, seus personagens ensinavam matemática (*Aritmética da Emília*), a evolução humana (*História do Mundo para Crianças*) a iniciação à ciência através de narrativas sobre o surgimento do avião, do telefone e até mesmo da bateadeira de bolo (*Histórias das Invenções*). Estas histórias eram contadas por Dona Benta como se estivesse realmente narrando para Narizinho e Pedrinho, seus netos. Enfim trabalhar

---

34 Ezequiel Silva afirma que "a leitura é uma prática social e, por isso mesmo, condicionada historicamente pelos modos da organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura".

disciplinarmente a obra de Monteiro Lobato era uma forma de atingir todas as expectativas de imaginação, criatividade e criticidade, pois a educação fazia parte direta da formação de um cidadão. A leitura o transportava para qualquer lugar que quisesse *navegar* neste *sítio* e Monteiro Lobato conseguiu proporcionar esta experiência antes de tantos outros *sites*.

# CAPÍTULO V

## UM SÍTIO ANTES DOS *SITES*



## CAPÍTULO V

### 5. UM SÍTIO ANTES DOS SITES

Monteiro Lobato sonhava com um lugar especial, onde as crianças pudessem morar, e vivenciar e interagir com as histórias e os conhecimentos oferecidos pelas próprias personagens e pela própria natureza. Tinha como marca relevante em sua personalidade a persistência e determinação, e ao delinear este lugar como o sítio do “picapau amarelo” transportou toda sua vontade de igualdade, liberdade e responsabilidade para um mundo completamente a parte, onde era permitida apenas a entrada de crianças.

Como idealista dizia que este lugar deveria ser Georgismo e não Comunismo, pois, segundo Lobato,

“ ... no Georgismo todos os homens tem os direitos iguais ao uso e gozo do ar, da água e da terra. Mas cada homem tem o direito exclusivo ao que produz com seu trabalho. O Comunismo adota o primeiro princípio, mas não aceita o segundo; quer que também o produto individual em comum a todos os homens.... Em país georgista, o comunismo cessa de progredir - o povo não vê razão para o comunismo. Contra o comunismo, pois, só o georgismo, que é a idéia melhor. Nunca a violência, porque a violência é apenas um

maravilhoso adubo”.<sup>35</sup>

O *Sítio do Picapau Amarelo*, um lugar georgista, assumiu a verdadeira intenção de Monteiro Lobato. Como ele mesmo dizia, o homem tem o direito de tudo inclusive de seu trabalho. Para este lugar era necessário atribuir personagens que fossem à altura desta nova idéia de mundo. O autor afirmava que as crianças não possuem malícia, aceitam tudo, tudo compreendem, por isso construiu o Mundo da Fábula, povoado de anões, gigantes, fadas, sacis, piratas e anjinhos. Só que este lugar encantado não era realmente nenhum mundo de mentira, como os adultos apregoavam. O que Lobato fez foi traduzir a imagem das próprias crianças para o papel e "logo na abertura de *Picapau Amarelo*, mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som e sem gosto, como Deus, Justiça, Bondade e Civilização".<sup>36</sup>

As crianças, encantadas com o "pequeno-grande mundo" que Lobato proporcionara, esperavam cada vez mais e, se nas fantasias infantis Lobato quebrava os limites da ficção, ele também transmitia, através delas, uma série de valores e ensinava-as a refletir. As palavras a seguir abrangem claramente como Lobato acreditava no processo de aprendizagem através da leitura:

“As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a sabedoria da vida cumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos

---

35 LOBATO, Monteiro. *Conferências Artigos e Crônicas*. Brasiliense. São Paulo. 1959. p. 282

36 AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Furacão da Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 2000, p.175.

pequeninas tragédias donde ressurte a "moralidade", isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão".<sup>37</sup>

Graças à sua veia de pintor, Lobato, além de escrever, empresta enorme visualidade aos personagens e cenários, dotando-os de vida a ponto de torná-los quase reais. Ao invés de copiar, ele criou e fez desta criação elementos totalmente brasileiros, ressaltando aspectos sobre a nacionalidade até então desprezados. Seus livros para o público adulto sempre enfocaram problemas sociais e a literatura infantil não é diferente, faz isso através do resgate do imaginário rural, costumes, folclore, aproximando, assim, seu leitor, a um universo popular e, o mais importante, valorizando seu país, trabalhando o nacionalismo, criando, ou melhor, contribuindo para o futuro do Brasil.

O mais interessante é que, ao dar seu recado através das personagens, além de intensificar a imaginação, criar uma situação onde a criança possa refletir, ao final coloca questionamentos baseados na própria rotina das crianças, obrigando-as a refletir e responder a problemas sociais muito mais comuns do que imaginamos. Coloco um exemplo, de uma entre tantas situações que Monteiro Lobato coloca perante as crianças e retoma grandes discussões: Em *Histórias de tia Nastácia* abre-se questionamentos pertinentes a assuntos voltados ao cotidiano da criança, com uma linguagem simples, porém de grande reflexão. Trata-se de uma madrasta que, na ausência de seu marido, tenta matar suas três enteadas, porém elas não morrem. O marido acaba descobrindo sua maldade, contudo a natureza se incumbem de dar o troco, deixando-a doente até a morte. Depois desta apresentação, Lobato, através de tia Nastácia, Dona Benta, seus netos e Emília promovem as seguintes

---

37 Ibidem, p.80.

discussões:

"- Bom - disse Emília - esta história está bem mais aceitável. Tem uma originalidade e explica tudo. Desde que houve milagre, era natural que as enterradinhas vivas não morressem. Milagres não se discutem".

- E há ainda um traço delicado - disse dona Benta- esse das cabeleiras das meninas que viraram capinzal murmurejante ao vento. Aparece também a figura da madrasta, que é muito comum nas histórias populares. Toda a madrasta tem que ser má. O povo não admite a possibilidade de uma madrasta boa.

- E não há - disse Narizinho - as que eu conheço, como a madrasta da Quinota e da Maricoquinha, não chegam a ponto de enterrar crianças vivas - mas boas não são.

- E a do Zefirinho da estiva, que dava na cabeça dele com a colher de pau - acrescentou Pedrinho.

- Sim - disse dona Benta - talvez a regra seja a madrasta má, embora as haja excelentes. Sei dois casos de madrastas boníssimas, quase como mães. Tudo depende da criatura, e não do ato de ser mãe ou madrasta. Há mães tão perversas como as piores madrastas.

- Mas o povo assentou que as madrastas não prestam e não prestam mesmo- concluiu Emília. O coitado do povo sofre tanto que há de saber alguma coisa. Esse ponto de madrasta má o povo sabe. São más como caninas - embora haja alguma degenerada que seja boa. Madrasta boa não é madrasta. Para ser madrasta, tem que ser uma boa bisca das completas. Eu, se pilhar alguma por aqui, furo-lhe os

olhos”.<sup>38</sup>

Qual seria o objetivo de Monteiro Lobato ao expor este tema que criaria, para as crianças, diferentes opiniões sobre um assunto com que elas convivem diariamente? Pode-se supor primeiro que aguçar a curiosidade diante da própria história, guiando-as a imaginar a situação contada, depois, deixá-las no contexto social, colocando suas opiniões em relação a determinado problema (quantas crianças, hoje, vivem com madrastas?) e, por final, obter uma opinião formadora de um cidadão. Possivelmente essa fosse a intenção de Lobato ao abrir este espaço imaginário, capaz de levar qualquer pessoa a uma reflexão, lendo, ouvindo, interagindo e respeitando todas as opiniões.

Além de temas cotidianos, Monteiro Lobato transmitia, através do Sítio e seus moradores, a ciência, fórmulas, conceitos, enfim, todo o conteúdo necessário para o desenvolvimento da criança na fase escolar, só que de uma maneira muito mais interessante, alegre e que talvez fosse a verdadeira maneira de ensinar. O exemplo que se segue mostrará como Lobato apresentava a ciência para as crianças. Em *História do mundo para criança* (1933), Monteiro Lobato traduz a seriedade de uma forma leve, contada por Dona Benta, a matéria é completamente ampla, a origem do mundo e da vida até a formação e a evolução das espécies, principalmente o Homem, além de todo o progresso civilizatório da humanidade até os últimos dias da Segunda Guerra Mundial. A explanação é toda dialogada, intercalada de perguntas, comentários, apartes, palpites, brincadeiras, fluindo a matéria suavemente. A linguagem coloquial não se parece nada com a sisudez dos livros didáticos, principalmente os daquela época, nem com a dos professores ministrando aulas. Os conhecimentos não são impostos, eles são discutidos, a história é avaliada, segundo os padrões do século vinte, mas tentando compreender o caráter dos povos e os valores de cada sociedade, de cada cultura, em

---

38 LOBATO, Monteiro. *Histórias de tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, s.d., p.119.

diferentes épocas. Todas as questões surgiram como novidades para a maioria dos leitores, características de um processo pedagógico fundamentado na concepção científica.

Dona Benta começa falando sobre as origens do universo a partir de um espaço sideral ocupado por estrelas, enormes massas de fogo, entre as quais a que mais interessa é o Sol: "Mas naquele tempo o Sol não se apresentava tão sossegado como vemos hoje. Estava ainda num período de tremenda fervura, com explosões de tal violência que por várias vezes enormes espirros da sua massa de fogo se despregavam, eram arremessados a grandes distâncias e ficavam no espaço, girando sozinhos, como se fossem outros tantos astros. Assim se formaram os planetas e, portanto, assim se formou o nosso mundo, que é um planetinha"<sup>39</sup>. A ciência foi colocada de forma simples, aguçando a curiosidade de mais um capítulo e o conhecimento é passado com questionamentos e conclusões tiradas pelas próprias crianças.

Em *Emília no País da Gramática* (1934), Lobato trata de apresentar a Língua Portuguesa para as crianças. Esta obra descreve uma viagem de Narizinho, Pedrinho, Emília e o Visconde de Sabugosa, cavalcando Quindim, ao País da Gramática, Terra fabulosa onde substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, preposições e conjunções adquirem vida e personalidade próprias. Será que existe forma mais interessante de aprender do que através de brincadeiras sérias? Sabemos que esta obra em específico, não pode mais ser usada como instrumento de aprendizagem, pois nossa gramática evoluiu como tudo evolui, porém não impede aos professores fazer comparações entre uma gramática antiga e a atual.

Como podemos ver, o Sítio de Monteiro Lobato reúne fantasia e realidade onde seus moradores fazem questão de vivenciar cada minuto, cada valor que a vida dá de presente, brincando e aprendendo, mostrando o respeito mútuo, a importância de estar sempre presente na nossa história para saber contá-la e entendê-la, imaginar, sair do chão, porém com muita

---

<sup>39</sup> LOBATO, Monteiro. *Histórias do mundo para criança*. São Paulo: Brasiliense, s.d., p.12.

responsabilidade (que já é nato na criança, basta aguçá-la de forma sensata), observar os fatos para depois discuti-los e, o mais importante, dar valor ao nosso país, bem como Lobato, um homem nacionalista, tenta valorizar este sentimento patriótico. Mas como? Discutindo, apoiando, dando o contra, construindo, aprendendo e aplaudindo a construção. A participação e a construção de um país melhor, este era o verdadeiro objetivo de Monteiro Lobato, ao apresentar o Sítio a tantas crianças que mereciam e merecem um futuro convidativo.

**CAPÍTULO VI**  
**PAIS E FILHOS:**  
**DUAS GERAÇÕES NO MESMO**  
**SÍTIO**



## CAPÍTULO VI

### PAIS E FILHOS: DUAS GERAÇÕES NO MESMO *SÍTIO*

As obras infantis de Monteiro Lobato foram ao ar com o nome de *O Sítio do Picapau Amarelo*, pela primeira vez nos anos 50, na TV Tupi, mas tornaram-se mais populares ao fazer parte da programação infantil da Rede Globo. Emília, Narizinho, Pedrinho, tia Nastácia, Dona Benta, Visconde de Sabugosa foram eternizados nos primeiros atores a representá-los, na Rede Globo de 1973 a 1983. Marcados para sempre, Emília (Dirce Migliaccio), Narizinho (Rosana Garcia), Pedrinho (Júlio Cesar), Dona Benta (Zilka Salaberry), Visconde de Sabugosa (André Valli) e Tia Nastácia (Jacira Sampaio) seguiram seus trabalhos em televisão, mas o público não consegue esquecer o mundo mágico de Monteiro Lobato.

A nova versão da novelinha infantil *Sítio do Picapau Amarelo*, baseada na obra de Monteiro Lobato, teve início em 12 de outubro de 2001, porém criou polêmica mesmo antes de entrar no ar. Atores novos e com algumas mudanças: a primeira cabe à Emília, que passa a ser interpretada por uma criança e não por um adulto, como foi na primeira edição, embora esteja sendo aceita como se realmente Monteiro Lobato quisesse assim, uma criança na interpretação da personagem mais sapeca e interessante do *Sítio*; a segunda é para o Visconde de Sabugosa que, na primeira edição, permanecia com a altura de um adulto e hoje, nesta nova versão, passa a ter o tamanho de um sabugo de milho real, mas sua diferença perante os

outros personagens é apenas no tamanho, pois sua sabedoria científica continua sendo a maior do *Sítio*; a Cuca, que anteriormente era um enorme boneco vestido por uma pessoa, hoje tem apenas a cara feita desta maneira, pois o corpo da personagem passou a ser da própria pessoa que a representa, delineando um corpo escultural; o Rabicó, que era representado por um simples porquinho vivo, hoje passa a ser um boneco. As mudanças foram muitas, podendo ter opiniões diversas sobre o que era melhor antes ou hoje, mas a essência não foi, em hipótese alguma, mexida e é isso que as pessoas esperavam deste grande espetáculo. Os atores Nicete Bruno (Dona Benta), Dhu Moraes (Tia Nastácia), Isabelle Drummond (Emília), Cândido Damm (Visconde de Sabugosa), Lara Rodriguês (Narizinho), César Cardadeiro (Pedrinho), João Acaiabe (tio Barnabé), Izak Dahora (Saci), Jacira Santos (Cuca), Aline Mendonça (Marquês de Rabicó), Zé Clayton (Burro Falante) e Sidnei Beckencamp (Quindim), atuam de maneira viva e demonstram a importância do sonho e da fantasia dentro do mundo de Monteiro Lobato.

Muitos acreditavam que este programa não iria dar certo, já que continha inovações atualizadas como, por exemplo, efeitos de computação gráfica, computadores, forno de microondas e produtos modernos, enfim, a grande modernização do *Sítio do Picapau Amarelo*. Estes fãs mais conservadores, que assistiram a uma primeira versão do *Sítio*, no qual tia Nastácia tinha em sua cozinha um enorme fogão a lenha, que deixava sua comida ainda mais gostosa, onde o café era coado em coador de pano e nem se pensava em alimentos congelados, acreditavam que esta nova versão não contemplaria a magia inicial, a fantasia sem tecnologia. Por outro lado, as crianças esperavam ansiosamente pela estréia deste mundo de sonho tão falado por seus pais.

Depois de 20 dias da estréia, pode-se perceber que a adaptação conquistou inegavelmente a simpatia entre as crianças brasileiras. É interessante como Monteiro Lobato conquistou mais uma geração com suas histórias deliciosas, pois esta geração, em especial,

está acostumada a acompanhar as aventuras ultra-rápidas de monstros digitais japoneses ou as proezas de ninjas ferozes e encapuzados. Crianças sempre surpreendem, e, ao contrário do que pensavam aqueles que apostaram no fracasso total desta nova adaptação, grande parte delas se interessou pelo sabugo de milho e pela boneca de pano. Entretanto, para arrebanhar os novos fãs, Monteiro Lobato contou com vários profissionais adultos responsáveis por estes meninos e meninas.

O *Sítio do Picapau Amarelo* é diferente. O entusiasmo dos adultos é presente. Para muitos pais e mães que hoje estão por volta de trinta anos de idade e que assistiram à primeira versão, O *Sítio* tem significado, uma oportunidade imperdível de retornar à infância, ou melhor, de estabelecer um importante elo entre a sua própria infância e a de seus filhos. Levar esta mãe ou este pai a escutar a música na entrada do *Sítio*, automaticamente provocará um transporte imediato à sua infância, que parecia tão longe e com esta simples música já não é mais. Enfim, duas gerações que se encontram e dividem o *Sítio do Picapau Amarelo*.

A modernização dos episódios foi aceita em sua maioria, com as adaptações dos autores Cláudio Lobato, Mariana Mesquita, Toni Brandão e Luciana Sandroni; modificou a caracterização das personagens, colocaram efeitos especiais, mas o fascínio continua o mesmo, as invenções, como o computador e o microondas, acompanham a época, afinal com tanta tecnologia Dona Benta não deixou de colocar, para enfeitar, uma toalhinha de crochê em cima do equipamento por ela usado. Tia Nastácia, mais magra, foi outra mudança de estereótipo: como "quituteira" do *Sítio*, apresenta-se magra e até em boa forma, diferentemente da antiga, porém, se os espectadores mudaram, as opiniões também estão sujeitas às mesmas mudanças. Quem sabe não é a hora de refletir sobre estes conceitos apresentados por Monteiro Lobato. Refletindo por este aspecto, outra personagem que os autores mudaram foi a Cuca: anteriormente havia uma fantasia que era simplesmente vestida e hoje as silhuetas da atriz são visíveis, mas o que tem de errado uma vilã com o corpo de uma

mulher atraente? Não importa, bonita ou feia, gorda ou magra, cada um tem uma forma de criar seu próprio estereótipo, afinal foi o que Monteiro Lobato deixou para todos, o poder da criação.

Monteiro Lobato, sempre prestando atenção no futuro, um homem além de seu tempo, escolheu a criança como forma de passar idéias para frente, trabalhar os princípios básicos para qualquer ser humano que são a liberdade de criar e reagir perante o mundo, formar cidadãos criativos e capazes de solucionar seus problemas de uma forma honesta e justa. Esta criança-leitora, com quem realmente valia a pena falar, percebeu que, no mundo mágico de Monteiro Lobato, iria encontrar a graça irreverente do autor, suas histórias emocionantes, seu conhecimento inovador, seus personagens imprevisíveis, sua forma de misturar o real com o imaginário e sua crença na liberdade. Tudo isso bem pertinho da criança, é só apertar um botão, chamar a família e viajar com muito pó de pirlimpimpim ao som de "marmelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmelo, Sítio do Picapau Amarelo. Boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente, o sol nascente é tão belo, Sítio do Picapau amarelo. Rios de prata piratas, vôo sideral na mata, universo paralelo, Sítio do Picapau amarelo. No país da fantasia, num estado de euforia, cidade polichinelo, Sítio do Picapau amarelo".<sup>40</sup>

Pretendo agora finalmente visitar o *Sítio* ainda em duas direções: uma delas é reproduzir a recepção crítica desta nova adaptação através de resenhas, comentários, ensaios, imprensa jornalística e internet, sintetizando a minha conclusão e contribuindo assim para documentar e sistematizar este momento do retorno de Monteiro Lobato ao imaginário cultural brasileiro; e a outra visita é a leitura comentada de alguns episódios desta nova

---

<sup>40</sup> Música de Gilberto Gil, criada especialmente para a apresentação do programa *Sítio do Picapau Amarelo*. Quem estiver com vontade de conferir esta história é só ligar a televisão, na Rede Globo, para assistir a mais um capítulo de *o Sítio do Picapau Amarelo*, que é apresentado de segunda à sexta das 11:25 h. às 11:55 h.

versão, procurando mostrar o porquê do título desta dissertação: *Um Sítio maior do que um site: Monteiro Lobato, sempre.*

**CAPÍTULO VII**  
**NOVA VERSÃO, NOVAS**  
**VISÕES**



## CAPÍTULO VII

### NOVA VERSÃO, NOVAS VISÕES

Neste capítulo minha pesquisa vai interagir com a crítica cultural contemporânea e como ela recebeu a nova adaptação do *Sítio do Picapau Amarelo*, através de resenhas, comentários, ensaios, em jornais, suplementos e revistas semanais, trazendo à tona o papel da mídia dentro de um novo horizonte de telespectadores, nesta passagem do resgate da obra para o vídeo e para esta releitura atualizada feita pela TV Globo<sup>41</sup>. O ponto de referência destes textos, tal como o meu, é sempre a obra original de Monteiro Lobato publicado em livro para depois ser feita a leitura do texto adaptado para vídeo.

A nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo* gerou novas expectativas e fez ressurgir debates sobre um dos maiores escritores brasileiros, suas idéias, reflexões, objetivos, enfim, Monteiro Lobato renasce através da televisão, com a reestrela do programa infantil em 2001. Algumas instituições escolares discutem os episódios com seus alunos ou até mesmo assistem em sala de aula. Pais, filhos, professores, pedagogos interagem diretamente na observação e discussão desta nova versão. Em uma reportagem, a jornalista Eliane Lobato comenta: "A creche e pré-escola Miraflores, em Laranjeiras, na zona sul carioca, aproveitou o interesse das crianças pelo programa e instituiu a obra de Monteiro Lobato como tema de trabalho para o

---

41 Para viabilizar este trabalho como dissertação de Mestrado tive que optar por não trabalhar com a primeira adaptação feita igualmente pela TV GLOBO na década de 1970.

ano todo". Segundo a vice-diretora desta escola, Regina Rocha Lima, é surpreendente a afinidade dos pequenos com as histórias e seus personagens. "Outro dia, veio uma garota vestida de Emília conversar com as crianças. Elas perguntavam coisas do tipo: 'Por que você casou com o Rabicó, que é porco?'" Queriam entender. "No Carnaval, a escola fez o Baile do Sítio do Picapau Amarelo e a boneca Emília foi a fantasia de quase todas as meninas".<sup>42</sup> A colunista Márcia Feijó publicou um artigo sobre a repercussão da adaptação em escolas de Florianópolis e registra: "O Colégio Kobrasol tem permitido que os alunos acompanhem os episódios na sala de televisão. A proprietária, Dulcéia Pellegrini, acredita que vale a pena abrir mão deste tempinho da rotina diária. "É um programa educativo, que está resgatando o lúdico". Em alguns casos, o programa televisivo veio para complementar o trabalho que já estava sendo desenvolvido em sala de aula. Cintia Fabris (da Escola Praia do Riso) e Daise Ondina de Campos (da Escola Sítio Sarapiquá) são duas professoras que começaram a utilizar os textos de Monteiro Lobato já no início deste ano.<sup>43</sup>

O jornalista Arthur da Távola aborda a temática em um texto que denominou "TV, criança e imaginário", tomando como referência a obra de Monteiro Lobato e o fascínio que exerce no público infantil, principalmente *Sítio do Picapau Amarelo*, em que realidade e sonho não estabelecem fronteiras e "o pó de pirlimpimpim possibilita viagens fantásticas". Suas palavras são diretamente relacionadas à televisão e às histórias de Monteiro Lobato:

" Tanto há obras de Lobato nas quais o interesse de ensinar por meio de aventuras deliciosas é dominante, como outras nas quais predominam apenas distração e entretenimento. Aqui aparece o aspecto educativo indireto, talvez o mais poderoso. É nas aventuras,

42 LOBATO, Eliane. Pó de pirlimpimpim. *Isto é on line*. [www.istoec.com.br](http://www.istoec.com.br). Disponível em: 01/03/2002. Acesso em: 07/03/2002.

43 FEIJÓ, Márcia. *Programa invade as escolas*. Diário Catarinense, 04/11/2001 n° 816.

nas brincadeiras e nas reações que os valores éticos, culturais, comportamentais e espirituais vão se instalando na criança leitora.(...) O equilíbrio entre a diversão e a instrução mostra que a indecisão pedagógica do grupo que produziu Lobato na TV operou sobre a idéia de educação como prioritária e melhor condutora dos valores da vida. Não sei se sabem que o *Sítio*, na TV, foi um convênio da TV Educativa com a Rede Globo de televisão, portanto, havia a presença do Ministério da Educação naquele empreendimento.<sup>44</sup>

Esta informação esclarece que na versão dos anos 70, 80, o fator educacional estava diretamente ligado ao programa. Hoje, nesta nova versão, a educação está inserida no contexto, no trabalho com o visual, com a tecnologia, os efeitos especiais, interligando as ações da família fantasiosa de Lobato. Karla Marcolino, colunista do *Estado de São Paulo*, vem interagir nesta fala trazendo em sua reportagem palavras com "gosto de mudança", que eram as idéias em que Monteiro Lobato acreditava. Enfatizando a modernidade da obra, a reportagem acredita na mudança da educação formal e seu processo, citando Márcio Trigo, diretor do programa: "Lobato é parte obrigatória do currículo de todas as escolas públicas depois que o Sítio estreiar é simples: as crianças vão ler muito mais"<sup>45</sup>

Outro aspecto que a recepção crítica elencou foi algumas mudanças em comparação ao *Sítio* da década de 70, 80, ou seja, a começar pelo Visconde de Sabugosa, antes do tamanho de uma pessoa normal e agora não passando de 45 cm, "graças às novas tecnologias,

---

44 PACHECO, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo: Papyrus, 1998, p.43,44.

45 MARCOLINO, Karla. *O novo 'Sítio do Picapau Amarelo' junta Saci e web*. [www.estadao.com.br/suplementos](http://www.estadao.com.br/suplementos). Disponível em: 07/10/2001. Acesso em: 07/03/2002.

Visconde mantém-se o tempo todo com um palmo de altura".<sup>46</sup> O Visconde de Sabugosa foi confeccionado por Pedrinho, em uma das suas visitas ao sítio de dona Benta, no tamanho de um sabugo de milho. Monteiro Lobato, nos escritos de juventude, comenta que as crianças "desadoram os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos nos quais a imaginação colabora. Entre um polichinelo e um sabugo acabam conservando o sabugo".<sup>47</sup> O fato de um menino confeccionar seu próprio brinquedo já é uma ação diferenciada para uma sociedade que oferece quase tudo pronto. A crítica enfatiza o esforço de fidelidade desta versão televisiva, salientando mesmo o caso do personagem Visconde de Sabugosa que na primeira versão do *Sítio do Picapau Amarelo* foi representada por um adulto e sua altura era mais ou menos 1m e 65cm; já nesta nova versão o diretor Roberto Talma quis fazer valer a idéia primeira de Lobato: um boneco confeccionado por Pedrinho seria a razão do Visconde voltar às formas originais, apenas 45cm de muita sapiência.

Tia Nastácia representa uma outra mudança, não especificamente na representação da personagem, apesar de mais jovem e mais magra, mas no que está em sua volta: a cozinha. Na primeira versão, tia Nastácia fazia seus quitutes em um espaço simples onde tinha o controle de tudo.

"No quinto episódio, chega ao *Sítio* um microondas, encomenda de Dona Benta. O que causa uma reação de medo e desconfiança em Tia Nastácia, e acaba por fazê-la sentir-se inútil e obsoleta. O que é desmentido, é claro, para que a semana acabe com um *happy end* em torno de uma bacia de bolinhos de chuva".<sup>48</sup>

---

46 CARLOS, Márcio Caparica. *O Sítio do Picapau Amarelo voltou à TV mais moderninho. E bem, obrigado.* [www.quadrado.com.br](http://www.quadrado.com.br). Disponível em: 29/10/2001. Acesso em: 10/04/2002.

47 PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato*. Rio de Janeiro. Dunya, 1997, p.212.

48 CARLOS, Márcio Caparica. *O Sítio do Picapau Amarelo voltou à TV mais moderninho. E bem, obrigado.* [www.quadrado.com.br](http://www.quadrado.com.br). Disponível em: 29/10/2001. Acesso em: 10/04/2002.

Nesta versão os adaptadores colocaram alguns objetos que tia Nastácia tenta não aceitar, mas com o passar dos episódios a adaptação vai acontecendo paralelamente. Esses objetos são todos eletrodomésticos, o que significa que a tecnologia também entrou no cotidiano do sítio. A crítica mais receptiva diz que se fez o milagre de colocar tia Nastácia manuseando um microondas, sem que a trama se perdesse no tempo: "O pano de fundo da trama, mesmo que mais atual, ainda é o reflexo do cenário previsto por Monteiro Lobato".<sup>49</sup>

Dona Benta ocupou um lugar considerável nas mudanças entre o antigo e o novo, superou-se, trouxe a tecnologia de ponta, e o mais importante, assumiu esta inovação com naturalidade. Afinal os adaptadores atuais tinham consciência de que hoje se vive no mundo das máquinas e seria pouco verossímil apresentar mudanças sem a inclusão de tecnologia. Na atual versão Dona Benta é uma senhora mais preocupada com a qualidade de vida e, por isso, sempre fazendo caminhadas pelo *Sítio*; continua atenta com seu tempo: assina jornais e revistas, atualiza sua biblioteca e agora se mantém informada através do computador. Seu e-mail é [encerrades@sítio.com.br](mailto:encerrades@sítio.com.br). Além de alimentar a imaginação e a curiosidade dos seus netos, Dona Benta continua se preocupando com questões sociais, com a campanha do agasalho e da fome. Além disso, a leitura e o crochê são ainda hábitos preferidos.<sup>50</sup> Sobre Dona Benta convém registrar estas duas leituras da recepção crítica:

"A principal mudança do programa com relação ao texto original foi a inclusão das inovações tecnológicas como hoje em dia. Dona Benta tem computador e impressora, e adora trocar e-mails com Pedrinho. E até mesmo reclama: "Carta é mais gostoso, faz tanto tempo que Pedrinho não escreve uma cartinha, agora ele só me manda

---

49 LINS, João Cláudio. "Sítio do Picapau Amarelo- A Porteira da Redenção". [www.telemania.com.br](http://www.telemania.com.br) Disponível em: 23/04/2002. Acesso em: 21/05/2002.

50 [www.sitiodopicapauamarelo.com.br](http://www.sitiodopicapauamarelo.com.br) Disponível em: 23/04/2002. Acesso em 21/05/2002.

e-mails!".<sup>51</sup>

Este foi um fato interessante, pois muitas pessoas acreditavam que *aquela velhinha de cabelos brancos, meiga, contadora de histórias* fosse incapaz de incorporar a tecnologia em seu cotidiano. Este aspecto é registrado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, através do colunista Rodrigo Dionísio:

"Para quem teve medo do fato de Dona Benta navegar na internet na versão atual e de possíveis modernices, topou com o melhor do espírito lobatiano. Os planos abertos, com a natureza em destaque. Há lendas, o bucolismo, e as fantasias das versões anteriores".<sup>52</sup>

Uma das intranqüilidades dos adaptadores nesta nova versão, como se percebeu em vários depoimentos, era a personagem Emília. Segundo Roberto Penteado "Emília é a porta voz de Lobato em momentos importantes e sobre os assuntos mais polêmicos. Tem a mesma independência de personalidade e autonomia intelectual que caracterizavam o escritor, mas também uma esperteza e um "jeitinho" brasileiros que não eram muito características suas".<sup>53</sup> Desta maneira qualquer mudança da primeira versão poderia não acontecer de maneira positiva. Mas as expectativas anunciaram que a boneca Emília tornara-se mais interessante e diferente do que antes, tendo como ponto de partida a versão antiga onde a Emília era uma adulta vestida de boneca, e na versão atual os adaptadores escolheram uma criança ainda com 7 anos de idade para desempenhar um papel com tanta responsabilidade. João Cláudio Lins,

---

51 CARLOS, Márcio Caparica. *O Sítio do Picapau Amarelo voltou á TV mais moderninho. E bem, obrigado*. [www.quadradozinho.com.br](http://www.quadradozinho.com.br). Disponível em: 29/10/2001. Acesso em: 10/04/2002.

52 DIONÍSIO, Rodrigo. *Novo "Sítio" Consegue Manter Espírito Original*. *Jornal Estado de São Paulo*. 212/10/2001.

53 PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os Filhos de Lobato*. Rio de Janeiro. Dunya, 1997, p.213.

colunista de um jornal virtual, diz que "A bonequinha Emília ganhou ares de inocência, não que a faltasse essa virtude, mas o fato de terem colocado uma criança no papel de boneca de pano, realçou esse adjetivo".<sup>54</sup>

Em outro jornal virtual o colunista Márcio Caparica Carlos diz que "O principal temor dos velhos fãs da série, se Emília seria bem interpretada por uma criança, provou-se infundado: Isabelle Drummond, de sete anos, dá conta do recado, e faz uma boneca de pano muito mais plausível que alguém com o dobro da altura de Narizinho faria".<sup>55</sup> Roberto Talma, diretor deste programa, revela que a idéia de escalar Isabelle foi dele e continua "A Isabelle me lembra a Glória Pires no início da carreira. É muito talentosa. Queria promover uma interação maior entre ela, Narizinho e Pedrinho. Achei que ter uma criança ajudaria neste processo".<sup>56</sup> Para Eliane Lobato a maior mudança aconteceu com a personagem Emília, pois nas versões anteriores era interpretada por atrizes adultas.

"Para a escritora Tatiana Belinky, 83 anos, roteirista da primeira versão dirigida e produzida pelo falecido Júlio de Gouveia, uma criança não dá conta da complexidade da personagem, embora elogie o talento de Isabelle. "A Emília de Lobato é mais forte. A atual é uma menina maravilhosa brincando de Emília, explica a escritora, que conheceu Lobato pessoalmente e aponta a pioneira Lúcia Lambertini como a interprete imbatível do papel. Especialista em *Sítio*, ela aplaude a nova produção, mas faz algumas críticas. A Cuca virar peruca e com cara de jacaré não dá. E ela aparece demais. No

---

54 LINS, João Cláudio. "*Sítio do Picapau Amarelo - A Porteira da Redenção*". [www.telemania.com.br](http://www.telemania.com.br). Disponível em: 23/04/2002. Acesso em: 21/05/2002.

55 CARLOS, Márcio Caparica. "*O Sítio do Picapau Amarelo voltou à TV mais moderninho. E bem, obrigado*". [www.quadrado.com.br](http://www.quadrado.com.br). Disponível em: 29/10/2001. Acesso em: 10/04/2002.

56 SOARES, Ana Carolina. [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br). Disponível em: 22/11/2001. Acesso em: 10/04/2002.

original quase não tem destaque". Apesar da licença de estilo, Tatiana ressalta a importância de se oferecer um programa do gênero à criançada de hoje em dia. Nicete Bruno, que interpreta Dona Benta, concorda " Este trabalho tem função social. É um prazer especial enaltecer a boa literatura".<sup>57</sup>

Ao contrário da opinião de Tatiana Belinky, Márcio Trigo, diretor geral do programa e também autor de livros infantis, diz que foi uma surpresa o desempenho da pequenina Isabelle Drummond, e que mesmo não conhecendo o trabalho das antigas Emílias, como Lúcia Lambertini (a primeira delas, em 1951, ainda na TV Tupi), Dirce Migliaccia (a primeira Emília da TV Globo) e Suzana Abranches (de 1983 a 1985), demonstra uma grande experiência, Trigo diz que "É impressionante como ela é Emília, decora os textos com facilidade de deixar qualquer um boquiaberto. Ela tem o raciocínio e genialidade de criança, exatamente o que precisamos".<sup>58</sup> O interessante é dizer que Isabelle Drummond, a Emília da versão atual, uma criança de apenas sete anos de idade, que não viu nenhuma versão anterior do *Sítio do Picapau Amarelo*, possa passar com tanta verdade detalhes da Emília projetada por Monteiro Lobato.

Em uma entrevista para a colunista Ana Carolina Soares, do Jornal Estado de São Paulo, alguns colégios que assistem o *Sítio do Picapau Amarelo*, na própria escola, incentivam o processo de criatividade, como foi dito anteriormente, crianças respondem perguntas feitas pela própria colunista sobre o *Sítio do Picapau Amarelo*, e, como não haveria de ser diferente, em unanimidade a boneca Emília é a principal personagem do *Sítio*. Elogiam suas ações, achando graça como ela tem criatividade suficiente para sair dos problemas ou ao invés de sair entrar. As irmãs entrevistadas, Carol e Camila Macedo, 5 e 7

57 LOBATO, Eliane. *Pó de Pirlimpimpim*. Revista ISTO É. Edição 1692, 06 mar. 2002.

58 GRIMBERG, Sabrina. "Sítio do Picapau Amarelo" está de volta à TV após 15 anos. Revista Virtual [Babado.igler@ig.com](mailto:Babado.igler@ig.com), 03/10/2001.

anos, e a amiga Janet Kong, 7 anos, anunciam: “A Emília é a mais legal do *Sítio*”.<sup>59</sup>

A tecnologia é o forte desta versão, a computação gráfica também foi usada seja para produzir *efeitos de bolhas de ar e peixes pela tela* nas cenas que se passam no *Reino das Águas Claras*, seja para produzir personagens secundários como o Mestre Cascudo. Os outros bichos que aparecem freqüentemente, como o Marquês de Rabicó e a Cuca, são feitos por atores que usam fantasias bem feitas, bonitas, e que, apesar de não piscarem, mexem os lábios, *prontinhas para serem vendidas como bonecos em pouco tempo*.<sup>60</sup>

A recepção crítica especializada chama atenção para a importância das imagens. Não se poderia hoje atrair um público alvo, com qualquer tipo de edição ou cenário. Não podemos esquecer que vivemos entre desenhos japoneses que exploram cores, formas, impressões interessantes. Pode-se citar como exemplo desta tecnologia e diferenciação desta versão em relação à versão antiga, através da seguinte explicação: as cenas do Visconde de Sabugosa são realizadas em duas etapas. Na primeira fase, o ator grava em *chromakey* - um fundo azul depois substituído por imagens. Em seguida se faz a passagem do texto e a edição sobrepõe às cenas. Segundo o diretor Márcio Trigo, a utilização de recursos gráficos como a animação em 3D é essencial para retratar a fantasia de Monteiro Lobato. Para cada minuto de efeitos especiais são necessários dois dias de trabalho. “É um conceito artesanal, mas com alta tecnologia”, explica. Um método semelhante é utilizado para as cenas do saci, vivido por Isak Dahora”.<sup>61</sup> Walter George Durst, produtor de programas televisivos, diz que “Um cidadão só se forma se aprender a pensar por si só. A máxima de Descartes é conhecida por todos, peço licença para citá-la aqui: “Penso, logo existo”. “...Uma criança tem que questionar”. “...Não

59 SOARES, Ana Carolina. [www.estadão.com.br](http://www.estadão.com.br). Disponível em: 22/11/2001. Acesso em: 10/04/2002.

60 CARLOS, Márcio Caparica. *O Sítio do Picapau Amarelo voltou à TV mais moderninho. E bem, obrigado*. [www.quadrado.com.br](http://www.quadrado.com.br). Disponível em: 29/10/2001. Acesso em: 10/04/2002.

61 Fantasia brasileira está de volta à TV. *Jornal Diário Catarinense*. Santa Catarina, p.04, 07 out. 2001.

me digam o que fazer. Deixe-me descobrir o mundo e refletir sobre ele. Só assim poderei entendê-lo". "...Se uma criança pudesse formular um raciocínio com essa propriedade, tenho certeza que ela diria isso. A Emília de Monteiro Lobato é o melhor exemplo disso. A criança sente falta de liberdade"<sup>62</sup> A televisão, por ser um fenômeno jovem, pode auxiliar neste processo de criticidade, principalmente quando estamos falando não só de Monteiro Lobato mas também de TV Globo.

Para Eugênio Bucci, o *Sítio do Picapau Amarelo* é um aliado de todos os educadores. Mais ainda: "o *Sítio* nos ajuda a fazer de conta que ainda existe a criança ancestral que brota dos rincões da brasilidade. Uma criança, a propósito, que a televisão praticamente pôs em extinção. Era uma vez o *Sítio*, uma reserva ecológica da imaginação pátria."<sup>63</sup> Vivenciar toda esta magia faz parte da idéia dos adaptadores do *Sítio do Picapau Amarelo*, eles realmente procuram levar para a casa de cada criança telespectadora um mundo produzido pela imaginação de Lobato, na primeira metade do século XX, contemplando a tecnologia, como forma prioritária, para interagir a atenção deste público alvo, garantindo assim, uma alta qualidade para um programa infantil.

O mesmo colunista Eugênio Bucci compara outros programas ao *Sítio do Picapau Amarelo*, e deixa claro que hoje em dia as crianças pouco têm de opções no que refere-se à qualidade. Continua dizendo: "Agora, olhe em volta. Além do *Sítio*, o que existe? Uma loira pulando. Outra loira pulando. Não como sacis, mas como histéricas. Desenhos animados que são tijolos tingidos explodindo-se uns contra os outros. Brucutus fosforescentes. Anúncios publicitários de produtos exóticos"<sup>64</sup> Esta nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo* trouxe uma versão da qualidade de cenas, programa de qualidade infantil, segundo muitos

---

62 PACHECO, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo. Papirus. 2002, p121.

63 BUCCI, Eugênio. *Coluna de olho na televisão*. Nova Escola, dezembro de 2001.

64 Ibidem.

educadores, proporcionou uma volta da consciência entre as crianças, do que é mais bonito e agradável, para eles mesmos, é um tópico aplausível dentre tantas “coisas” que vêm na telinha.

A TV pode ser uma força positiva ou negativa para seus telespectadores, principalmente para as crianças, pois todas necessitam de exemplos para a construção da sua personalidade e caráter. Não vamos entrar aqui na psicologia infantil, mas sabemos que a televisão concentra um forte poder de intuição, o querer ser e ter. A nova versão do *Sítio do Picapau Amarelo*, sem querer ser exortativa, pode representar um exemplo muito positivo para os telespectadores, principalmente para as crianças, ou seja, como telespectadora da versão antiga e da versão atual, acredito que estar em contato com as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* é renovar expectativas positivas e criativas.

A criança que assiste programas de televisão recebe um tipo de representação que acaba se refletindo no desenvolvimento e na continuação dos papéis representados na sociedade. Nos programas infantis, de maneira geral, as crianças assimilam componentes de cena e figuração, com comportamento mais ou menos estereotipados. São tratadas sem muito respeito com uma subestimação de sua compreensão. Se olharmos para os programas infantis atuais, todos, sem exceção, têm uma apresentadora escultural, que visa propagandas para seus próprios produtos (bonecas, sapatos, perfumes, material escolar entre muitos) e brincadeiras que apenas tendem na disputa de brinquedos e jogos, mas sempre apresentam as mesmas atrações, as mesmas brincadeiras que têm como final um presente, isso cansa e as crianças vão desistindo de ver sempre o igual.

Pudemos perceber esta situação claramente no programa *Bambuluá*, apresentado por Angélica. Seus pontos no íbope estavam baixando e os diretores precisavam de algo que chamasse a atenção da criançada. O que mais pode chamar a atenção de uma criança do que a imaginação, o estar lá sem estar, o ver e interagir... As histórias de Monteiro Lobato atenderam

estas expectativas, e no dia 12 de outubro de 2001, a Rede Globo colocou no ar *O Sítio do Picapau Amarelo* e só foi através desta implantação dentro do programa *Bambulúá* que a Angélica não perdeu mais uma vez a briga pela programação infantil, a pontuação praticamente dobrou. As crianças procuram algo diferente, interessante e não as mesmas *brincadeirinhas e pulinhos*. As crianças estão muito mais exigentes, livres, espertas...

A recepção crítica mostrou que a grande maioria dos telespectadores aceitou a nova versão. Poderíamos dizer que não só aceitou como também aplaudiu a enorme capacidade profissional por parte de todos os integrantes deste grande projeto executado pela Rede Globo. Além de resultados positivos como telespectadores, a retomada da memória, para alguns, em especial para mim, trouxe a infância de volta, uma época importante na nossa formação, aonde buscamos tudo aquilo que nem sempre podemos ter. Assistir novamente o *Sítio* me proporcionou uma reflexão pertinente: apesar de adultos, achando que sabemos quase tudo da vida, quando participamos das ficções de Monteiro Lobato, voltamos há um tempo mítico e intocável. É nesta hora que vemos como é bom este retorno a nossas lembranças e perceber que o passado sofreu apenas algumas atualizações e que, apesar dos *enter*, nossa *page up* continua conectada simultaneamente às nossas histórias vividas.

**CAPÍTULO VIII**  
**IMAGENS E VIAGENS:**  
**NO REINO DAS ÁGUAS**  
**CLARAS**



## CAPÍTULO VIII

### IMAGENS E VIAGENS: NO *REINO DAS ÁGUAS CLARAS*

Do papel para a imagem, este é o objetivo desta nova versão. Não é nossa intenção discutir a montagem ou a técnica em si, mas sim demonstrar que este projeto executado pela Rede Globo tem mérito, pois, sem mexer na essência das histórias que Monteiro Lobato escreveu, leva para as crianças deste século XXI o que existe de atemporal no *Sítio*.

Vamos exemplificar com *No Reino das Águas Claras*, lançado em vídeo em 2001, episódio que poderá ser encontrado em *Reinações de Narizinho*, o eixo do que é apresentado pela TV-Globo no horário da manhã.

Como se esperava, a apresentação deste vídeo inicia com o uso de tecnologia de ponta, com recursos gráficos capazes de contemplar, na mesma cena, seres humanos e desenhos animados. Cores vivas e atraentes são elementos iniciais para chamar a atenção e proporcionar a curiosidade desta geração acostumada com um universo de sons e cores. Já no início nos deparamos com a reprodução da natureza, dando destaque a uma enorme árvore de jabuticaba, lugar que objetivava sempre satisfazer as peripécias da menina Lúcia, conhecida como “narizinho arrebitado”, e sua boneca, ainda muda de nascença, feita de macela por tia Nastácia.

A história assim começa: a menina brinca, corre e acaba adormecendo na margem do

ribeirão que passava por dentro do sítio, quando de repente dois seres minúsculo, sobem no nariz de Narizinho. Um desses seres minúsculo é o Mestre Cascudo, uma espécie de besouro, e o outro, o príncipe do Reino da Águas Claras. Nossa atenção vai, de imediato, para o Mestre Cascudo, feito totalmente através da computação gráfica, cujas formas e movimentos são graciosos e perfeitos, permitindo a veracidade da personagem. O príncipe é um ator envolvido em uma roupagem imitando escamas, já que é um peixe. Narizinho, então, acorda, com os dois personagens em cima de seu nariz e começa a conversar. O príncipe convida a menina para conhecer seu reino, que ficava bem “ali”, e assim foi feito. O príncipe, Narizinho e a boneca Emília jogam-se no ribeirão e inicia-se uma aventura fascinante. Neste momento, o besouro já havia voado para outro lado.

Ao caírem no ribeirão, Narizinho e Emília foram envolvidas em uma bolha e o príncipe ao lado das duas do lado de fora. Esta bolha feita pelo computador dá a impressão de que realmente elas estão dentro de algo transparente, porém seguras. Ao fundo pequenas bolhas de ar são soltas para valorizar a cena de maneira mais apropriada. Passam pela floresta de algas, que se torna ainda mais bela e viva quando representada por formas visuais interessantes que só a computação gráfica poderia oferecer. O polvo, soltando sua tinta ao se sentir ameaçado, e os demais peixes valorizam a cena, provocando no telespectador um fascínio constante. Monteiro Lobato, descrevendo esta mesma cena, escreve que a sala do trono era “toda dum coral cor de leite, franjadinho como musgo e penduradinho de pingentes de pérola, que tremiam ao menor sopro. O chão, de nácar furta-cor...”<sup>65</sup>. Regado a este cenário belo, os diálogos e explicações sobre o que estava acontecendo, quem eram e o que faziam por parte do príncipe, enriquecem ainda mais este cenário.

Os diálogos acontecem, naturalmente e de forma ágil. É importante frisar que as

---

65 LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973, p.15.

palavras permanecem as mesmas, ou seja, se quisermos, podemos acompanhar as falas desta versão com o livro de Monteiro Lobato nas mãos; pontos, vírgulas e paradas permaneceram intactas. Este é outro diferencial desta versão: não mudar a história, mantendo os diálogos, pensamentos e a idéia da mesma maneira que Monteiro Lobato imaginou.

O que podemos ver de diferente entre a versão televisiva e a obra de Monteiro Lobato é que, em determinados momentos, algumas situações são omitidas, porém não comprometem o desenrolar da história. Um exemplo é o momento da chegada de Narizinho ao palácio: ela fica surpreendida com tanta beleza e vai direto à sala do trono. Senta-se ao lado do príncipe como se já fosse uma princesa e a audiência diária começa. O vídeo inicia com dona Carochinha<sup>66</sup> (simbolicamente remetendo às histórias da carochinha....), uma “barata horrível”, com histórias emboloradas, como diz Narizinho. No livro, o episódio começa com um bando de moluscos nus que reclamavam de frio, e vinham se queixar dos Bernardos Eremitas, que eram alguns caranguejos ladrões que adoravam roubar as suas conchas. Depois do príncipe resolver o caso, chega outra reclamação. Desta vez era uma ostra queixando-se de um caranguejo que lhe roubara a pérola. Mais uma vez o príncipe resolve e só aí é que dona Carochinha entra em cena. Como podemos notar, esta omissão de algumas cenas e algumas falas, importantes no texto escrito, não afetam o decorrer da história. A conclusão a que se chega é que a versão televisiva, por querer valorizar as imagens e os aspectos tecnológicos inseridos *No Reino das Águas Claras*, tornou necessário o corte de algumas falas.

Continuando com o episódio, o Príncipe, depois de terminar a audiência, convida Narizinho a dar um passeio pelo seu reino. Narizinho discute com dona Carochinha, por ela dizer que os personagens estavam fugindo de suas histórias, para conhecerem “a

---

<sup>66</sup> Histórias da Carochinha são os contos tradicionais do Brasil. Estes contos populares, muitos de ensinamentos, sobrevivem e são divulgados de forma oral desde o tempo do descobrimento, ou antes, já que muitos foram adaptados de versões da Europa Medieval.

menina de nariz arrebitado”. Como se não bastasse, disse que a menina morava com duas velhas em um sítio. Foi o que precisou para Narizinho ficar irritada e atracar-se com *a barata fedorenta*. Neste momento a boneca Emília deixa de ser uma simples boneca muda de nascença. Por causa da raiva que sentira da dona Carochinha, por esta estar brigando com sua dona e melhor amiga, corre para ajudar Narizinho. Mas ainda continuava muda, até o momento em que leva uma batida na cabeça e desmaia. Os guardas acham Emília e a levam para a sala onde acontecia uma festa para Narizinho. Chegando lá, chamam o doutor Caramujo, o melhor dos doutores, e ele rapidamente, com um *beliscão*, acorda a boneca. Narizinho fica preocupada com sua boneca e pede para o doutor dar uma pílula para Emília falar e o doutor Caramujo, depois de encontrá-las dentro da barriga do sapo, dá para Emília. E daí por diante a boneca não pára mais de falar. Nas primeiras três horas nem respirava. O doutor falou para Narizinho que era "fala recolhida", mas depois foi acalmando e sua fala passou a ser normal.

É interessante observar como pílulas podem fazer efeito, em princípio em uma boneca de pano, será que esta idéia foi proposital? Na imaginação, Lobato traz pílulas para uma boneca falar e, na realidade, traz a idéia de um incentivo para a criança se comunicar com mais liberdade, ter a curiosidade de saber mais, de questionar sem medo e conseqüentemente de ampliar seus horizontes e formar-se apoiada em todas as estruturas que lhe foram dadas. Os livros fariam parte deste medicamento, uma espécie de fórmula do conhecimento, da imaginação, do aprender e do conhecer. Incentivo à leitura, esta sim é a pílula que muitos necessitariam tomar.

Na obra original, este episódio acontece de maneira diferente. Não acontece no palácio e sim no consultório do próprio Doutor Caramujo. Narizinho dorme no Reino, e depois da festa no palácio, no outro dia, leva Emília ao consultório do doutor Caramujo para examiná-la: "No outro dia a menina levantou-se muito cedo para levar a boneca ao consultório do doutor

Caramujo<sup>67</sup>. Na obra, além deste episódio acontecer no consultório, o doutor Caramujo percebe que foi assaltado e roubaram suas pílulas, mas, sabendo que Narizinho iria procurá-lo para resolver o problema da boneca muda de nascença, manda pegar um papagaio mais falante do reino para resolver o problema da Emília. Como? Muito simples; abriria a garganta da boneca muda e colocaria uma *falinha* do papagaio lá dentro e pronto, tudo resolvido. Mas Narizinho não aceitou, já que teria que sacrificar o papagaio. Enquanto esta briga continuava, chega ao consultório o sapo que havia engolido as pílulas pensando que eram pequenas pedras. Tudo certo: o doutor pegou as pílulas e deu uma para a boneca Emília, que até hoje não pára de falar:

(...) E agarrou na casca e foi saindo com ela debaixo de um cobertor...

- Da mantilha, Emília!

- Do COBERTOR.

- Mantilha, boba!

- COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a coroca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o doutor Cara de Coruja...

- Doutor Caramujo, Emília!

- Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um lisbacão.

- Beliscão- emendou Narizinho<sup>68</sup>.

Podemos perceber que algumas cenas foram contempladas e outras não, havendo uma

<sup>67</sup> LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973, p 21.

<sup>68</sup> Ibidem, p 23.

espécie de síntese de cenas. Vale ressaltar que as falas contidas na obra original permanecem as mesmas na nova versão. Se acompanharmos a fala do doutor Caramujo quando percebe que suas pílulas foram roubadas, notamos que são exatamente as mesmas. O que difere é a ambientação.

No decorrer da história representada em vídeo, tia Nastácia e Dona Benta procuram Narizinho pelo *Sítio*. É sempre enfatizado que a menina esquece da vida quando está entretida com outros assuntos. A menina ouve tia Nastácia gritar seu nome e sai correndo do *Reino das Águas Claras* quase sem despedir-se de ninguém. Chegando na casa da avó, Dona Benta, com muita compreensão, escuta o que Narizinho tem a dizer, a menina falava rápido do Reino, do príncipe, do doutor Caramujo, da dona Aranha, enfim da viagem que acabara de fazer e dona Benta ri, e mexe a cabeça como quem diz: *que imaginação!* Dona Benta esperou o entusiasmo de Narizinho passar para dizer que seu primo, Pedrinho, iria chegar da cidade. Pediu que fosse se arrumar para o grande momento, pois seria dali a algumas horas. As duas senhoras estavam tão preocupadas com Narizinho e a chegada de Pedrinho que, somente mais tarde, ouviram a Emília a falar e automaticamente ficaram abismadas. Tia Nastácia olhou para Dona Benta e disse: Meus Deus do céu, não que esta boneca está fanado? Já no primeiro diálogo a boneca se depara com a cozinheira e responde: Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?"<sup>69</sup>.

Esta fala, por exemplo, da personagem Emília, está rigorosamente idêntica à obra original. Caracterizando as duas principais personagens adultas de suas histórias, Dona Benta e tia Nastácia, uma como fonte do erudito e popular e a outra uma autoridade que provem da sua sabedoria e experiência, promovem uma mudança dos estilos "normalmente sociáveis",

---

69 Ibidem, p 24.

ambas quebram a hierarquia que separa a criança dos adultos e subverte a relação entre eles. A disponibilidade destas personagens em ouvi-los, responder às infindáveis perguntas sem censura ou má-vontade, não encontra paralelo na vivência real, ampliando extraordinariamente o campo de possibilidades para o aprendizado, que se transforma em uma atividade lúdica e divertida.

Mais tarde, a família reunida, Dona Benta, tia Nastácia, Narizinho, Emília, e Quindim, esperavam tio Barnabé trazer Pedrinho da rodoviária. O menino chegou montado em seu cavalo Pangaré, que já havia pedido por carta, com muita alegria e saudade; afinal estava em um lugar onde poderia fazer tudo que a cidade não permitia. Todos o abraçaram, houve trocas de presentes, e Pedrinho ficou abismado em ver Emília falando daquele jeito. Começa a se configurar que no *Sítio* de dona Benta tudo é possível!

No restante do dia, as crianças, brincam e correm muito até que em um determinado momento Pedrinho e Narizinho resolveram fazer um boneco de sabugo de milho. Fizeram, deixaram ali, junto aos livros e saíram para brincar. Este boneco, como mágica, acorda envolvido entre livros e começa a lê-los intensamente, acrescentando seu conhecimento. Depois de encontrarem este milho falante deram-lhe o nome de Visconde de Sabugosa; na verdade foi Narizinho quem deu este nome, mas mais uma vez a menina de nariz arrebitado faz planos para Emília. Narizinho queria casar Emília com Rabicó, mas é claro que a boneca não iria aceitar. Narizinho inventou a seguinte história:

"A boneca ficou indignada e declarou que jamais se casaria com um poltrão como aqueles (...) A menina riu-se e explicou:

- Você está enganada, Emília. Ele é um porco e poltrão só por enquanto. Estive sabendo que Rabicó é príncipe dos legítimos, que uma fada má virou em porco e porco ficará até que ache um anel mágico escondido na barriga de certa minhoca. Por isso que Rabicó

fica fossando a terra atrás de minhocas.

- Emília ficou pensativa. Ser princesa era o sonho dourado e se para ser princesa fosse preciso casar-se com o fogão ou a lata de lixo, ela o faria sem vacilar um momento.

- Mas você tem certeza, Narizinho?

- Tenho certeza absoluta! Quem me revelou toda esta história foi justamente o pai de Rabicó, o Senhor Visconde de Sabugosa, um fidalgo muito distinto que vem fazer o pedido de casamento"<sup>70</sup>.

Esta idéia bastante criativa de Narizinho fez com que Emília aceitasse o Rabicó e marcasse a data de casamento. Para esta data foram feitos muitos quitutes por tia Nastácia, que seriam colocados em uma mesa apropriada para o casamento. Até vestido de noiva Emília teve direito... O dia chegou, Emília se casou, porém no final do casamento Pedrinho conta para Emília que tudo não passou de uma mentira de Narizinho, a recém-noiva fica tão brava, que passa alguns dias sem falar com sua amiga. O casamento é desfeito e tudo volta como estava antes. No entanto a própria Narizinho havia se esquecido do seu casamento. Como? Monteiro Lobato explica: "Depois de sua viagem ao *Reino das Águas Claras*, o príncipe ficou doente, caindo em profunda tristeza. Emagreceu. Suas escamas foram ficando fininhas como papel de seda. Permanecia horas de olho pregado no trono onde Narizinho havia assistido ao grande baile da corte, e de vez em quando puxava uns suspiros que pareciam arrancados com torquês"<sup>71</sup>. Neste momento o doutor Caramujo disse que o príncipe estava sofrendo de "narizinho-arrebitadite"<sup>72</sup>, e que o melhor remédio era se casar com Narizinho e assim o fez, mandou uma carta" Logo que os peixinhos escoteiros chegaram ao sítio de Dona Benta, foram tratando de erguer a concha e enroscá-la entre duas pedras na beirinha do ribeirão- bem

70 LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973, p 49.

71 Ibidem, p 55.

72 Ibidem, p 56.

perto do pé de ingá. E por ali ficaram descansando e espiando. Não demorou muito, apareceu Pedrinho de vara na mão; vinha pescar justamente ali.(...)"<sup>73</sup>.

Ressaltamos nesta descrição do enredo que a imaginação que Lobato usa no texto literário não só construiu um universo paralelo, diferenciado do real, mas o ultrapassou através de elementos alegóricos. Estes elementos, compartilhando fatores e experiências vividas, possibilitam um universo imaginário que poderia ser incorporado pela criança leitora. Um exemplo interessante é que, em *Reinações de Narizinho*, a instituição do casamento é freqüentemente apresentada sob o enfoque crítico, através do qual o divórcio, inexistente no Brasil, na época em que os livros foram publicados, é apresentado como socialmente aceitável e até necessário.

Continuando a história do vídeo para associarmos com a narrativa original: Pedrinho entregou, entre as pedras do rio, uma carta destinada à Narizinho, e na carta está escrito: "Senhora! A felicidade do Reino das Águas Claras está em vossas mãos. Nosso príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou case-se ou morre, diz o médico da corte. Quererá a menina salvar este reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado príncipe? (Assinado) Peixinhos do mar"<sup>74</sup>, Narizinho ao ler a carta ficou feliz, terminou de fazer suas rosquinhas e logo mandou o sim como resposta, o casamento estava marcado. E foi justamente do seu casamento que a menina esquecera. Mas deu tempo. Correu, e junto de Pedrinho, Emília, Rabicó e Visconde, foi ao *Reino das Águas Claras*, concretizar mais esta viagem fascinante. É interessante salientar que a atitude de fazer o príncipe esperá-la enrolando rosquinhas pode representar

---

73 LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973, p 56.

74 Ibidem, p 56, 57.

mais um tempo sem compromisso e um faz-de-conta da menina, espaço da pura brincadeira.

Chegando no *Reino*, dona Aranha tratou de fazer logo o vestido mais perfeito que uma costureira fosse capaz, e, como não poderia faltar também, o vestido da Emília, madrinha da noiva. Tudo corria bem, os preparativos, os vestidos. Pedrinho conhecia o *Reino* junto com Rabicó e Visconde. Enfim chegou a hora da cerimônia. Narizinho entra feliz, com o vestido que dona Aranha e suas sete filhinhas fizeram. Emília na frente, como uma madrinha merece, e o casamento continua. No momento que o padre pede a coroa, entra um peixe gritando, "roubaram a coroa!". Como a coroa havia sido feita pela própria noiva, e era uma rosquinha, que o príncipe mandou cobrir com diamantes, quem poderia ter "roubado?". É claro que Rabicó comeu a rosca, sem imaginar que aquela rosca era a coroa de casamento. Na confusão Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde e Rabicó saem correndo do *Reino*, com medo que o príncipe fizesse algo contra Rabicó.

No vídeo, todos os episódios referentes ao casamento de Narizinho são contemplados, mas não na íntegra, ou seja, as idéias estão presentes, mas detalhes são omitidos, detalhes estes, como já foi dito, que não interferem na história, na essência. A obra escrita necessita de minúcia, pois só assim podemos "voar" através das palavras. O fato do vídeo não contemplar pormenores é compreensível, pois se temos uma imagem, temos um significado oferecido pela tela (imagem), enquanto que o livro fornece uma representação muito mais dependente de detalhes descritivos e das palavras, onde o leitor se apóia para fazer o tão esperado passeio ao mundo da imaginação.

Este vídeo *No Reino das Águas Claras* é uma porta para o encantamento, seja por um contador de histórias, seja por meio de produções mais elaboradas. *No Reino das Águas Claras* é um lugar mágico, como requereria a obra de Monteiro Lobato. E existe um lugar mágico onde as crianças podem entrar, levadas por intermediários-atores. Apesar de existir

porteira ou cerca no *Sítio*, separando-o do mundo da fantasia, o cercado existente é derrubado sempre, como se ali estivesse para isso, as personagens ultrapassam, não há limites entre o real e o imaginário. Para ficar mais claro é só pensarmos na viagem de Narizinho ao *Reino*, um passeio ao mundo imaginário, capaz de oferecer, através das imagens, belíssimas inovações tecnológicas que enriqueceram ainda mais a obra de Monteiro Lobato.

Uma das propostas de Monteiro Lobato era mostrar para as crianças um mundo sem falsidade, levando-as a questionarem a realidade, não aceitando tudo o que lhes fosse passado como verdades universais e imutáveis. Esta possivelmente foi uma das razões da exploração vasta da intertextualidade, ocasionando não só a pluralidade de vozes, ou o intercâmbio entre diferentes povos, ou diferentes personagens da História ou de histórias, mas, essencialmente, a possibilidade de aceitar o convívio com os personagens, como se o tempo cronológico fosse rompido, para que pudessem ser discutidas questões como moral, progresso, evolução, atualização, honestidade.

A leitura atenta da adaptação recente para vídeo permite-me dizer que a adaptação para a televisão é uma forma fantástica, criativa e avançada de perpetuar as histórias de Monteiro Lobato para milhões de crianças que um dia, como eu (que assisti a primeira adaptação), sentir-se-ão gratificadas por participar de um mundo tão interessante e fascinante como o *Sítio do Picapau Amarelo*.

No mundo do faz-de-conta, Monteiro Lobato pôde dar vazão ao espírito inquieto e quem sabe até concretizar seus sonhos. Estava sempre acreditando com veemência em alguma coisa, transformações, novidades, inovação, acreditava tanto em suas personagens que todos, Tia Nastácia, Dona Benta, Rabicó, Narizinho, Emília, Pedrinho e tantos outros estão ainda hoje vivos. É possível, portanto, observar, dentro das histórias do *Sítio*, a presença de personagens vindas dos clássicos, dos contos de fadas, de fábulas e histórias populares, e até

mesmo de personagens do cinema americano.

A comunicação, quando alia arte e educação ao seu processo de elaboração e emissão na mídia, consegue uma mistura de magia fazendo com que seu público-alvo alcance uma atitude positiva, permitindo até uma interação direta deste público na apropriação e internalização de idéias, conceitos, fantasias... Monteiro Lobato e sua saga são expressão de arte, talento literário e ficcional, pluralidade de repertório com qualidade cognitiva, brasilidade, humanidade. Portanto, uma leitura crítica das suas obras exigiu alto nível de competência e sensibilidade para o trabalho de "enquadramento televisivo", efetivando, assim, uma programação que eleva a estatura da televisão brasileira no país, o que se deseja para as crianças.

# SAINDO D'O SÍTIO



## SAINDO D'O SÍTIO

O avanço tecnológico dos meios de comunicação, o uso da Internet e da televisão são fatos inegáveis em nossos dias. Seus usos estão se difundindo cada vez mais como um novo e eficiente veículo de ensino-aprendizagem, trazendo novos recursos para a sala de aula tradicional e, principalmente, incorporando, ainda de forma questionável, o ensino à distância.

A tradução de palavras em imagens tornou-se um jogo muito interessante, como procuramos demonstrar na transcrição de alguns episódios de *No Reino das Águas Claras*. Os olhos foram despertados para que, no mínimo, venha à tona o desfrutar, o despertar do gosto pela leitura. Compete que seja sempre informado à criança que a origem de tudo aquilo está em livros com muitas palavras e poucas ilustrações. Ler as histórias seria fundamental até para a compreensão mais palpável de todo o contexto construído por Monteiro Lobato.

Esta nova adaptação da obra de Monteiro Lobato permite ainda registrar que a tecnologia, em específico, a mídia, remete à noção do progresso, é um veículo importante para a valorização e difusão da cultura no mundo moderno. Através da mídia, ficou mais fácil a valorização do local, do regional, e do global.

O que ficou muito mais claro é que, hoje, as instituições educacionais estão buscando como apoio estes veículos de comunicação e trazendo, para sala de aula, informações para novas discussões. O *Sítio do Picapau Amarelo* é uma destas contribuições, que merecem todos os créditos dos educadores, preocupados com a formação de cidadãos. A interação entre

educadores e comunicadores é de extrema importância no momento atual, já que a televisão é um veículo voltado para o entretenimento e informações.

Vamos concluindo este trabalho sobre Monteiro Lobato, para o qual usamos a metáfora “um sítio maior do que um *site*”, lembrando que não se pode negar a identificação de referenciais de vanguarda literária no conjunto da obra de Monteiro Lobato e que potencialmente a sua literatura já estava preparada para as manifestações televisivas interagirem diretamente com suas histórias, facilitando, assim, a construção de roteiros, cenas, personagens e conteúdos.

Esperamos ter mostrado que Monteiro Lobato traz com pertinência em suas obras a evocação de símbolos, mitos e arquétipos com excelência tanto de conteúdo quanto de arquitetura literária, caricaturas folclóricas com tendência para atribuir, ou a forma de pensamento que atribui formas ou características humanas a deuses, ou quaisquer outros entes naturais ou sobrenaturais visando os cuidados com o modo destas figuras cheguem ao público infantil. A cada dia, por trinta minutos, as crianças conseguem ter aulas de cultura geral através dos temas inseridos no *Sítio*, uma narração repleta de diálogos. Relewa-se que as brincadeiras, as piadas, as risadas, as fantasias ali representadas são também um ingrediente importante para a criança. Aprender brincando... . Quem assiste o *Sítio do Picapau Amarelo* passa a fazer parte deste universo atraente e desafiador que Lobato nos preparou.

Assim, o fato de termos gravado e assistido durante toda a confecção desta dissertação todos os capítulos de o *Sítio do Picapau Amarelo* nos autoriza a dizer que a televisão utilizou, a partir da produção original de Monteiro Lobato, os sistemas de significação contidos em sua obra, tanto no que se refere aos personagens, como às paisagens, para compor e recompor, sem mexer na íntegra da sua literatura, uma série muito bem cuidada de categorias imaginárias e do real de modo complementar, numa estética desencadeadora do prazer, da

alegria e do convite à aventura. Podemos citar e demonstrar isto na descrição de algumas cenas de *No Reino das Águas Claras*, que se destacou pelo conjunto de pequenas composições temáticas e com qualidade musical. A difusão da boa música brasileira, arte aplicada à arte, música na literatura, elaborada com multiplicidade de recursos e repertórios para um público muito exigente: a criança. O compositor e cantor Gilberto Gil usou de sua genialidade com excelente técnica, a música de abertura que possui leveza sonora e breves refrões, que convidando o público a cantarolar a se preparar para o início do espetáculo na televisão.

Em específico, o episódio *O Reino da Águas Claras* trouxe um mundo repleto de apelos áudio-visuais: uma realidade que povoa o cotidiano da criança, do adolescente, do adulto, da pessoa, do cidadão. Estar conectado à recepção, aos estímulos televisivos é um caminho que pode ser percorrido constantemente e de modo criativo, aberto, dinâmico, transcorrendo assim a um contexto de transformações no qual vivemos. Monteiro Lobato criou uma comunicação independente da idade, uma comunicação que tem algo incomum: a imaginação. Suas histórias contemplam culturas diferentes, lugares diferentes, pessoas incomuns e comuns, portanto Monteiro Lobato tornou-se *on line*.

A literatura de Monteiro Lobato promove uma relação entre ciência e sabedoria, um desejo permanente de saber mais, de modos de dizer e narrativas mitológicas no faz-de-conta. Pode-se dizer que Lobato praticou uma mídia de iniciação científica ao contar história da ciência e da cultura de vários espaços, vários universos. Por isso a ênfase de que um olhar hoje sobre o *Sítio do Picapau Amarelo* permite perceber que ele foi um precursor dos *sites*, um prenunciador de todas as idéias e diferenças que o *Sítio* trazia, um lugar que não só se materializa através de botões, mas sim da mais alta imaginação, esta é a razão de sua atemporalidade e de podermos afirmar, desde o título, a possibilidade de *Monteiro Lobato, sempre!*

## BIBLIOGRAFIA

ALLIENDE G., Felipe. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Trad. [de] José Cláudio de Almeida Abreu - Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1987.

ARANHA, Maria Luisa de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1989.

AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCETTA, Vladimir: *Furacão de Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 2000.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLOOM, Harold. *Como e Porque Ler*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix:2000.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Itatiaia: 1997.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo. Nacional. 1956.

CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1988.

CHIARELLI, Tadeu. *Uma Jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp: 1995.

CORSEUIL, Anelise R.. *Ilha do Desterro*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

COTRIM, Gilberto. *Educação para uma escola democrática-História e Filosofia da Educação*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1997.

DARTON, Robert. A história da leitura. In: Burke, Peter. *A escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1994.

GADOTI, Moacir. *Histórias das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1999.

GOMES, Giselda. *A literatura infantil e a sua influência na estrutura da personalidade infantil*. Revista de Ensino, Secretaria de Educação e Cultura. Porto Alegre: 1991.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática. 1996.

\_\_\_\_\_. *O Preço da Leitura*. São Paulo. Ática. 2001.

\_\_\_\_\_. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo. Ática. 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: Um Brasileiro sob Medida*. São Paulo. Moderna. 2000.

LEAHY-IOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social. Desvios e Rumos*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2000

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre I e II*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

\_\_\_\_\_. *História do Mundo para Criança*. São Paulo. Brasiliense 1973. vol. 05 Série B

\_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo. Brasiliense. 1973. vol. 04. Série A

\_\_\_\_\_. *Histórias Diversas*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 04. Série A

\_\_\_\_\_. *Fábulas*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 04. Série A

- \_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 02. Série A
- \_\_\_\_\_. *O Saci*. São Paulo. Brasiliense, s.d. vol. 02. Série A
- \_\_\_\_\_. *Memórias de Emília*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol 02. Série A
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 01. Série A
- \_\_\_\_\_. *Viagem ao Céu*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 06. Série A
- \_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 06. Série A
- \_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 03. Série A
- \_\_\_\_\_. *Peter Pan*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 03. Série A
- \_\_\_\_\_. *Emília no País da Gramática*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 05. Série A
- \_\_\_\_\_. *Aritmética da Emília*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 05. Série A
- \_\_\_\_\_. *As aventuras de Hans Staden*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 01. Série B
- \_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 01. Série B
- \_\_\_\_\_. *D. Quixote das Crianças*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 02. Série B
- \_\_\_\_\_. *O Minotauro*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 02. Série B.
- \_\_\_\_\_. *A Retomada da Natureza*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 03. Série B.
- \_\_\_\_\_. *A Chave do Tamanho*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 03. Série B.
- \_\_\_\_\_. *Os Doze Trabalhos de Hércules*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 04. Série B.

\_\_\_\_\_. *Serões de Dona Benta*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 06. Série B.

\_\_\_\_\_. *Histórias das Invenções*. São Paulo. Brasiliense, 1973. vol. 06. Série B

\_\_\_\_\_. *Conferências Artigos e Crônicas*. Brasiliense. São Paulo. 1959.

\_\_\_\_\_. *Urupês*. Brasiliense. São Paulo. 5º reimpressão, 2001.

\_\_\_\_\_. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo. Brasiliense, 1948.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix: 1978.v.VI

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através de Textos*. São Paulo: Cultrix: 2000.

NUNES, Cassiano. *O Editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: 2000.

OLINTO, Heidrun Krieger, SCHOLLHAMMER, Karl Erik (organização). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

PACHECO, Elza Dias. *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*. São Paulo. Papirus.2002.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato*. Rio de Janeiro: Dunya:1997.

PROUST, Marcel. *Sobre a Leitura*. São Paulo. 1991.

Revista GRAGOATÁ. *Leitura literária e outras leituras*. Regina Zilberman. Rio de Janeiro: 1987.

Revistas de Educação – AEC-2000 RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da Educação Brasileira – A organização escolar*. São Paulo: Cortez, 1991.

RIBEIRO, Maria Manoela Tavares. *Revista de História das Idéias*. Vol. 20. São Paulo: 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1999.

SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A Leitura na escola e na biblioteca*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

TRAVESSIA. Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira- UFSC. Florianópolis. 1988/1989.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes: 1999.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro, Dunya, 1997.

WORNICOV, Ruth et alli. *Criança – Leitura – Livro*. São Paulo: Nobel, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1985.

\_\_\_\_\_. A leitura na escola (or) In: *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1999.

**Sites Pesquisados:**

[www.istoe.com.br](http://www.istoe.com.br)

[www.quadrado.com.br](http://www.quadrado.com.br)

[www.estadao.com.br/suplementos](http://www.estadao.com.br/suplementos)

[www.sitiodopicapauamarelo.com.br](http://www.sitiodopicapauamarelo.com.br)

[www.telemania.com.br](http://www.telemania.com.br)

[encerrades@sitio.com.br](mailto:encerrades@sitio.com.br)

[Babado.igler@ig.com](mailto:Babado.igler@ig.com)

[www.lobato.com.br](http://www.lobato.com.br)

[www.globo.com.br](http://www.globo.com.br)

[www.globo.com.br/sitiodopicapauamarelo.com](http://www.globo.com.br/sitiodopicapauamarelo.com)

[www.monteirolobato.com](http://www.monteirolobato.com)

[www.vidaslusofonas.pt/monteirolobato](http://www.vidaslusofonas.pt/monteirolobato)

[www.canalkids.com.br/arte/galeria/lobato](http://www.canalkids.com.br/arte/galeria/lobato)

**ANEXOS:  
FORMAS E REFORMAS**



## "Sítio do Picapau Amarelo" está de volta à TV após 15 anos

Por Sabrina Grimberg, repórter do Babado ([igler@ig.com](mailto:igler@ig.com))

Dona Benta voltará a abrir seu livro de histórias. Emília, Pedrinho e Narizinho viverão aventuras. E a Cuca vai pegar. Nem que sejam as delícias culinárias de Tia Anastácia, de dar água na boca. Depois de um jejum de quinze anos, o maior sucesso na área de programação infantil da TV brasileira está de volta à Globo. A nova versão do "Sítio do Picapau Amarelo" tem estréia marcada para 12 de outubro, dia das crianças.

O seriado baseado na obra de Monteiro Lobato será exibido nas manhãs da emissora, com uma história por semana. Cada episódio, de quinze minutos, terá cinco capítulos, apresentados de segunda a sexta-feira. O "Sítio" entrará no ar dentro do programa infantil "Bambulúá" (das 9h30 às 11h55), apresentado por Angélica.

Como na primeira versão, os textos de Monteiro Lobato serão mantidos apenas como adaptação para a TV. Mas desta vez, o programa ganhará ares mais modernos. Segundo o diretor de núcleo da emissora, Roberto Talma, o "Sítio" contará com recursos tecnológicos como computação gráfica.

Um dos recursos ao qual o diretor se refere poderá ser percebido logo na primeira aparição do personagem Visconde de Sabugosa. "Apareço na história com apenas 45 centímetros", conta o ator Cândido Damm, que faz seu primeiro papel de destaque na TV. "Sou profissional de teatro desde 1982 e recebi este convite do próprio Talma", afirma orgulhoso. O diretor-geral de programação infantil da emissora (cargo que, em breve, será assumido por Marlene Mattos) Marcio Trigo sabe da responsabilidade de agradar não só às crianças como também aos adultos que acompanharam a primeira versão do "Sítio", em 1951, na TV Tupi.

"Acredito que exista uma expectativa muito maior por parte dos adultos por terem acompanhado o primeiro 'Sítio'", afirma Trigo. "Nosso trabalho tem como foco a criança, mas como nos filmes da Disney, são produzidos para todo mundo aprovar".

Na nova versão, caberá a atriz Nicete Bruno interpretar a vovó Dona Benta, que cuidará das crianças. A tia Anastácia (Dhu Moraes) promete conquistar Emília (Isabelle Drummond), Narizinho (Lara Rodrigues), Pedrinho (César Cardadeiro) e o Saci (Izak Dahora) pelas delícias que prepara na cozinha. Para entrar no clima de seus personagens, os atores passaram dois meses em um sítio, em Pedra de Guaratiba, participando de rodas de leitura da

obra de Monteiro Lobato. O ator César Cardadeiro, por exemplo, aprendeu andar a cavalo. Já Nicete Bruno e Dhu Moraes não escaparam das aulas para ordenhar vacas.

Nos bastidores, a grande surpresa é o desempenho de Isabelle Drummond. Mesmo sem nunca ter visto atuações de outras Emílias, como Lúcia Lambertini (a primeira delas, em 1951, ainda na TV Tupi), Dirce Migliaccio (a primeira Emília da TV Globo), Reny de Oliveira (que por cinco anos foi titular da personagem) e Suzana Abranches (de 1983 a 1985), Isabelle vem surpreendendo os diretores da produção. "É impressionante como ela é a Emília. Decora os textos com uma facilidade de deixar qualquer um boquiaberto", conta Trigo. Segundo o diretor, a escolha proposital de colocar uma criança para atuar como Emília tem tudo para dar certo. "Ela tem raciocínio e genialidade de criança, exatamente o que precisamos."

Os personagens Rabicó, Quindim, Burro Falante além da temida Cuca serão interpretados por atores fantasiados do grupo teatral Cem Modos, que se responsabilizarão pela manipulação dos bonecos. À parte de dublagem ficará a cargo de profissionais como Mario Jorge e Mauro Ramos, entre outros. Técnicas em 3D serão usadas nos computadores para dar vida a personagens terciários.

Os dois anos do projeto que envolveu a volta do "Sítio do Pica-Pau Amarelo" à TV incluem ainda o lançamento do programa em DVD e a regravação da trilha sonora. A famosa música de abertura ("...goiabada de marmelo...") foi regravada pelo cantor e compositor Gilberto Gil. A baiana Ivete Sangalo gravou a música da personagem Narizinho, enquanto Cássia Eller ficou encarregada da trilha de Cuca. A banda Jota Quest assina a canção do personagem Pedrinho e Max Viana compôs uma música para o papel de Tio Barnabé (João Acaiabe). O músico Carlinhos Brown escreveu a trilha do Saci. Como uma receita que deu certo na novela das sete da emissora, "As Filhas da Mãe", um rap está sendo feito especialmente para ser tema da boneca Emília.

Apesar de acreditar no sucesso da versão 2001 do "Sítio", o diretor Marcio Trigo considera a obra limitada. "Acho suficiente uma nova produção com três temporadas. Cerca de 300 episódios ininterruptos." O primeiro episódio "Reino das Águas Claras" irá marcar a volta do programa à TV Globo.

## O novo 'Sítio do Picapau Amarelo' junta Saci e web

[www.estadão.com.br/suplementos](http://www.estadão.com.br/suplementos) 07/10/2001

O infantil estreia no Dia da Criança, na Globo, prometendo fidelidade ao texto de Monteiro Lobato sem abrir mão de modernidades como computador e microondas.



A Turma: Sabugosa (Cândido Damm), Tia Nastácia (Dhu Moraes), Dona Benta (Nicete Bruno), Pedrinho (Cesar Cardadeiro), Narizinho (Lara Rodrigues), Emília (Isabelle Drummond) e Tio Barnabé (João Acaiabe).

O programa mais esperado do ano não foi nenhuma novela das oito e sim o infantil Sítio do Picapau Amarelo. Por isso a estreia, na próxima sexta-feira, como presente da Globo para o Dia das Crianças. Serão quinze minutos diários dedicados à obra de Monteiro Lobato dentro do Bambulúá. A previsão é de que os capítulos entrem no ar por volta de 11h30. A cada semana será contada uma história. A primeira é do livro Reinações de Narizinho, O Reino das Águas Claras. Lúcia (Lara Rodrigues) conhece o Príncipe Escamado (Rafael Novaes), que a convida para uma impensável visita ao seu reino no fundo do riacho.

Lá, Narizinho burla a vigilância do sapo Major Agarra-e-Não-Larga-Mais (Zé Clayton), ganha o mais deslumbrante vestido, tecido por Dona Aranha (Ana Paula Botelho) e briga com a Dona Carochinha (Josie Antello).

O grande acontecimento, porém, envolve a boneca Emília (Isabelle Drummond) que, graças à pílula falante do Doutor Caramujo (Paulo Bibiano), abre a famosa torneirinha de asneiras e desata a tagarelar.

Passado o susto, uma cena com que toda menina vai se identificar, dá a medida do quanto a bonequinha de pano é especial. Sentada na cama de Narizinho, ela tenta conversar com uma dessas modernas bonecas que falam. A outra fica repetindo: "Quer brincar comigo?". E Emília, entediada, a deixa de lado. "Não sabe falar outra coisa, não?", resmunga.

Emília continua espevitada, atrevida, metida a saber tudo e mandona como ela só. A fidelidade ao texto é ponto de honra. Mas a modernidade chegou aos domínios de Dona Benta

(Nicete Bruno). Ela tem computador e se corresponde com a filha pelo e-mail encerrabodes@sitio.com.br sempre que quer notícias do neto Pedrinho (Cesar Cardadeiro).

"Monteiro Lobato era muito moderno e, certamente, teria um computador", defende o diretor de Núcleo Roberto Talma, esclarecendo que o público também poderá se comunicar com os personagens do Sítio através do endereço eletrônico. "Se recebermos uma mensagem muito boa, ela pode até ir ao ar", promete.

## **Modernidades**

Claro que tudo tem sua medida. Para Tia Nastácia (Dhu Moraes), por exemplo, aceitar os avanços da tecnologia não será tão simples. "Ela chora e se sente inútil quando Dona Benta compra um microondas para ajudá-la. Mas, depois, o carinho da turma a faz entender que é insubstituível", diz a ex-Dudu, ainda Frenética, com CD previsto para sair em janeiro. Recuperada a alegria, a cozinheira vai até se beneficiar dos dotes musicais de sua intérprete, cantarolando em quase todas as cenas. Nastácia e Benta são velhinhas para cima e, principalmente, saudáveis. "Aquela avó sempre muito sentada que a gente viu na outra versão do Sítio produzida pela Globo agora vai fazer caminhadas", conta a escritora Luciana Sandroni. Estreante na TV, Luciana é autora de doze livros, entre eles, *Minhas Memórias de Lobato*, uma biografia do escritor voltada para o público infantil, e *Sítio do Descobrimento*, em que os personagens do Sítio embarcam na caravela de Pedro Álvares Cabral. Com essa experiência, ela refuta a idéia de que criança não costuma ler. "Visito muitas escolas particulares e elas lêem sim", garante.

Márcio Trigo, diretor geral do programa e também autor de livros infantis, concorda: "Lobato é parte obrigatória do currículo de todas as escolas públicas".

O que os dois, mais os roteiristas Marina Mesquita, Cláudio Lobato e Toni Brandão esperam que aconteça, depois que o Sítio estreiar, é simples: "As crianças vão ler muito mais."

**Karla Marcolino**

Diário Catarinense 07/10/2001

**Sítio do Pica-pau Amarelo, baseado da obra do escritor Monteiro Lobato, reestréia na RBS TV na próxima sexta-feira, com 20 minutos de duração.**

### **Fantasia brasileira está de volta à tevê**

Nada como repetir uma receita consagrada para resgatar um antigo sucesso. As chances de um projeto vingar aumentam consideravelmente. Pensando nisso a Globo estréia na próxima sexta-feira, o remake do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, baseado na obra de Monteiro Lobato. Para conquistar o público infantil, o pontapé inicial só poderia ser no Dia das Crianças. Desta vez cada episódio do *Sítio* terá 20 minutos de duração em histórias de cinco capítulos que serão exibidas às 11h30min dentro do infantil *Bambuluá*. *O Sítio* entra na briga com os desenhos animados japoneses para tentar conquistar a mesma empatia com as crianças. "O antigo *Sítio* é mais poético que o atual, mas estamos sendo fiéis ao texto. As crianças de hoje são bem diferentes", explica o diretor Roberto Talma.

O antigo *Sítio do Pica-pau Amarelo* sofreu várias modificações. Alguns personagens foram adaptados aos novos tempos. É o caso de Dona Benta. Interpretada por Nicete Bruno, é uma avó moderna que se mantém informada através da Internet. "As crianças precisam acreditar que ela é de verdade. Espero ficar na lembrança e ganhar muitos netos também", diz Nicete, já com os trejeitos da personagem. Outro que sofreu mudanças radicais foi o sábio Visconde de Sabugosa, Vivido por Cândido Damm. Ele agora, como nos livros, mede cerca de 30 cm, o tamanho de um sabugo de milho "Acho válido esse resgate da literatura. É um universo presente também na minha infância", diz o ator de 39 anos. Cândido conta que também trocou idéias com André Valli, o antigo Visconde.

As cenas do Visconde de Sabugosa são realizadas em duas etapas. Na primeira fase, o ator grava em chromakey - um fundo azul depois substituído por imagens. Em seguida Cândido faz a passagem do texto e a edição sobrepõe às cenas. Segundo o diretor Márcio Trigo, a utilização de recursos gráficos como a animação em 3D são essenciais para retratar a fantasia de Monteiro Lobato. Para cada minuto de efeitos especiais são necessários dois dias de trabalho.

"É um conceito artesanal, mas com alta tecnologia", explica. Um método semelhante é utilizado para as cenas do saci, vivido por Isak Dahora.

Outro personagem que aparece em seu “tamanho natural” é o Visconde. Graças às novas tecnologias, Visconde mantém-se o tempo todo com um palmo de altura. A computação gráfica também foi usada para espalhar bolhas de ar e peixinhos pela tela nas cenas que se passam no Reino das Águas Claras, além de produzir totalmente personagens secundários como o Mestre Cascudo e peixinhos mensageiros. Os outros bichos que aparecem frequentemente, como o Marquês de Rabicó e a Cuca, são feitos por atores que usam fantasias muito bem feitas, bonitas, e que, apesar de não piscarem, mexem os lábios. Prontinhas para serem vendidas como bonecos em pouco tempo.

E não só os bonecos poderão vendidos em breve. A trilha sonora deverá estar nas lojas de CD a qualquer momento. Cada personagem principal do programa tem sua música, cantada por alguns dos principais intérpretes da música brasileira de hoje em dia. À clássica música-tema, cantada por Gilberto Gil, juntaram-se a música da Cuca, cantada por Cássia Eller; a do Visconde, por Lenine; e a de Narizinho, por Ivete Sangalo. A qual, aliás, foi a única reclamação da minha irmã: “Não agüento mais ouvir esta música!”, disse, depois que ela havia sido repetida pela sexta ou sétima vez.

A principal mudança do programa com relação ao texto original foi a inclusão das inovações tecnológicas comuns hoje em dia. Dona Benta tem computador e impressora, e adora trocar e-mails com Pedrinho. E até reclama: “Carta é mais gostoso, faz tanto tempo que Pedrinho não me escreve uma cartinha, agora ele só me manda e-mails!!”. Um amigo de Pedrinho diz que seus pais vão levá-lo para um parque temático com uma floresta mecânica, cheia de bichos de mentira; Pedrinho responde que vai ao Sítio, onde tudo é de verdade. No quinto episódio, chega ao Sítio um microondas, encomenda de Dona Benta. O que causa uma reação de medo e desconfiança em Tia Anastácia, e acaba por fazê-la sentir-se inútil e obsoleta. O que é desmentido, é claro, para que a semana acabe com um *happy end* em torno de uma bacia de bolinhos de chuva.

É uma pena que a Globo tenha resolvido fazer economia burra e não quis gastar um pouco mais com a produção para gravá-la toda em película. A série ficaria muito mais bonita, e seria possível então exportá-la para outros países, o que facilmente cobriria os gastos extras. E popularizaria os fantásticos (em todos os sentidos) personagens de Lobato por todo o mundo.

Apesar disso, a série é um bom programa infantil, como a muito tempo não se fazia na Globo. Diversão para crianças e adultos. Quem leu os livros, pode deleitar-se vendo

momentos conhecidos transpostos para a telinha. E mesmo quem não leu, pode ter o prazer de acompanhar diálogos (nem tão infantis) como este, entre alguns dos “convidados” presentes no casamento entre Emília e o Marquês de Rabicó:

BATATA-DOCE: Dizem que esse casamento é por interesse!

ABÓBORA: Dizem que a noiva fez uma plástica de macela!

BATATA-DOCE: Dizem que ela nem vai morar com o marido...

## Inovações em Sítio do Picapau Amarelo não assustam

JB Uchoa

12/10/2001



Nem foi tão triste assim para a outrora jovem guarda.

As inovações do novo **Sítio do Picapau Amarelo** para a modernidade não assustaram tanto, pelo menos até agora, já que a **Cuca** não apareceu.

Pelo que vimos pelas chamadas, as crianças de hoje em dia terão mais medo do **Saci** do que da velha jacaré que dorme apenas uma noite a cada sete anos.

Afinal, hoje em dia, com livros como *Harry Potter*, duvido que alguma criança tenha medo de fantasmas, vampiros e bruxas.

Mas para mim, o toque de modernidade deixou muito a desejar. Os besouros estão totalmente computadorizados, a **Cuca** vai ganhar um corpinho esbelto (ninguém tinha uma foto da velha fantasia para fazer algo parecido?), o visconde de sabugosa será do tamanho de uma espiga (aliás, porque não usar o mesmo ator?) e me desculpem, mas **Nicete Bruno** como **Dona Benta** não convenceu. Que saudades da **Zilka Salaberry**!

A melhor premissa será da **Emília**, que pela primeira vez será interpretada por uma menina de 7 anos e não por uma atriz adulta. Pena que mudaram tanto o visual da personagem (se bem que deixaram mais parecido com as ilustrações dos livros de **Monteiro Lobato**).



O episódio é curtinho. Nem meia hora de duração. Mas deixou um gosto de saudade. Escutar a abertura cantada pelo **Gilberto Gil** deu um tremelique no peito e me transportou para um passado muito saudoso. De longe, o melhor mesmo é a trilha sonora, que mantém as mesmas músicas. Ao menos teremos em breve um CD de qualidade para ouvir no carro, naquelas viagens de fim de semana em que juntamos a turma toda e vemos quem se lembra das canções da infância (se duvidar eu lembro de todas).

Que o novo Sítio é muito superior às besteiradas de *Angélica & Cia*, isso é. Talvez se fosse em um horário diferente poderia trazer muitos fãs mirins, mas acredito que vai cativar mais é esse pessoal de vinte e poucos anos, carente do clima de nostalgia.

## **O Sítio do Picapau Amarelo voltou à TV mais moderninho. E bem, obrigado.**

por Marcio Caparica Carlos, especial para o **Quadrado**  
[marciocaparica@hotmail.com](mailto:marciocaparica@hotmail.com)



“Marcio, gravei tudo!” Foi assim que minha irmã, Ana Paula, de nove anos, me recebeu quando cheguei em casa este final de semana. Conforme o combinado, ela gravou para mim toda a primeira semana do *Sítio do Picapau Amarelo*, programa que a Rede Globo (finalmente) ressuscitou e que estreou no último Dia das Crianças.

Nada melhor para avaliar um programa infantil que assisti-lo com alguém do público a que se destina. O entusiasmo dela com relação ao programa já serve como um bom indício de sua qualidade. Durante as duas horas em que assistimos os seis programas, ela não arredou o pé da sala, antecipava as falas, chamava a minha atenção para momentos que ela mais gostava. E falava, toda orgulhosa, que era “que nem o livro”, que vinha lendo com minha mãe. “Só não tem o narrador.”

E é mesmo. Para alguém (como eu) que já leu (e muito) os livros infantis de Monteiro Lobato, vê-los bem adaptados para a televisão é um grande prazer. Todos os principais personagens já aparecem nesta primeira semana: Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia, Emília, o Marquês de Rabicó e seu “pai”, o sábio Visconde de Sabugosa. Até mesmo personagens que não aparecem no primeiro livro, *Reinações de Narizinho*, já deram o ar de sua graça, como Tio Barnabé, a Cuca e o Saci. A vinheta de abertura ainda promete a presença do rinoceronte Quindim e de Conselheiro, o burro falante.

O principal temor dos velhos fãs da série, se Emília seria bem interpretada por uma criança, provou-se infundado: Isabelle Drummond, de sete anos, dá conta do recado, e faz uma boneca de pano muito mais plausível que alguém com o dobro da altura de Narizinho faria.



ISTO É/ 1672 – 17/10/2001

## Goiabada de marmelo

*Atrações para crianças, como O Sítio do Picapau Amarelo, resgatam a fantasia e a imaginação*

[Luiz Chagas](#)



Digimons, Pokémons, criaturas alienígenas e demais figurinhas alienantes, tremei nas respectivas bases! É chegada a hora de as crianças trocarem o joystick dos videogames pelo guidom das bicicletas, e os RPGs pelas histórias contadas em voz alta. Pelo menos essa é a idéia dos criadores de Acampamento legal, série transmitida de segunda à sexta-feira, às 20h15, pela Rede Record, e de O Sítio do Picapau Amarelo, que também vai ao ar de segunda à sexta, por volta da 11h30, na Rede Globo, dentro do programa Bambuluá com Angélica. Na sua estréia, no Dia da Criança, a nova versão da história de Monteiro Lobato emplacou 17 pontos de audiência no Ibope.

Com apenas 50 programas exibidos, Acampamento legal apresenta uma proposta inovadora. Gira em torno das atividades de um grupo de crianças acampadas e das possibilidades criativas derivadas da situação. Além do elenco fixo que interpreta os 22 personagens, os episódios de 30 minutos contam com turmas diferentes de meninos, renovadas a cada 15 capítulos depois de um treinamento na TV Escola Acampamento Legal. Três irmãos do bem e duas irmãs bruxinhas disputam a posse da chave do Portal do Tempo, metáfora para a imaginação.



Encantamento também deve ser o segredo do famoso pó de pirlimpimpim, que retorna glorioso na nova versão de O Sítio do Picapau Amarelo depois de ter sido amputado pela censura na anterior, feita nos anos 70 e 80. O pó mágico não foi o único redimido. Papel tradicionalmente disputado por atrizes em busca de reconhecimento, a boneca Emília é agora

interpretada por uma criança de sete anos, Isabelle Drummond. O Visconde de Sabugosa (Cândido Damm), graças à computação gráfica, ficou do tamanho de uma espiga de milho.

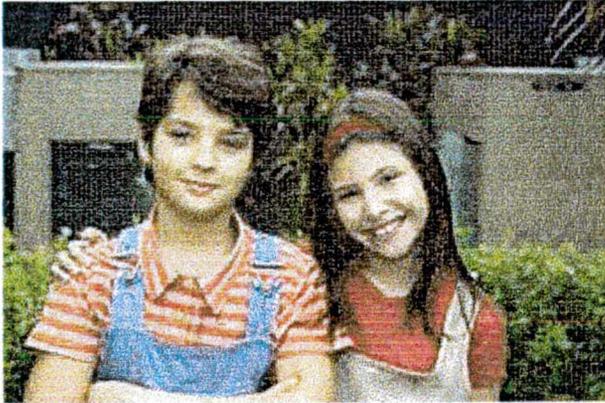
Roberto Talma, diretor do programa, afirma que está sendo fiel ao texto de Lobato, mas presenteou Dona Benta (Nicete Bruno) com a modernidade de um e-mail. Cada semana o Sítio trará uma história completa, dividida em capítulos de 15 minutos – Reinações de Narizinho e O Saci serão as primeiras. No mesmo embalo de fantasia, chegaram às lojas os primeiros 25 CDs da série Disquinho, coleção que fez sucesso na década de 60 e 70 com versões, musicadas por Braguinha, de famosas fábulas infantis, como O Chapeuzinho Vermelho e O Patinho Feio. A festa ficará completa com a chegada em março do ano que vem de Ilha Rá-Tim-Bum, que já está sendo produzida pela TV Cultura e promete repetir o sucesso do Castelo Rá-Tim-Bum.

*Colaborou Celina Côrtes (Rio)*

## "Sítio do Pica-Pau Amarelo" está de volta à TV após 15 anos

Por Sabrina Grimberg

João Miguel Junior/Divulgação



Pedrinho (César Cardadeiro) e Narizinho (Lara Rodrigues) da nova versão do "Sítio"

RIO DE JANEIRO - Dona Benta

voltará a abrir seu livro de histórias. Emília, Pedrinho e Narizinho viverão aventuras. E a Cuca vai pegar. Nem que sejam as delícias culinárias de Tia Anastácia, de dar água na boca. Depois de um jejum de quinze anos, o maior sucesso na área de Pedrinho (César Cardadeiro) e Narizinho (Lara Rodrigues) da nova versão do "Sítio" programação infantil

da TV brasileira está de volta à Globo. A nova versão do "Sítio do Pica-Pau Amarelo" tem estréia marcada para 12 de outubro, dia das crianças. O seriado baseado na obra de Monteiro Lobato será exibido nas manhãs da emissora, com uma história por semana. Cada episódio, de quinze minutos, terá cinco capítulos, apresentados de segunda a sexta-feira. O "Sítio" entrará no ar dentro do programa infantil "Bambuluá" (das 9h30 às 11h55), apresentado por Angélica.

Como na primeira versão, os textos de Monteiro Lobato serão mantidos apenas como adaptação para a TV. Mas desta vez, o programa ganhará ares mais modernos. Segundo o diretor de núcleo da emissora, Roberto Talma, o "Sítio" contará com recursos tecnológicos como computação gráfica. Um dos recursos ao qual o diretor se refere poderá ser percebido logo na primeira aparição do personagem Visconde de Sabugosa. "Apareço na história com apenas 45 centímetros", conta o ator Cândido Damm, que faz seu primeiro papel de destaque na TV. "Sou profissional de teatro desde 1982 e recebi este convite do próprio Talma", afirma orgulhoso.

O diretor-geral de programação infantil da emissora (cargo que, em breve, será assumido por Marlene Mattos) Marcio Trigo sabe da responsabilidade de agradar não só às crianças como também aos adultos que acompanharam a primeira versão do "Sítio", em 1951, na TV Tupi. "Acredito que exista uma expectativa muito maior por parte dos adultos por terem acompanhado o primeiro 'Sítio'", afirma Trigo. "Nosso trabalho tem como foco a

criança, mas como nos filmes da Disney, são produzidos para todo mundo aprovar."

Na nova versão, caberá a atriz Nicete Bruno interpretar a vovó Dona Benta, que cuidará das crianças. A tia Anastácia (Dhu Moraes) promete conquistar Emília (Isabelle Drummond), Narizinho (Lara Rodrigues), Pedrinho (César Cardadeiro) e o Saci (Izak Dahora) pelas delícias que prepara na cozinha. Para entrar no clima de seus personagens, os atores passaram dois meses em um sítio, em Pedra de Guaratiba, participando de rodas de leitura da obra de Monteiro Lobato. O ator César Cardadeiro, por exemplo, aprendeu andar a cavalo. Já Nicete Bruno e Dhu Moraes não escaparam das aulas para ordenhar vacas. Nos bastidores, a grande surpresa é o desempenho de Isabelle Drummond. Mesmo sem nunca ter visto atuações de outras Emílias, como Lúcia Lambertini (a primeira delas, em 1951, ainda na TV Tupi), Dirce Migliaccio (a primeira Emília da TV Globo), Reny de Oliveira (que por cinco anos foi titular da personagem) e Suzana Abranches (de 1983 a 1985), Isabelle vem surpreendendo os diretores da produção. "É impressionante como ela é a Emília. Decora os textos com uma facilidade de deixar qualquer um boquiaberto", conta Trigo. Segundo o diretor, a escolha proposital de colocar uma criança para atuar como Emília tem tudo para dar certo. "Ela tem raciocínio e genialidade de criança, exatamente o que precisamos."

Os personagens Rabicó, Quindim, Burro Falante além da temida Cuca serão interpretados por atores fantasiados do grupo teatral Cem Modos, que se responsabilizarão pela manipulação dos bonecos. A parte de dublagem ficará a cargo de profissionais como Mario Jorge e Mauro Ramos, entre outros. Técnicas em 3D serão usadas nos computadores para dar vida a personagens terciários.

Os dois anos do projeto que envolveu a volta do "Sítio do Pica-Pau Amarelo" à TV incluem ainda o lançamento do programa em DVD e a regravação da trilha sonora. A famosa música de abertura ("...goiabada de marmelo...") foi regravada pelo cantor e compositor Gilberto Gil. A baiana Ivete Sangalo gravou a música da personagem Narizinho, enquanto Cássia Eller ficou encarregada da trilha de Cuca. A banda Jota Quest assina a canção do personagem Pedrinho e Max Viana compôs uma música para o papel de Tio Barnabé (João Acaiabe). O músico Carlinhos Brown escreveu a trilha do Saci. Como uma receita que deu certo na novela das sete da emissora, "As Filhas da Mãe", um rap está sendo feito especialmente para ser tema da boneca Emília.

Apesar de acreditar no sucesso da versão 2001 do "Sítio", o diretor Marcio Trigo considera a obra limitada. "Acho suficiente uma nova produção com três temporadas. Cerca

de 300 episódios ininterruptos." O primeiro episódio "Reino das Águas Claras" irá marcar a volta do programa à TV Globo.

## **Histórico**

No ar! Durante treze anos, esse foi o sinal para Emília, Pedrinho, Narizinho, Tia Anastácia, Visconde de Sabugosa, Cuca, Saci e companhia entrarem em cena. A primeira versão do "Sítio do Pica-Pau Amarelo", exibida pela TV Tupi de 1951 a 1964, era apresentada ao vivo, da sede da emissora, no Bairro do Sumaré, em São Paulo. Dona Benta dava início a todo episódio, abrindo seu delicioso livro de histórias para entreter a garotada. O telespectador era brindado semanalmente com a obra de Monteiro Lobato, adaptada, produzida e roteirizada por Tatiana Belink e Júlio Gouveia.

O sucesso do infantil foi levado para a TV Bandeirantes em 1968, juntamente com a dupla Tatiana e Gouveia. Eles tinham a missão de reproduzir os mesmos episódios da TV Tupi, desta vez em videotape e diariamente. Por causa de um incêndio que destruiu o arquivo da TV Bandeirantes, não há nenhuma imagem registrada da segunda versão do seriado.

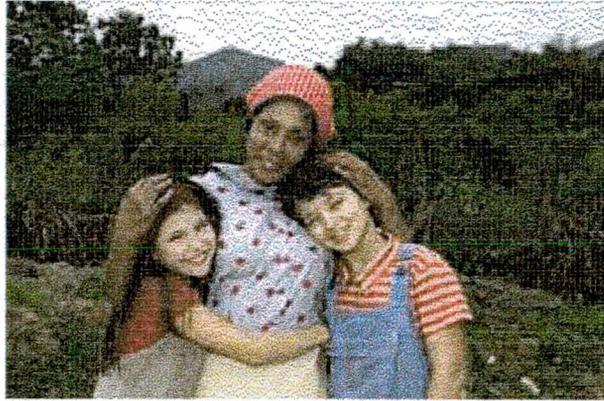
A terceira versão, que ainda está na memória de quem tem mais de 20 anos, ficou no ar de 1977 a 1986. Exibida pela Globo e pela TV Cultura, a adaptação televisiva do texto de Monteiro Lobato era feita por Benedito Ruy Barbosa (autor das novelas "Terra Nostra", "Renascer", entre outras) e Marcos Rey. De volta à programação da Globo, "O Sítio do Pica-Pau Amarelo" consolida-se como única obra a acompanhar toda a história da TV brasileira, que completou 50 anos em 2000.



João Miguel  
Junior/Divulgação

Isabelle Drummond é Emília  
na versão do infantil que  
estréia em outubro

João Miguel Junior/Divulgação



Tia Anastácia (Dhu Moraes) abraçada com Narizinho e Pedrinho

Divulgação



Personagens da versão anterior de "O Sítio do Picapau Amarelo"

Reprodução/ Revista Intervalo



Júlio Gouveia (à direita) faz placa do sítio em produção dos anos 50

## "Sítio do Picapau Amarelo" recebe ilustres convidados

www.estadão.com.br

13/11/2001

Programa, cuja boa audiência vem chamando a atenção dos anunciantes, contará com a participação especial de tipos do Reino da Fantasia, como a Branca de Neve

São Paulo - Emília e sua turma receberão convidados ilustres no *Sítio do Picapau Amarelo*. A Globo resolveu investir em participações de astros no infantil, a partir da semana que vem. Um dos primeiros a chegar ao *Sítio* é Ney Latorraca, que fará o personagem Barão de Munchausen. Latorraca atuará na festa de Dona Benta, armada por Emília, Narizinho e Pedrinho a partir de segunda-feira. A comemoração contará com a presença de tipos do Reino da Fantasia. Entre eles estarão Branca de Neve, vivida por Regiane Alves, e Cinderela, personagem de Thaís Fersoza. Marcio Keiling ataca de Aladin e Marcelo Faria será Ali Baba. A participação mais que especial fica por conta do casseta Bussunda, o Gênio da Lâmpada.

A intenção da emissora é recheiar o *Sítio* com novos convidados, sempre que a história o permitir. A emissora também estuda exibir, no período de férias, uma reprise do *Sítio* à tarde, a pedido de pais e crianças. A reprise pode ir ao ar logo após o *Video Show* ou antes de *Malhação*. Mas não é só o elenco do infantil que deve ganhar reforço. O sucesso de audiência do *Sítio* está despertando anunciantes. Corre nos bastidores que a emissora já pensa em abrir espaço para mais patrocinadores na atração.

Em princípio, a Globo pôs apenas uma única cota de patrocínio do *Sítio* à venda, que foi abocanhada pela Grendene por cerca de R\$ 1 milhão. O contrato com a marca, fechado em outubro, tem três meses de duração.

**Keila Jimenez**

**Jornal Estado de São Paulo - 21/10/2001 de Rodrigo Dionísio**

## **NOVO "SÍTIO" CONSEGUE MANTER ESPÍRITO ORIGINAL**

Pedrinho, menino da cidade, chega ao interiorano sítio de sua avó. Como primeira providência, toma por parceira Narizinho e vai se divertir brincando de pega-pega e nadando em uma lagoa.

De presente para a prima, traz uma boneca moderna, que fala e anda. Mas não era preciso, já que há na casa Emília, boneca de pano que fala, anda e pensa. Mais divertido ainda é fazer, com as próprias mãos, um brinquedo novo, de sabugo de milho, e, assim, acabar criando o Visconde de Sabugosa.

Essas são cenas dos primeiros capítulos do novo "Sítio do Pica-Pau Amarelo", no ar desde o dia 12. É divertidíssimo e inteligente.

Para quem teve medo do fato de Dona Benta navegar na internet na versão atual e de possíveis modernices, topou com o melhor do espírito lobatiano. Os planos são abertos, com a natureza em destaque. Há lendas, o bucolismo e a fantasia das versões anteriores.

Melhor ainda: o "Sítio" vai bem no Ibope, negando a idéia de que, para atrair a criançada, é preciso de ação e violência. Se bem que parte da audiência dever ser formulado por marmanjos, matando saudade...





Retomar velhos conceitos, avaliá-los e, a partir da observação, questionar suas bases, alterando seus erros, traduz o mais louvável ato humano de chegar ao nirvana do conhecimento. Slavoj Zizek, filósofo esloveno, em citações de "Em defesa do ciberleninismo" foi categórico: "A mídia nos bombardeia constantemente com a necessidade de esquecer os 'velhos paradigmas'". O mundo precisa ter ciência da valia do ato de conciliar o antigo em meio às novas condições. O maior veículo de comunicação de massa, vêm reconhecendo, mesmo que em doses homeopáticas, as vantagens de retomar velhos modos de produção televisiva na programação da era digital.

Clássicos da dramaturgia tupiniquim estão de volta para que vivamos a nostalgia da época em que a TV era inteligente, divertida e cultural. A readaptação da obra de Monteiro Lobato para a televisão, culminou uma tendência que havia sido ignorada pelas emissoras: o retoque do antigo afim de incrementar o novo. O povo brasileiro tem, por falta de informação, o costume de classificar elementos em desuso como velhos. Logo, literatura televisiva, jornalismo imparcial e programação infantil voltada aos moldes pedagógicos são considerados velharias, atrações obsoletas, bregas. A fantástica produção "Sítio do Picapau Amarelo" voltou a grade infantil para quebrar tabus e provar que o brasileiro ainda sabe qualificar o que assiste.

Com uma produção irretocável, os personagens ganharam traços modernos sem perder a ingenuidade prevista na obra literária. Fez-se o milagre de colocar Tia Anastácia manuseando um microondas, sem que a trama se perdesse no tempo. O pano de fundo da trama, mesmo que mais atual, ainda é o reflexo do cenário previsto por Monteiro.

A bonequinha Emília ganhou ares de inocência, não que a faltasse essa virtude, mas o fato de terem colocado uma criança no papel da boneca de pano, realçou esse adjetivo. A Cuca, infelizmente, não é mais a mesma. Não por culpa dos roteiristas, mas sim da futilidade da programação atual, que banalizou a violência em todos os programas. As crianças

perderam o medo da Cuca, considerando-a inofensiva frente as barbáries apresentadas nos desenhos japoneses.

As crianças poderão, finalmente, voltar a sonhar com um mundo imaginário, onde a fantasia ultrapassa a barreira da imbecilidade dos Pokémons e Digimons afora. Certamente, o "Sítio" abrirá portas para novas empreitadas televisivas. O resgate do antigo como aprendizado para o futuro deveria ser a palavra-chave nas emissoras de TV. Pena que a baixaria e a apelação generalizada renda mais do que uma programação plausível ao intelecto dos telespectadores.

Rio, 11 de novembro de 2001

### Escolas antenadas no ‘Sítio do Picapau Amarelo’

*Elizabete Antunes*

Não é lição de professora. Mas a prova de que o “Sítio do Picapau Amarelo” é um sucesso pode ser conferida com os números do ibope (média de 18 pontos) e em visitas a escolas do Rio e de São Paulo. Na Tijuca, no Jardim Escola Mundo Infantil, as crianças, que têm idades variando de 2 a 10 anos e estudam no horário integral (das 7h30m às 18h), não perdem um episódio da obra de Monteiro Lobato, exibida na Rede Globo a partir das 11h30m. Após o almoço, elas grudam os olhinhos na televisão e ficam atentas às histórias da turma de Dona Benta. Segundo a diretora Yara de Castro Almeida, do Mundo Infantil, a iniciativa partiu dos próprios alunos.

— Houve um grande interesse, que foi estimulado pelos professores. Chegamos a antecipar em 15 minutos a hora de almoço deles, que era às 11h15m, para que não perdessem o programa. Os alunos que estão em aula na hora do “Sítio” é que lamentam. Mas a escola ou os pais às vezes gravam para eles assistirem depois — conta Yara.

— Se dependesse das crianças, o “Sítio” ficaria no ar o dia inteiro. Elas lamentam quando o programa chega ao fim e fazem um estridente coro de “acaboooooooo” ao subirem os créditos. Na volta à sala de aula, começam a cantarolar as músicas do infantil e sonham ser a Emília, a Narizinho, o Pedrinho...

— Outro dia, quatro meninas, todas na faixa de 3 anos, saíram da escola com as trancinhas e o nariz pintado de vermelho iguais aos da Emília — conta a diretora Márcia Ramalho, do Núcleo Educacional Conceito, em São Paulo. — O “Sítio” é muito educativo e leva a criança para o mundo da fantasia.

Para Maria Cristina Azevedo Barcelar, coordenadora do integral do Mundo Infantil, o programa está libertando o público infantil do videogame:

— Ele resgata brincadeiras como a amarelinha e o pique.

— Coordenadora do horário integral do Liceu Franco-Brasileiro, em Laranjeiras, Ani Vaz também vibra ao ver os seus alunos tão interessados em ouvir os “causos” de Tio Barnabé:

— Eles estão muito entusiasmados. E não é para menos. Monteiro Lobato é nota dez, onze. O programa faz a criança viajar no tempo. Muito melhor do que esses desenhos em que

os personagens atiram, matam e esfolam. O “Sítio” traz a pureza de antigamente para o universo infantil — avalia.

— Mestre em educação e professora de psicologia educacional, Tânia Zagury aprova o interesse da garotada em acompanhar na escola as travessuras de Cuca e sua trupe na televisão:

— — É uma iniciativa de valorizar os poucos programas bons que existem para as crianças na TV. O “Sítio” tem ensinamentos que são muito legais. A obra de Monteiro Lobato é o reflexo de uma infância saudável.

— Nicete Bruno, a Dona Benta da história, fica orgulhosa com a resposta do público infantil e do adulto também.

— Tenho recebido muitas demonstrações de carinho das mães. Outro dia, uma delas me disse que estava feliz porque seu filho, de 11 anos, finalmente estava vendo algo na TV que valia a pena — diz a atriz. — E acho maravilhoso saber que as crianças estão vendo até na escola. Espero que o programa crie nelas o interesse pela literatura.

— Um dos diretores da atração, Pedro Vasconcelos fica fascinado com o interesse que o “Sítio do Picapau Amarelo” desperta nos pequenos telespectadores, como o seu filho Lucas, de 4 anos, que também acompanha o trabalho do pai na escola.

— Eu, que sou da geração da primeira versão, agora posso conversar com meu filho sobre a Cuca, o Saci. Na escolinha dele vão até fazer um teatrinho com os personagens. É uma honra estar à frente do “Sítio” — comemora.

## Mágica do "Sítio do Picapau Amarelo" ainda funciona

Ana Carolina Soares

Mais de 1,5 milhão de crianças, só em SP, estão ligadas na Globo para acompanhar as aventuras de Emília, Narizinho e companhia - o que prova que as histórias de Lobato continuam a provocar encantamento

São Paulo - O encanto se repete. Não graças à mágica do pó de pirlimpimpim, mas como mais um dos truques da televisão. Levado ao ar pela TV Tupi pela primeira vez em 1952, o *Sítio do Picapau Amarelo* chegou com tudo ao novo milênio, em sua quarta versão. Por meio da telinha da Globo, desde 12 de outubro passado mais de 1,5 milhão de crianças só na Grande São Paulo acompanham a nova-velha história: as emoções de Narizinho e de Emília, a boneca falante, ao explorarem reinos encantados de águas claras e estrelas no lago do sítio da simpática Dona Benta, que também se preocupa com o outro neto, Pedrinho, primo de Narizinho, destemido caçador de Sacis. O garoto também tem seu boneco falante, o Visconde de Sabugosa. Tudo isso regado aos bolinhos da Tia Anastácia, quitutes fumegantes em que o cheiro consegue transpor as telas, bem na hora do almoço.

Tal hipnose se desenrola de segunda a sexta, por volta das 11h30, em breves "pílulas" com meia-hora de duração. A nova versão do *Sítio* da Globo também conseguiu outra bela mágica para a emissora: elevar a até então capenga audiência de Bambuluá da Angélica. Antes ameaçado por Eliana e cia., além das outras loiras dos canais rivais, o programa pulou de 10 pontos de média no Ibope para 15. Parodiando o segundo livro da série escrita por Monteiro Lobato, na hora do *Sítio* os números fazem uma verdadeira *Viagem ao Céu* e alcançam os 21 pontos.

"Recebemos média de 100 e-mails por dia sobre o programa. Nossa Central de Atendimento também vê crescer a cada dia o número de telefonemas relacionados ao Sítio", comemora Roberto Talma, diretor de núcleo da Globo. "Todas as mensagens são emocionantes. Mas a mais curiosa foi a de uma turma de crianças que estuda em horário integral e que contou para a gente que eles tinham pedido ao colégio para mudar o horário do almoço, para que eles pudessem assistir ao Sítio. As crianças de hoje já sabem se organizar para conseguir o que querem", brinca o diretor.

**Emília** - Com a frase na ponta da língua, as irmãs Carol e Camilla Macedo, 5 e 7 anos, e a amiga Janete Kong, 7, anunciam: "A Emília é a mais legal do *Sítio!*" A 'mais legal', no caso, vem sendo vivida pela pequena Isabelle Drummond, 7 anos, a quem coube a responsabilidade de interpretar a boneca falante na nova versão.

Apressada Isabelle nem consegue falar como se sente na condição de 'famosa': "Tem um monte de pessoal e... me pára na rua e... pergunta se sou de verdade e... me dá um beliscão na bochecha. E... tchau, que eu tenho que gravar."

A dicção é de uma menina de 7 anos, mas Isabelle tem uma rotina de uma moça 20 anos mais velha. Ela acorda às 7h, entra no colégio às 7h40, sai às 11h40 e vai direto para os estúdios. A seguir, enfrenta 40 minutos de pesada maquiagem ("É difícil porque não posso me mexer. E eu sou sapeca", diz a nova Emília) e pelo menos cinco horas de gravação. Vai dormir por volta das 22h. "Mas é legal pra caramba!", conta a menina, que alimenta no momento pelo menos cinco sonhos: o de ser atriz, modelo, cantora, bailarina e veterinária.

Por causa da pouca idade e nenhuma experiência, muitos acreditavam que Isabelle não daria conta do papel, desempenhado nas versões anteriores para a TV por quatro atrizes adultas: Lúcia Lambertini, Dirce Migliaccio, Reny Oliveira e Suzana Abranches.

A idéia de escalar Isabelle foi de Roberto Talma, diretor que toca o projeto do *Sítio do Picapau Amarelo* desde o fim do ano passado. Apesar do núcleo ter sido transferido para Marlene Mattos neste semestre, Talma vai continuar com a atração no ano que vem e talvez nos próximos anos. (A Globo não sabe qual será a longevidade do novo *Sítio*. Em 1986, sabe-se que a atração terminou por conta de um incêndio no estúdio.) "A Isabelle me lembra a Glória Pires no início da carreira. É muito talentosa", diz Talma. "Queria promover uma interação maior entre ela, Narizinho e Pedrinho. Achei que ter uma criança ajudaria neste processo. Ainda não trabalhamos com a hipótese de estipular uma idade limite para os participantes. Eles ainda são muito novinhos e vai depender do desenvolvimento de cada um", explica Talma.

Com a Emília criança e truques tecnológicos, o projeto de Talma segue com sucesso. "Essa nova versão está toda ótima. Fico feliz que minhas filhas assistam a um programa tão bom", comemora Maurícia Albuquerque Macedo, 37, mãe de Carol e Camila.

"O *Sítio* é um programa excelente! Muito educativo que estimula a fantasia, a criatividade, além de propagar o conceito de família harmônica. Uma atração bem mais

saudável do que aquelas loiras sensuais que fingem que são anjos e só se preocupam em vender suas sandalhinhas, roupinhas e brinquedos", diz Tereza Bonumá, psicóloga.

**250 produtos nas lojas** - Educadivo sim, mas comercial também. Pegando carona no sucesso, a Globo Marcas fez um acordo com a ML Licenciamentos, empresa da família de Lobato. Já estão nas lojas, desde junho deste ano, cerca de 250 produtos diferentes, entre bonecos, jogos, materiais escolares e ainda outros itens.

Aproveitando o Natal, a Globo irá levar ao ar um especial de fim de ano do *Sítio* no dia 26 de dezembro, depois de *O Clone*. A história principal será sobre a festa de debutante da Cuca, que completa 15 mil anos, com a participação dos grupos que cantam a trilha sonora do programa. Na carona da festa, a Som Livre irá vender a trilha-sonora na época do especial, que tem como astros Ivete Sangallo, Cássia Eller, Gilberto Gil, entre outros.

Ainda no item merchandising, a maior decepção fica - por incrível que pareça - por conta da boneca Emília, que não ganhou o empurrão tecnológico, ou seja, é muda. "Pedi de presente ao Papai Noel de Natal, mas aí minha amiga disse que ela não fala como na televisão...", choraminga Janete.

## A criança como ser mitológico

Eugênio Buccí, Coluna De olho na televisão, Nova Escola, dezembro de 2001.

Estreou recentemente a nova encarnação do *Sítio do Picapau Amarelo* na Rede Globo. Vai ao ar às 11h30, durante o programa da Angélica. Há uma unanimidade de elogios - ao *Sítio*, não à Angélica. Dizem que é bom, bonito, bem produzido etc. Dizem que a televisão está convidando as crianças à leitura deste clássico nacional que é o Monteiro Lobato infantil. Concordo com todos os elogios. Numa programação sombria como tem sido a nossa, personagens como Emília, Narizinho e Pedrinho surgem como pontos de luz. Em particular para quem é professor de crianças.

O *Sítio do Picapau Amarelo* é um aliado de todos os educadores. Mais ainda: o *Sítio* nos ajuda a fazer de conta que ainda existe a criança ancestral que brota dos rincões da brasilidade. Uma criança, a propósito, que a televisão praticamente pôs em extinção. Era uma vez o *Sítio*, uma reserva ecológica da imaginação pátria.

Agora, olhe em volta. Além do *Sítio*, o que é que existe? Uma loira pulando. Outra loira pulando. Não como sacis, mas como históricas. Desenhos animados que são tijolos tingidos explodindo-se uns contra os outros. Brucutus fosforescentes. Anúncios publicitários de produtos exóticos. Uma goma, um par de tênis, líquido para beber e fazer cara de mau. Outro dia, alguém comentava que todas as propagandas de automóveis são feitas para gente muito esquisita. Tinha uma de um sujeito que ia correndo por cima dos móveis e atravessando as paredes da casa só para ver o carro passando na rua. E outra de um alegrão que vibrava ao levar uma multa por excesso de velocidade.

Ora, mas qual é a propaganda que é feita para alguém normal? Todas, absolutamente todas, dirigem-se a um impulso consumista situado numa região cerebral entre o tolo e o selvagem. A televisão se infantilizou ao extremo, no pior sentido. Os publicitários acreditam que as crianças influenciam as compras dos pais (até as compras de automóveis) e, portanto, é preciso fazer com que as crianças gostem do modelo que os adultos comprarão. Fora isso, o homem ideal dos tempos atuais não passa mesmo de um criança brincando de carrinho, de cigarrinho, de aviãozinho de guerra.

É comum que pesquisas com telespectadores mirins detectem neles uma preferência por programas supostamente adultos. Como os filmes de ação, os humorísticos mais chulos, a novela das oito. Crianças contemporâneas gostam de programas adultos porque os programas

adultos são todos infantilizados. Mas não estamos falando de uma infantilização idealizada, com estilingues bucólicos e suspensórios traçados a lápis de cor. Falamos de uma infantilização tardia, caduca, que põe os vícios da fase adulta na ausência de limites típica do mundo infantil.

Por isso, o erotismo na TV é infantil. O telejornalismo é infantil. A cobertura das guerras é infantil. As declarações de guerra são infantis: o bem contra o mal. Nana telespectador, que o Bin Laden vem pegar. A TV é a negação da utopia de Drummond: é a canção que faz acordar as crianças, eletrizar as crianças, e adormecer, entorpecer os homens.

Acho que é por isso que a gente gosta tanto do *Sítio*. É um idílio, um relicário numa quina do inferno. Não é o saci que é um ser mitológico. É aquela criança que está ali para nos embevecer. É ela que não existe. E a gente sorri, redimida. Que televisão mais graciosa.

Eugênio Bucci é professor de Ética Jornalística na Faculdade Casper Líbero

Televisão

## Pó de pirlimpimpim

**Sítio do Picapau Amarelo, exibido na Rede Globo, se firma como uma das melhores produções televisivas do momento e vira mania entre a garotada.**

Eliane Lobato



Emília, a boneca de pano que fala pelos cotovelos, segundo os especialistas é o alter ego de seu criador, o paulista Monteiro Lobato (1882-1948). Centro das atenções dos livros cujas histórias acontecem ou partem do *Sítio do Picapau Amarelo*,

Nicete (à esq.), no papel da doce avó Dona Benta, Isabelle, vivendo a espevitada boneca Emília e Dhu, encarnando a Tia Anastácia: modernidades como computador com e-mail, alpinismo social e forno de microondas

Ela também é apontada como precursora do feminismo, tamanha a independência com que seu perfil foi costurado pelo escritor na década de 20. Intrrometida, alpinista social, pois casou-se com o Marquês de Rabicó só para ter título de marquesa, ardilosa, malcriada,

abusada, inteligente e muito divertida, Emília e outros deliciosos personagens que compõem a obra voltam a encantar o Brasil pela televisão na quarta versão do programa *Sítio do Picapau Amarelo*. No ar desde outubro do ano passado, a atração se firma como uma das melhores produções televisivas do momento. Igualmente se coloca como verdadeira mania nacional, refrescando com folclore brasileiro, fantasia e cultura a cabeça da garotada, normalmente lotada de desenhos animada históricos e de tatibitatis de apresentadoras louras.

A primeira adaptação da obra de Lobato aconteceu na extinta TV Tupi de São Paulo, entre 1951 e 1963, ainda em preto-e-branco e ao vivo. Depois, a turma rumou para a Rede Bandeirantes em versão colorida, entre 1968 e 1969. Na Rede Globo, ficou no ar de 1977 a 1986.

Ao retornar às manhãs globais, o *Sítio* antes passou por um processo de atualização que deixou muita gente preocupada. Afinal, como seria a doce avó Dona Benta usando e-mail ou a Tia Nastácia



trocando o fogão a lenha pelo microondas? Parecia demais para a telúrica história de Monteiro Lobato. Mas as adaptações não chegam a comprometer. Luciana Sandroni, uma das roteiristas do programa, cita como exemplo o personagem Pedrinho. “Ele sempre foi mais urbano, só que hoje fala gírias, tem uma câmera digital, joga videogame. Ao mesmo tempo, adora passear no Pangaré, pescar, ouvir histórias, se aventurar na mata com o Saci”, diz ela.

As maiores mudanças aconteceram com Emília. Nas versões anteriores, ela era interpretada por atrizes adultas, entre as quais Dirce Migliaccio. Agora, quem a encarna é a graciosa Isabelle Drummond, sete anos. Para a escritora Tatiana Belinky, 83 anos, roteirista da primeira versão dirigida e produzida pelo falecido marido Júlio de Gouveia, uma criança não dá conta da complexidade da personagem, embora elogie o talento de Isabelle. “A Emília de Lobato é muito forte. A atual é uma menina maravilhosa brincando de Emília”, explica a escritora, que conheceu Lobato pessoalmente e aponta a pioneira Lúcia Lambertini como a intérprete imbatível do papel. Especialista em *Sítio*, ela aplaude a nova produção, mas faz algumas críticas. “A Cuca virar peruca e com cara de jacaré não dá. E ela aparece demais. No original, quase não tem destaque”. Apesar da licença de estilo, Tatiana ressalta a importância de se oferecer um programa do gênero à criançada de hoje em dia. Nicete Bruno, que interpreta a Dona Benta, concorda. “Este trabalho tem função social. É um prazer especial enaltecer a boa literatura.”

Reconhecimento não falta. A creche e pré-escola Miraflores, em Laranjeiras, na zona sul carioca, aproveitou o interesse das crianças pelo programa e instituiu a obra de Monteiro Lobato como tema de trabalho para o ano todo. Segundo a vice-diretora Regina Rocha Lima, é surpreendente a afinidade dos pequenos com a história e seus personagens. “Outro dia, veio uma garota vestida de Emília conversar com as crianças. Elas perguntavam coisas do tipo: ‘Por que você se casou com o Rabicó, que é porco?’ Queriam entender.” No Carnaval, a escola fez o Baile do Sítio do Picapau Amarelo e a boneca Emília foi a fantasia de quase todas as meninas. O sucesso se repetiu em outros bailes carnavalescos Brasil afora e, evidentemente, na indústria de brinquedos. Lojas populares como Magal e Americanas esgotaram no Natal o estoque de bonecas Emília, em versões pequena, média e grande, com preços de R\$ 20 a R\$ 100.

Assim como o bruxinho Harry Potter, a turma do *Sítio* também está em mochilas, jogos, cadernos, roupas e vários tipos de brinquedos. Dhu Moraes, a Tia Nastácia, vê na aceitação um resgate importante da infância. Para ela, não há mistério porque criança sempre

gostou de coisas simples e naturais. A sofisticação pertence ao adulto. “Eu nasci num sítio, perto de Itaboraí, interior do Rio. É maravilhoso esse universo de bichos e da roça.” Dhu – uma das integrantes originais do grupo As Frenéticas, que volta a fazer turnê nacional com o show *Pra salvar a Terra* – se diz encantada em trabalhar com crianças. “Todos são atores natos e me impressiona como conseguem decorar aqueles textos enormes.” Deve ser o pó de pirlimpimpim, que, segundo Monteiro Lobato, é a viagem fantástica que só existe para quem quer.

A Rede Globo estréia na sexta-feira, dia 12 de outubro, a nova adaptação para a TV da obra de Monteiro Lobato: Sítio do Picapau Amarelo. Com direção de núcleo de Roberto Talma e direção-geral de Marcio Trigo, a série vai reviver, nas manhãs da emissora, toda a fantasia criada pelo escritor, em capítulos diários de 15 minutos, completando uma história por semana.

Dona Benta (Nicete Bruno), Tia Nastácia (Dhu Moraes), Tio Barnabé (João Acaiabe), Pedrinho (Cesar Cardadeiro), Narizinho (Lara Rodrigues), Emilia (Isabelle Drummond), Visconde Sabugosa (Candido Damm), Saci (Izak Dahora), Cuca (Jacira Santos), Marques de Rabicó (Aline Mendonça), Burro Falante (Zé Clayton) e Quindim (Sidnei Beckencamp) viverão novamente entre a realidade e a fantasia, com muito po de pirlimpimpim.

A primeira semana traz um dos capítulos do livro Reinações de Narizinho, o Reino das Águas Claras, onde a história central é a ida de Narizinho (Lara Rodrigues) ao reino do Príncipe Escamado (Rafael Novaes). Lá, Narizinho conhece o sapo Major agarra-e-não-largamais (Zé Clayton), briga com Dona Carochinha (Josie Antello) e ganha o vestido mais deslumbrante da Dona Aranha (Ana Paula Botelho). E no Reino das Águas Claras também que Emilia (Isabelle Drummond) toma as pílulas do Doutor Caramujo (Paulo Bibiano) e desata a tagarelar.

Enquanto isso, Pedrinho (Cesar Cardadeiro) está na cidade grande em clima de preparação para as tão sonhadas férias no Sítio do Picapau Amarelo e Dona Benta (Nicete Bruno) e Tia Nastácia (Dhu Moraes) cuidam dos preparativos para a chegada de Pedrinho (Cesar Cardadeiro). Na volta do Reino das Águas Claras, Narizinho (Lara Rodrigues), junto com Emilia (Isabelle Drummond) e o Marques de Rabicó (Aline Mendonça), esperam pelo primo na porteira.

A segunda e a terceira semanas trarão a adaptação do capítulo do Saci. Neste episódio, Pedrinho (Cesar Cardadeiro), desde que chegou ao Sítio, só pensa em ter um saci. Ele procura Tio Barnabé (João Acaiabe), que ensina a arte de pegar um. Pedrinho, escondido de Dona Benta (Nicete Bruno), entra no Capoeirão dos Tucanos e, junto com o Saci (Izak Dahora), tem uma aventura com todos os seres mágicos da mata: o lobisomem, a mula-sem-cabeça, a Iara e, e claro, a sacizada. Enquanto isso, Narizinho (Lara Rodrigues) é transformada em pedra pela malvada Cuca (Jacira Santos). Pedrinho e Saci se armam de coragem e enfrentam com bravura a bruxa para salvar a menina. Emilia (Isabelle Drummond) faz amizade com

Visconde de Sabugosa (Candido Damm), boneco feito por Pedrinho e Narizinho a partir de uma espiga de milho, que foi jogado entre os livros da biblioteca de Dona Benta.

Na quarta semana, a serie voltara para Reinações de Narizinho. Em o Casamento da Emilia, a boneca e enganada por Narizinho e se casa com o Marques de Rabicó (Aline Mendonça) acreditando que ele e, na verdade, um príncipe. Na cerimônia, o guloso Marques acaba comendo todos os doces e Pedrinho conta toda a verdade para a Emilia. Logo em seguida, Narizinho volta ao Reino das Águas Claras, só que, desta vez, levando toda a turma. Todos são recebidos novamente pelo Príncipe Escamado que esta sofrendo de narizite aguda e é aconselhado pelo doutor Caramujo a pedir o nariz, quer dizer, a menina do nariz arrebitado em casamento.

Enquanto isso, chega ao Sitio do Picapau Amarelo um objeto não identificado por Tia Nastácia: um microondas. Adquirido por Dona Benta para ajudar Tia Nastácia na cozinha, o aparelho provoca desconfiança. Quando a galerinha volta das "reinações", Tia Nastácia percebe que e insubstituível.

## **PERFIL DOS PERSONAGENS**

Dona Benta (Nicete Bruno) - Senhora mais preocupada com a qualidade de vida e, por isso, sempre fazendo caminhadas pelo Sitio, continua a ser antenada com seu tempo: assina jornais e revistas, atualiza sua biblioteca e agora se mantém informada através do computador. Seu e-mail e encerrabodes@sitio.com.br Além de alimentar a imaginação e a curiosidade dos seus netos, Dona Benta continua se preocupando com questões sociais, como a campanha do agasalho e da fome. Alem disso, a leitura e o croché são ainda seus hábitos preferidos.

Tia Nastácia (Dhu Moraes) - Alem de alimentar a turma do Sitio com seus quitutes, alimenta a imaginação das crianças com suas historias sobre os seres fantásticos que vivem no Capoeirão dos Tucanos. Tia Nastácia e o faz-tudo do Sitio, mas toda a turma a ajuda bastante cooperando com as tarefas domesticas.

Narizinho (Lara Rodrigues) e Pedrinho (Cesar Cardadeiro) - São as mesmas crianças curiosas e espertas, sempre atrás de aventuras. Narizinho e sapeca e Pedrinho, que vem da cidade, tem uma câmera de vídeo, anda de skate, joga videogame e, no Sitio, adora andar a cavalo, tomar banho no ribeirão e sair pela mata em busca de aventuras.

Emilia (Isabelle Drummond) - Continua sendo a irreverência em pessoa. Ela é a grande dadeira de idéias do Sítio. A boneca continua crítica e mandona como sempre, liderando a maioria das aventuras.

Visconde de Sabugosa (Candido Damm) - É o mesmo sábio embolorado, científico, erudito e atrapalhado, que vive na biblioteca entre os livros.

Rabicó (Aline Mendonça) - O mesmo covarde e comilão.

Tio Barnabé (João Acaiabe) - Empregado que cuida dos animais e também é entendido dos entes fantásticos da mata.

Burro Falante (Zé Clayton) - É um personagem de uma das fábulas de La Fontaine, levado para o episódio Reino das Fábulas. Vivera mil aventuras ao lado de Pedrinho (Cesar Cardadeiro), Emilia (Isabelle Drummond) e Narizinho (Lara Rodrigues). É filósofo e extremamente inteligente.

Quindim (Sidney Beckenkamp) - É um rinoceronte que fugiu do circo onde trabalhava e acabou indo parar no Sítio. Como o próprio nome diz, é um doce de criatura e foi eleito por Emilia (Isabelle Drummond) "tomador de conta do Sítio" por seu enorme tamanho.

Cuca (Jacira Santos) - Vai continuar sendo uma bruxa com cara e corpo de jacaré mas ganhou charme e sensualidade. É a grande vila da história. Vai viver em seu caldeirão criando poções e planejando invadir o Sítio.